



“Os bancos de areia ondulados parecem incandescentes nas águas de um vermelho escuro de um trecho do rio Negro.”

Ilustração extraída da publicação *Costeau na Amazônia*,
edição da distribuidora Record de Serviço de Imprensa S.A., 1984.



.....

**VIAGEM NA AMÉRICA
MERIDIONAL DESCENDO O
RIO DAS AMAZONAS**



Mesa Diretora
Biênio 1999/2000

Senador Antonio Carlos Magalhães

Presidente

Senador Geraldo Melo

1º Vice-Presidente

Senador Ademir Andrade

2º Vice-Presidente

Senador Ronaldo Cunha Lima

1º Secretário

Senador Carlos Patrocínio

2º Secretário

Senador Nabor Júnior

3º Secretário

Senador Casildo Maldaner

4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Eduardo Suplicy

Senador Jonas Pinheiro

Senador Lúdio Coelho

Senadora Marluce Pinto

Conselho Editorial

Senador Lúcio Alcântara

Presidente

Joaquim Campelo Marques

Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Raimundo Pontes Cunha Neto

Carlyle Coutinho Madruga

.....
Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros

**VIAGEM NA AMÉRICA
MERIDIONAL DESCENDO O
RIO DAS AMAZONAS**

Ch. - M. de La Condamine



Brasília – 2000

O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do País.

COLEÇÃO O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

Série Viajantes

Reminiscências de Viagem e Permanência no Brasil – Daniel P. Kidder

O Rio de Janeiro Como É (1824-1826) – C. Schlichthorst

Viagem ao Brasil – Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho – Richard Burton

Brasil: Amazonas–Xingu – Príncipe Adalberto da Prússia

Viagem na América Meridional – Ch.-M de La Condamine

Dez Anos no Brasil – Carl Seidler

Brasil: Terra e Gente (1871) – Oscar Canstatt

Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817 – Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied

Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo – Augusto de Saint-Hilaire

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2000

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70168-970 – Brasília-DF

CEDIT@senado.gov.br.

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

La Condamine, Charles-Marie de, 1701-1774.

Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas / Ch. -M. de La Condamine. – Brasília : Senado Federal, 2000.

204 p. – (Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros)

1. América do Sul, descrição. 2. Viagem, América do Sul. 3. Relatório de viagem, América do Sul. 4. Descoberta geográfica, rio Amazonas. I. Título. II. Série.

CDD 918



.....

Sumário

APRESENTAÇÃO
por Basílio de Magalhães
pág. 13

PREFÁCIO
pág. 29

RELATO

I

A medição da Terra e o seu achatamento – Outros trabalhos acadêmicos –
Viagens particulares – As pirâmides e suas inscrições
pág. 37

II

Projeto de retorno pelo rio das Amazonas – Viagem de Orellana –
Diversos nomes do rio das Amazonas – Viagem de Úrsua – Outras
tentativas – Viagem de Teixeira – Viagem do P. d'Acuña – Carta do rio
das Amazonas, por Sanson – Carta do P. Fritz – Curso do Maranhão –
Caminhos de Quito ao Maranhão: Archidona, Cañelos, Jaén
pág. 41

III

Partida de Tarqui – Zaruma e suas minas de ouro; grande calor – Pontes
de cipó – Loja – A quinquina – De Loja a Jaén – Loyola e Valladolid –
Rios Chinchipe e Chachapoyas, afluentes do Maranhão – O porto de
Jaén. Os saltos do Maranhão – Areias auríferas; cacau – Chuchunga
pág. 47

IV

Onde o Maranhão começa a ser navegável – Cumbinama, Escurrebragas, Guaracayo – Rio e cidade de Santiago – Os Xibaros – Borja, capital das Missões Espanholas – O Pongo de Manseriche – Acidente singular – Choque da jangada com o rochedo – Província de Mainas – Raridade das pedras

pág. 53

V

Os índios americanos – Diversidade de costumes e semelhança de caráter – Pobreza das línguas americanas – Palavras hebraicas comuns a várias línguas dos povos da América

pág. 59

VI

As missões espanholas de Mainas – O Morona e as três bocas do Pastaça – Laguna – O Guallaga – Canoas índias – Precauções para o levantamento da carta do Amazonas – O rio Tigre – Os jameus e sua língua; as sarbacanas – O autor refere-se ao “curare” sem mencionar o nome – O Ucaiale, talvez a verdadeira fonte do Amazonas

pág. 63

VII

A Missão de S. Joaquim e os omáguas, ou “cabeças chatas” – O floripôndio e a curupa – A fertilidade da região e as plantas úteis – Os cipós – As gomas, as resinas, os bálsamos, os óleos. O caucho e suas utilidades – O Napo – Pebas, a última das missões espanholas. Os antropófagos do interior. As orelhas monstruosas

pág. 69

VIII

S. Paulo de Olivença, a primeira Missão Portuguesa. A largura do Amazonas e os seus perigos. Índios guerreiros. O progresso das Missões Portuguesas – O conforto dos índios – As brigantinas portuguesas – Coari e outras missões carmelitas – O Jutai, o Juruá, o Tefé, o Coari – O Içá; o Japurá e suas bocas. Os antropófagos do Japurá – A lendária aldeia do

Ouro e o marco de Teixeira. O Iquiari e o Jurubech.
O Cuchivara. Paraguari

pág. 75

IX

As amazonas americanas – As asiáticas e as africanas

pág. 81

X

Partida do Coari – Línguas gerais – O Purus – Rio Negro. O forte do rio Negro. As Missões Portuguesas. A comunicação com o Orinoco – O Caquetá seria a fonte comum do Orinoco, do rio Negro e do Japurá – A lenda do El Dorado. Os manaus. O lago Marai. O Essequibo e o rio Branco

pág. 87

XI

O rio Madeira – Os nomes “Solimões” e “Amazonas” – O Jamundá – Estreito de Pauxis (Óbidos). As marés – O Tapajós – Os tupinambás. Pedras do Amazonas. Esmeraldas talhadas – Montanhas da Guiana – Árvore gigante - Forte de Perau – Rio Xingu. Especiarias – Os moscardos e os mosquitos do Amazonas – Curupá – O braço do Tajipuru – O rio das Duas Bocas. O Tocantins. O Muju – O Pará

pág. 95

XII

Os peixes. Peixe-boi. Mixano. Lampréia–torpedo. Tartarugas e jabutis. Ervas que embriagam os peixes. Crocodilos – Tigres. Pumas. Ursos? Alces. Coatis – Os símios. Os sagüis – Os répteis. A cascavel. A coral. A mãe d’água – O verme-macaco (berne) – Os morcegos – Pássaros. O colibri. O tucano. Papagaios e araras. Papagaios envermelhados. O caitau. O pássaro-trombeta. O Condor

pág. 103

XIII

A chegada ao Pará. A cidade do Pará – Experiências sobre o peso – A varíola e o tratamento pela inoculação – A partida do Pará – Marajó. Mexiana e Caviana – Forte de Macapá, quase sob o Equador – A pororoca – Um

baixa-mar – O cabo Norte. O Araguari. Rio e baía de Vicente Pinzón
(Amapá)

pág. 111

XIV

Chegada a Caiena – O pêndulo equinocial: medida que poderia universalizar-se – Sementes de quinina – Observações sobre a velocidade do som – Notas topográficas – Experiências de flechas ervadas – Polvos do mar

pág. 119

XV

Partida para Suriname – Chegada a Paramaribo – Embarque para Amsterdã – Corsários – Desembarque – Chegada a Paris

pág. 125

PRIVILÉGIO DO REI

pág. 127

APÊNDICE I

Carta a Madame***

pág. 131

Peças Justificativas

pág. 149

APÊNDICE II

Carta sobre os componentes da Comissão

pág. 171

APÊNDICE III

Carta sobre Madame des Odonais

pág. 177

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 201



LA CONDAMINE



.....

Apresentação

Na primeira metade do século XVIII ainda não se havia dado solução positiva ao problema da forma esferóide e da grandeza da Terra. Em 1735, isto é, quando em França reinava Luís XV (1714-1744), atingira o auge a discussão entre cassinianos e newtonianos, uma vez que não se chegara a acordo entre os que aceitavam as determinações do abade Picard e os que preferiam as conclusões dos irmãos Cassinis (Jacques, 1677-1756, e César-François, chamado “o Cassini-de-Thury”, 1714-1784), filhos e dignos continuadores do notável cientista Jean-Dominique Cassini (1625-1712), que pertenceu à Academia das Ciências e organizou o Observatório Astronômico de Paris.

Era então ministro do bisneto do “rei-sol” o conde de Maurepas (1701-1781), que, além de ter prestado outros serviços à França – qual o de haver propiciado a ascensão de Turgot ao galarim da política –, foi seguramente quem decidiu que se pusesse termo às referidas controvérsias, mediante expedições técnicas, as quais, em conformidade com o parecer dos sábios mais reputados,

14 Apresentação

deveriam dirigir-se ao Equador, à Lapônia e até mesmo ao extremo sul da África, a fim de realizarem simultaneamente as três seguintes tarefas: medir o arco do meridiano; determinar o comprimento do pêndulo que bate o segundo; e verificar a atração do fio a prumo pela massa semi-esférica do Chimborazo, para confirmar as previsões de Newton.

A primeira partiu em 1735 e foi a de que fez parte La Condamine. Veremos mais adiante como ficou pessoalmente composta, assim como quando e de que maneira terminou.

A segunda, que partiu em 1736, teve por figura principal Maupertuis (1698-1759), levando – além do padre Outhier, do astrônomo sueco Celsius (professor da Universidade de Upsala), e de alguns ajudantes – mais três membros da Academia das Ciências, Clairault (1713-1765), Camus (1699-1768) e Pierre-Charles Lemonnier (1715-1799), que escreveu depois interessantes trabalhos sobre a Lua. Embarcaram em Rouen, e, como o seu objetivo era medir os graus do meridiano no círculo polar ártico, foram ter à Lapônia.

Quando já realizadas essas expedições e conhecidos os respectivos resultados, ainda houve uma terceira, a de 1751, efetuada exclusivamente pelo padre De la Caille (1713-1762), que foi medir os graus do meridiano no cabo da Boa Esperança, onde ainda se dedicou a outros trabalhos mais importantes.

A de que fazia parte La Condamine, munida de passaportes concedidos pelo rei da Espanha (o qual era neto de Luís XIV), Filipe V (1700-1745), pois ia operar nos domínios ibero-americanos, partiu de La Rochelle a 16 de maio de 1735. Iam com La Condamine dois outros membros da Academia das Ciências, Louis Godin e Pierre Bourguer (nascido em Croisic, a 16 de

fevereiro de 1698, e falecido em Paris, a 15 de agosto de 1758), a quem se deve a invenção do heliômetro (por ele, primeiramente, denominado “astrômetro”), assim como os seguintes auxiliares: Joseph de Jussieu (1704-1779), da Faculdade de Paris e irmão dos célebres botânicos (Antoine e Bernard) do mesmo apelido; Jean Seniergues, cirurgião, vítima do motim popular de Cuenca (Peru), a 29 de agosto de 1739; Verguin, engenheiro naval; De Morainville, desenhista de história natural; Couplet, sobrinho do tesoureiro da Academia das Ciências; Hugo, especialista em instrumentos de matemática; e Godin des Odonais (1713-1792), viajante e naturalista, que veio a tornar-se, pela lóbrega odisséia de sua esposa, uma das figuras notáveis da importante missão. A esta ainda se juntaram na América, como representante de Filipe V, dois distintos oficiais da marinha espanhola, Jorge Juan Santacilia e Antonio de Ulloa.

A La Condamine, que já gozava do renome de bom escritor, coube a faina de relator dos trabalhos e sucessos da expedição aos altiplanos da América meridional. E dela desempenhou-se galhardamente, dando ensejo ao aparecimento de três publicações, todas sobremaneira interessantes para a cultura humana e uma delas particularmente para a cultura brasileira, pois que se refere ao nosso país.

A primeira assim se denominou. Relation abrégée d’un voyage dans l’intérieur de l’Amérique méridionale, depuis la côte de la mer du Sud jusqu’aux côtes du Brésil e de la Guiane, em descendant la rivière des Amazones – Lue à l’assemblée publique de l’Académie des Sciences, le 28 avril 1745 (Paris, chez la Veuve Pissot, 1745), in-8º, XVI-216 págs., “avec une carte du Maragnon ou de la rivière des Amazones, levée para le même”. No ano imediato (como se

*infernada data da carta apenas), esse informe oficial da missão científica saiu da mesma oficina tipográfica e com o mesmo título, sem a menor diferença quanto ao formato, ao número de páginas e à carta geográfica, o que induz a crer haja sido aproveitado o restante da editio princeps, trazendo apenas no fim: “Lettre à Madame *** sur l’émeute populaire excitée em la ville de Cuenca, au Pérou, le 29 d’août 1739, contre les académiciens des sciences, envoyés pour la mesure de la Terre” (1746), in-8º, 112 págs., e 1 estampa desdobrável. A outra edição apareceu 32 anos mais tarde, em outra oficina impressora, e foi assim denominada: Relation abrégée d’un voyage fait dans l’intérieur de l’Amérique méridionale, depuis la côte de la mer du Sud jusqu’aux côtes du Brésil et de la Guiane, em descendant la rivière des Amazones – Par M. de La Condamine, de l’Académie des Sciences – Avec une carte du Maragnon ou de la rivière des Amazones, levée par le même – Nouvelle édition – Augmentée de la relation de l’émeute populaire de Cuenca, au Pérou, et d’une lettre de M. Godin des Odonais, contenant la relation du voyage de Mme. Godin, son épouse... (Maestricht, Jean-Edme Dufour & Philippe Roux, 1778), in-8º, XVI-379 págs. Da 1ª edição conhece-se a versão inglesa, feita dois anos depois e assim intitulada: A succinct abridgement of a voyage made within the inland parts of South America, from the coasts of the South Sea to the coasts of Brazil and Guiana, down the river of Amazonas; and it was read in the public Assembly of the Academy of Sciences at Paris, April, 28, 1745 – By Mons. de la Condamine, of Academy – To which is annexed a map of the Maragnon or river of Amazonas, drawn by the same (London, E. Withers, 1747), in-4º, XII-108 págs. e 1 mapa. Saiu também na coleção de viagens,*

editada por Penkerton. Afora a edição da Calpe, houve ainda a da Labor, o que patenteia quanto interessou à Espanha a expedição científica do século excepcional, realizada nesta porção do Novo Mundo e precisamente nas altiplanícies andinas do então domínio castelhano.

A segunda veio a lume com a denominação seguinte: Journal du voyage fait, par ordere du Roi, à l'Equateur, servant d'introduction historique à la mesure des trois degrés du méridien (Paris, Imprimerie Royale, 1751), in 4^o, XXXVI-280-XV págs., 2 gravuras, 2 mapas, 2 plantas e 1 diagrama.

A terceira compôs-se de duas cartas, uma dele (cujo nome figura apenas com as iniciais) e a outra de um dos auxiliares da sua expedição, Jean Godin des Odonais. Viu a luz da publicidade com a denominação seguinte: Lettre de M. D. L. C. à M. sur le sort des astronomes qui ont eu part aux dernières mesures de la Terre, depuis 1735 – Lettre de M. Godin des Odonais et l'aventure tragique de Madame Godin dans son voyage de la province de Quito à Cayenne, par le fleuve des Amazones (Étouilly, près Ham, em Picardie, 20 octobre 1773), in-8^o, 30 págs. Tendo registrado essa publicação à pág. 164 de sua excelente Bibliographie brésilienne, A. L. Garraux disse dela o seguinte: “Pièces fort rares et non citées dans Brunet, ni dans les catalogues spéciaux sur l'Amérique.”

Das três cartas que se encontram no fim do presente volume – como verdadeiros apêndices que dilucidam e completam o Relato – tiram-se informações seguras sobre o fim que tiveram os membros principais das outras expedições, assim como sobre a morte violenta do Dr. Seniergues em Cuenca e sobre tudo quanto aconteceu a Mme. Godin des Odonais e a seu marido.

Quanto ao sobredito cirurgião, o processo criminal, realizado na referida localidade equatoriana, é sobremaneira curioso, até para que os nossos atuais estudiosos da evolução do direito apreciem como se praticava em terras do Novo Mundo, em meados do século XVIII, a ritualidade penal de origem castelhana.

No tocante a Godin des Odonais e sua esposa, acreditamos que, em nossa língua pelo menos, vai esclarecer-se pela primeira vez tudo quanto lhes diz respeito nesta parte do continente colombiano. Para isso – e a fim de não repetir velhos erros e simples conjeturas –, recorri a duas fontes proibidas, de valor inestimável. A primeira é o trabalho de Ferdinand Denis, epigrafado “Mme. Godin des Odonais”, e que, acompanhado de interessantes notas, apareceu às págs. 99-128, como apêndice da nova edição, por ele feita, da obra Voyage dans les forêts de la Guyane Française – Par P.-V. Malouet (Paris, 1853). O exemplar, que eu tenho a fortuna de possuir, traz ainda outro escrito de Ferdinand Denis, Le brahme voyageur – Ou la sagesse populaire de toutes les nations, com um apêndice intitulado “Les femmes américaines”. As duas pequenas brochuras da Bibliothèque Diamant foram encadernadas num volume único, trazendo, porém, cada uma delas a dedicatória autógrafa do sábio francês “à Madame Pereira da Silva”, que presumo tenha sido a esposa do nosso conhecido e fecundo historiógrafo, conselheiro João Manuel Pereira da Silva. A outra fonte, que se me deparou entre as publicações da hemeroteca da nossa maior casa de livros, foi a coletânea valiosa e interessante (interessante até no atinente à história e geografia da grande possessão francesa da América meridional), devida a Henri Froidevaux, intitulada Documents inédits sur Godin des Odonais et sur son séjour à la Guyane, e inserta, com um ótimo retrato hors texte de Mme. Godin des

Odonais, às págs. 91-148 do Journal de la Société des Américanistes de Paris, nº 3, 1897.

The Century Dictionary and Cyclopedia dá a Mme. Godin des Odonais o nome batismal de Isabel, dizendo-a nascida em Riobamba em 1728 e ali casada com o naturalista francês em 1743. O certo é que o pai dela, o Sr. De Grandmaison, residia naquela localidade, onde era dono de imóveis, tendo, além de outra filha, desposada por um Sr. Zavala, dois filhos varões, também domiciliados em Riobamba, homem de negócios um deles e clérigo regular o restante.

Informa Ferdinand Denis que foi Louis Godin quem persuadiu seu primo, o engenheiro Jean Godin des Odonais, a prestar à expedição os serviços que se deviam esperar de seus variados conhecimentos científicos e de sua experiência de intrépido excursionista. Como as demais informações, respeitantes à sua atividade em terras sul-americanas, constam em boa parte de sua carta inserta no fim deste volume, limitar-me-ei a consignar aqui outros dados, que ele deixou de mencionar.

Godin des Odonais, terminados os trabalhos da missão técnica a que pertencia, ainda continuou por algum tempo no altiplano andino, por onde andou estudando a flora e as línguas indígenas da região, além de ter sido professor contratado da Universidade de Quito. Deixando a família, partiu dali em 1749; desceu o Amazonas, costeou a Guiana brasileira e chegou a Caiena em 1750, tendo-se estabelecido sem tardança no povoado litorâneo junto ao forte de Oiapoque. O seu interesse pelas coisas da ciência revelou-se nas remessas, que fez para a França, quer de espécies vegetais nossas de aplicação à terapêutica, como a salsaparrilha e a bítua, quer de uma gramática do idioma quíchua,

por ele adquirida em Lima e enviada de presente a Buffon. Mas a justa ambição de enriquecer em o Eldorado sul-americano levou-o a montar na Guiana Francesa uma fábrica para a pesca e exploração do peixe-boi. Este mamífero (chamado guaraba ou guaraguá, iuaraná e manai ou manatim, nos dialetos amazônicos), pertencente à ordem dos sirênios e à família dos manatídeos (cientificamente denominado Trichechus manatus), é o mesmo lamantim (“amantino da América” de Lineu) ou manatim, que no período colonial figurou em nossas pautas de exportação, como um produto semelhante ao bacalhau, e que bem podia ainda agora constituir uma das riquezas do setentrião brasileiro. Não tendo podido realizar, em 1765, a viagem a Riobamba, a fim de ir buscar a família, pode-se dizer que ele, com algumas intermitências de enfermidade, esteve trabalhando vinte e dois anos na Guiana Francesa.

Regressando à França, em 1733, Godin des Odonais publicou diversas obras a respeito da história natural e da etnografia dos países do Novo Mundo, que ele tivera ensejo de visitar.

Cumprir não ser confundido com seu consangüíneo, o acadêmico, o qual – ao que também informa Ferdinand Denis – nem sempre manteve relações amistosas com os seus companheiros de expedição. Louis Godin, nascido a 28 de janeiro de 1704, esteve no Peru até começos de 1751, pois até exerceu ali, durante nove anos, o cargo de professor contratado de matemática da Universidade de São Marcos, em Lima. Naquele ano, porém, resolveu retornar ao Velho Mundo; e, descendo o Amazonas, veio ter ao Brasil, pois foi de Pernambuco que ele velejou para a Europa. Tendo perdido o lugar remunerado que ocupava na Academia das Ciências, não parou muito tempo em seu país natal, pois aceitou prontamente o convite para dirigir a Escola Naval (Aca-

demia de Guardas-Marinha) de Cádiz (Espanha), onde expirou a 11 de setembro de 1760.

Condorcet, no elogio de La Condamine, afirmou que os derradeiros pensamentos deste foram consagrados à comovente odisséia de Mme. Godin des Odonais na hiléia amazônica. A mulher heróica viveu pelo menos até 1790. A observação do insigne sábio, nascido em 1743, e que, para escapar à guilhotina, preferiu o suicídio em 1794, faz a gente pensar em que La Condamine houvesse nutrido acendrado sentimento afetivo, que as gelhas da velhice e a distância não lograram arrefecer, pela mulher que ele conhecera no desabrochar dos 15 anos...

Tendo nascido em Paris, a 28 de janeiro de 1701, Charles-Marie de La Condamine abraçou, aos 17 anos, a carreira das armas, verificando praça na cavalaria do exército francês e chegando a distinguir-se bastante, sobretudo por ocasião do cerco de Roses (1719), onde quase foi vítima de sua imprudente intrepidez. Mas, ainda moço, trocou a espada pelo livro, graças aos recursos do pai, que era recebedor-geral do erário. Voltou-se preferentemente ao estudo das ciências positivas: depois de se haver abeberado das regras da matemática, dos conhecimentos de astronomia e das leis da física, mais empenhadamente se dedicou à história natural e à medicina.

Já pertencia ao quadro social da Academia das Ciências de Paris, quando o desejo de conhecer o mundo o impeliu, primeiramente, para o Próximo e Médio Orientes. Foi em 1731 que, embarcado na esquadra de Duguay-Trouin, percorreu as costas mediterrâneas da África e da Ásia, tendo vivido cinco meses em Constantinopla.

Pouco depois do seu regresso, foi com prazer que se engajou na expedição ao Peru, resolvida em 1735, com uma destinação ex-

clusivamente científica, pois que o seu encargo único era medir na linha equinocial a longitude do arco de um grau do meridiano.

Faltou à comissão uma boa entente cordiale. Louis Godin parece que foi o primeiro a indispor-se com os companheiros. E Pierre Bouguer, o mais velho de todos, talvez se sentisse diminuído pelo prestígio desde logo exercido por La Condamine. O certo é que este voltou sozinho à Europa, em 1744 (só chegou a Paris em 23 de janeiro de 1745), um ano depois de Bouguer, travando os dois, a propósito da expedição, uma polêmica, na qual o segundo levou sobre o primeiro incontestável vantagem, como foi então reconhecido pelos capazes de julgar a questão. Superior em talento (não dizemos “em preparo”) ao seu antagonista, La Condamine deixou-o muito longe na autodefesa e na dialética.

A expedição, depois de passar por São Domingos, Cartagena e Puerto Bello, atravessou o Istmo de Panamá, e, de novo embarcada, chegou às costas do Peru, em 9 de maio de 1736. Realizados os trabalhos para os quais lhe eram imprescindíveis os dois principais companheiros, La Condamine, em 1743, com permissão do governo português, efetuou, de meados daquele ano a meados de 1744, a descida pelo nosso rio-mar, desde Jaén de Bracamoros até Belém do Pará, o que lhe permitiu levantar a carta do curso do Amazonas, desde as nascentes até à foz. E essa exploração foi relatada por ele no citado Journal du Voyage, impresso em 1751. O seu mapa, como bem observou Rodolfo Garcia, na História das Expedições Científicas, consertou os defeitos do padre jesuíta Samuel Fritz, levantado em 1691 e que mereceu elogios de La Condamine, pois que o inaciano não dispunha de instrumentos apropriados para aquela tarefa.

É fora de dúvida que ele se preocupou com as plantas úteis do Novo Mundo, uma das quais, de cada vez maior aplica-

ção às indústrias, lhe deveu o conhecimento na Europa. De Loja (precisamente o lugar donde saiu a casca mandada pelo corregedor Juan López de Canizares para curar a esposa do conde de Chinchón, que vice-reinou no Peru de 1629 a 1639), mandou ele à Academia das Ciências, em fins de 1737 ou começos de 1738, mais uma ou duas variedades da planta febrífuga, que produziu, entre outros alcalóides, a quinina e a chinchonina. Por isso, à Chinchona officinalis, que é a “quina de Loja”, juntaram-se então a Chinchona officinalis condaminea (para a qual fora proposto o nome de Chinchona officinalis chaharguera) e a Chinchona officinalis uritucinga, ambas descobertas e descritas por La Condamine, e das quais se tirou a “loja fina”. Sabe-se que a “quina caliçaia” foi achada por Weddel na vertente andina, onde, mais tarde, outras espécies ainda se depararam aos botânicos espanhóis Ruiz, Pavón e Mutis, aos dois primeiros dos quais se devem os talvez melhores escritos sobre “Quinologia”. E da borracha dá ele, sob os nomes de caucho e resina elástica, dilucidativa notícia, contando que os portugueses do Pará aprenderam dos omáguas a extração, o beneficiamento e o uso do látex e dos seus importantes produtos.

O nome caucho não passa de simples espanholização do vocábulo quíchua cáutxu, pois assim designavam a borracha os incas, que, depois dos astecas, revelaram a mais adiantada civilização americana. Com efeito, foi de uma artrocarpácea, a Castilleja elastica, abundante no antigo território do vice-reino do Peru, que se tirou o caucho, ali conhecido, em meados do século XVIII, pelos membros da expedição da Academia das Ciências de Paris. Discípulos dos incas, foram os omáguas os mestres dos nossos patrícios da hileia amazônica, onde não tardaram a ser encontradas duas ótimas árvores lactíferas: a Hevea brasiliensis, que é a grande produtora da borracha brasileira; e a mimosops da família

das sapotáceas, que dá a balata, a qual é a nossa preciosa gutapercha. Pois bem: foi La Condamine que, compreendendo o alto valor industrial do caucho e as vantagens de introduzir na Europa o útil produto, mandou-o em 1740 ou levou-o pessoalmente para a França em 1744. Pronunciando-se ali oxitonamente a voz incaica, veio ela a transformar-se na esquisita grafia caoutchouc. Muito embora a borracha fosse conhecida e utilizada pelos primitivos donos do Hemisfério ocidental, quando a este aportou Colombo, em 1492 – como se depreende das obras de Angleria (De Orbe Novo), Oviedo (Historia General y Natural de las Indias), Sahagún (Historia General de las cosas de Nueva España), Torquemada (Monarchia Indiana) e Neuville (Observations curieuses sur toutes les parties de la physique) – “é lícito asseverar”, consoante fez o nosso ilustre compatriota Miguel Calmon du Pin e Almeida, à pág. 196 do seu erudito volume sobre Fatos Econômicos (Rio, 1913), “que a Condamine, principalmente, se deve a sua divulgação na Europa”.

Logo após o seu regresso do Novo Mundo, fez uma viagem à Itália, em 1747, ali travando boas relações de amizade com o papa Benedito XIV (1740-1758), de quem obteve licença especial, com dispensa do impedimento da consangüinidade, para que o sábio francês pudesse desposar uma sobrinha. Esteve depois na Inglaterra, donde não voltou muito satisfeito, tanto que, em certo folheto dado a lume apenas de retorno aos penates, pôs em relevo a pouco gentil hospitalidade britânica.

A parenta foi-lhe mais enfermeira do que esposa, porquanto La Condamine, afora a surdez que lhe apareceu na América e se agravou mais tarde, ainda ficou quase de todo paralítico; e o outro mal, de que sofria, a hérnia, veio a causar-lhe a morte, por motivo da operação a que se submeteu.

Pertinaz foi o interesse que revelou pela profilaxia da varíola, constituindo-se pelos seus escritos, que se estenderam por cerca de vinte anos (1754-1773), um autêntico predecessor de Edward Jenner (1749-1823), o inventor da vacina.

Tão pública e notória se tornou a excessiva ou abusiva curiosidade de La Condamine, que se lhe atribui o haver lido, por cima dos ombros da duquesa de Choiseuil, uma carta íntima que ela estava escrevendo, e ter sido encontrado pelo duque, no gabinete particular deste, a devassar-lhe a correspondência; contando-se, mais, que se introduziu no meio dos ajudantes do carasco, quando, em 1757, foi torturado e esquartejado, em Paris, Robert-François Damiens, que ferira a Luís XV com uma canivetada.

Tão amigo de novidades científicas era o seu espírito que, aos 73 anos, inteirado de que um jovem cirurgião havia descoberto e estava aplicando certo processo para o tratamento e a cura das hérnias, não hesitou em submeter-se à operação da de que era portador, malgrado saber do perigo a que se expunha. Morreu, com efeito, poucos dias após haver sofrido a intervenção cirúrgica, isto é, a 4 de fevereiro de 1774.

A sua memória ficou perpetuamente ligada às de dois outros insignes compatriotas seus, por motivo de haver ocupado curuis dos dois mais altos cenáculos intelectuais da França e dos de outros países da Europa culta, pois que também se lhe abriram as portas da Academia de Berlim, da Academia de São Petersburgo, da Real Sociedade de Londres e do Instituto de Bolonha. Recebeu ainda o hábito de cavaleiro da Ordem de São Lázaro. Condorcet, que, antes de pertencer à Academia Francesa, foi membro da Academia das Ciências de Paris (onde sucedeu, no cargo de secretário, a Grandjean de Fouchy, em 1777), não podia deixar de

incluir em seus admiráveis “Elogios” o nome de La Condamine, a quem tributou a mais encomiástica justiça; e coube a Buffon (1707-1788) o elevado encargo de responder ao discurso de recepção de La Condamine na Academia Francesa.

Por ocasião do seu ingresso no cenáculo, cujos estatutos datam de 1635 e são devidos a Richelieu, não faltou quem lhe atirasse a zargunchada dos versos seguintes:

*“De La Condamine, aujourd’hui,
Entre dans la troupe immortelle.
Il est sourd: tant mieux pour lui!
Mais pas muet: tant pis pour elle!”*

Digno era ele, realmente, de pertencer àqueles imortalizantes sodalícios, porque, além de exímio cultor dos conhecimentos positivos, ainda se tornou, já em adiantada ancianidade, um emocionante conversado das musas. Surdo e torturado pelas macacoas da velhez, La Condamine buscou lenitivo aos seus sofrimentos físicos em versos singelos, repassados de naturalidade e sentimentalidade, com que modulou canções, tristonhas umas e alegres as demais, não lhe tendo faltado para uma dessas coletâneas editor benévolo. E suas composições poéticas não deixaram de ser lidas então com sincero apreço por quantos lhe podiam avaliar os méritos de homem de letras, a quem não faltava a veneranda auréola de cientista consagrado. Além disso, muitos artigos de sua lavra, versando assuntos especulativos ou meramente literários, ficaram dispersos pelo Almanack des Muses, Mercure de France e Philosophical Transactions, não falando nos que foram insertos, de 1731 a 1772, no Recueil de l’Académie des Sciences.

Os dois aspectos primaciais do talento de La Condamine deveriam ter sido, repartida e apropositadamente, o fulcro das

*justas homenagens que lhe foram preiteadas, embora sem nenhuma solenidade espetacular, pelos nossos mais elevados sinédrios dos gêneros por ele mais particularmente cultivados – a Academia Brasileira de Ciências e a Academia Brasileira de Letras. Naquela, cumpre-me pôr em justo destaque a erudita conferência que “A propósito do bicentenário da expedição do Equador” ali proferiu o Prof. José Frazão Milanez e foi dada a lume pelo Jornal do Comércio (números 5 e 12 de dezembro de 1943) desta capital. **

Releva, entretanto, ponderar que, considerando-se haver sido em 1744 que ele ultimou a sua importante missão em terras do Novo Mundo, e cujo remate consistiu na exploração do nosso rio-mar – a Epasa é que melhormente lhe comemora o centenário da frutuosa viagem, reeditando-lhe, cuidadosamente vernaculizado e carinhosamente anotado, o interessante relatório, apresentado e lido, em começos de 1745, à Academia das Ciências de Paris. O presente volume traz não só a carta de La Condamine, concernente ao motim popular de Cuenca e que, com a data de 1764, se juntou à 1ª ed. da Relation abrégée (de 1745), como também as que apareceram na ed. de 1778, uma dele próprio e a outra da lavra de Godin des Odonais. Como ambas são da maior relevância e pode haver quem queira averiguar se o tradutor delas não foi um traditore, informa-se que elas podem ser lidas no original às págs. 321-328 e 329-379 do volume da referida 2ª ed., existente em nossa Biblioteca Nacional.

Afora as obras a que já fiz especificada e detida referência, cabe-me a obrigação de citar ainda outros trabalhos de La Condamine, também postos em letras de imprensa, e pelos quais se vê que o seu irrequieto e culto espírito tanto se preocupava com

*O Rio de Janeiro. (N.E.)

a astronomia, a geografia e a história natural quanto com a educação e a medicina. Excetuando-se o último do rol .abaixo, todos os mais saíram de tipografias da capital francesa.

Foram as seguintes: La distance des tropiques (1738); La figure de la Terre – Déterminée par les observations de MM. De La Condamine et Bouguer (1749); Lettre critique sur l'éducation (1751); Mesure des trois premiers degrés du méridien dans l'hémisphère austral (1751); Histoire des pyramides de Quito (1751); Mémoires sur l'inoculation (1754, 1758, 1765); Lettres à Daniel Bernouilli sur l' inoculation) (1760); [*truncado no original*]...tion en France (1764); Le pain mollet – Poème (1768); e Histoire de l'inoculation de la petite vérole (Avignon, 1773).

Entre os seus escritos que ficaram inéditos, conta-se o intitulado Voyage au Levant.

As principais fontes de informação sobre a vida e as obras de La Condamine são as seguintes: Condorcet, Éloge de La Condamine (*dos Éloges da Academia das Ciências*); Delille, Discours de réception à l'Académie Française; Buffon, Réponse au discours de réception de La Condamine à l'Académie Française; Voltaire, Dictionnaire philosophique, *verbete "Curiosité"*; Chaudon et Delandine, Dictionnaire universel, historique, critique et bibliographique; Révue Encyclopédique, *tomo XII, pág. 483*; Hoefler, Nouvelle biographie générale, *vol. XXVIII, pág. 545*; Frederico Ruiz Morcuende, *às págs. VII-IX de Relación abreviada (Madri, 1921)*; e Rodolfo Garcia, *que, em sua História das Expedições Científicas, inserta às págs. 856-910 do vol. I do Dicionário histórico, geográfico e etnográfico do Brasil, faz referência, como já consignei atrás, aos trabalhos de La Condamine, às páginas 867-869.*

.....

Prefácio

*Floriferis, ut apes, in saltibus
omnia libant;
Omnia nos..
LUCRÉCIO*

N

inguém ignora que há dez anos vários astrônomos da Academia foram enviados por ordem do Rei ao Equador e ao Círculo Polar, para aí medir os graus terrestres, ao passo que outros acadêmicos faziam em França as mesmas operações.

Num outro reino, todas essas viagens, com a aparelhagem e o número de observações exigidas, não poderiam ter sido senão o fruto de uma longa paz. Sob Luís XV, elas foram concebidas e levadas a cabo durante o curso de duas guerras sangrentas; e enquanto os exércitos do Rei voavam dum extremo ao outro da Europa para o socorro dos seu soldados, os matemáticos, espalhados pela superfície da Terra, trabalhavam nas zonas tórrida e glacial para o progresso das ciências, e no proveito comum das nações.

Eles trouxeram, como resultado de seus trabalhos, a decisão duma questão célebre; decisão cuja utilidade partilham a geografia, a astronomia, a física geral, e a navegação. Eles esclareceram uma dúvida que interessa à vida dos homens. Essas razões

mereciam que se empreendessem todas as labutas para se chegar a bom termo: a Academia não esmoreceu desde que se dedicou à empresa, e acaba de dar-lhe a última demão.

Sem insistir nas conseqüências diretas e evidentes que se podem tirar do conhecimento exato dos diâmetros terrestres para aperfeiçoar a geografia e a astronomia, o diâmetro do Equador, uma vez reconhecido como mais longo que o que atravessa a Terra de um pólo ao outro,¹ fornece um novo argumento, para não dizer uma demonstração nova da revolução da Terra em torno do eixo, revolução que se prende a todo o sistema celeste. O trabalho dos acadêmicos, já quanto à medida dos graus, já quanto às experiências do pêndulo, aperfeiçoadas e feitas com tanta precisão em diferentes latitudes, traz nova luz acerca da teoria do peso, que mal começa a sair das trevas. Enriquece a física geral, com novos problemas até agora insolúveis sobre os números e as direções da gravidade nos diversos lugares da Terra. Enfim, coloca-nos em vias de descobrir coisas ainda mais importantes, como a da natureza da gravitação universal e suas verdadeiras leis, força que anima os corpos celestes e que rege todo o universo.

Os erros que o conhecimento da configuração da Terra pode fazer evitar aos navegadores deixam de ser por que existem outros que são até aqui sem remédio? Não, sem dúvida. Quanto mais se aperfeiçoar a arte de navegar tanto mais se sentirá a utilidade de conhecer a forma da Terra. Tocamos talvez no assunto quando essa utilidade ainda não é percebida sensivelmente pelos

¹ Os arcos de meridiano, medidos pelas expedições de meados do século XVIII, foram substituídos, nas duas centúrias seguintes, pelo arco de Spitzberg, medido pela comissão russo-sueca e pelo novo meridiano de Quito (arco do Equador), medido por uma comissão francesa, cujos serviços se estenderam de 1899 a 1906. (Nota de B. de M.)

marinheiros. Mas deixa de ser importante quando esse momento está ainda distante? É pelo menos certo que quando se duvida se a Terra é alongada ou achatada tanto mais importância prática tem o saber-se a que nos devemos apegar para tomar medidas decisivas.

Das três viagens que tiveram por objeto, nestes últimos tempos, a medida dos graus terrestres, a primeira projetada e a última realizada é a que fizemos ao Equador em 1735, MM. Godin, Bouguer e eu. O público foi informado, há vários anos,² do sucesso dos trabalhos dos acadêmicos que operaram no círculo polar e nos nossos climas; e M. Bouguer, chegado primeiro que eu à França, prestou contas na Assembléia Pública da Academia, aos 14 de novembro de 1744, do resultado de nossas observações na linha equinocial, e do acordo que se observa entre este resultado e os do norte e de França. Cada um comparado com outro dos dois resultados prova o achatamento da Terra nos pólos.

Maior atenção há de reservar-nos para a história de nossa medição da Terra, ou seja: para nossas observações astronômicas e operações trigonométricas na província de Quito na América meridional; obra de que somos obrigados à Academia e ao Público, pois que foi para ela que nos enviaram tão longe.

Terminada a questão da configuração da Terra, e atenuada a curiosidade pública neste particular, cri interessar mais a assembléia pública de 26 de abril último, com uma relação de viagem pelo rio das Amazonas, que descí desde o ponto em que começa a ser navegável até à embocadura, percorrendo uma extensão de mais de mil léguas. Mas a abundância de assuntos não

² Ver o Livro da Figura da Terra, de M. De Maupertius, e outro sobre o Meridiano, de M. Cassini de Thury.

me permitiu encerrar-me nos limites prescritos à leitura; acharam-nos realmente acanhados, e fui obrigado a fazer acrescentamentos à medida que ia lendo, o que interrompeu necessariamente a ordem e o seguimento do primeiro extrato. A minha publicação de hoje apresenta-se na forma primitiva.

Para não iludir aqueles que num relato de viagem só procuram acontecimentos extraordinários, e pinturas agradáveis dos costumes estrangeiros e hábitos desconhecidos, devo advertir que esses aqui encontrarão pouco de que se satisfaçam. Não tive a liberdade de fazer passear o leitor indiferentemente por todos os objetos apropriados a adular a sua curiosidade. Um diário histórico que escrevi assiduamente durante dez anos, talvez me forneceria os materiais necessários a essa empresa: mas não se me depa-rou nem o lugar nem a ocasião de o fazer. Aqui o que interessa é o levantamento da carta de curso de um rio que atravessa vastas regiões, quase desconhecidas de nossos geógrafos. Tratava-se de dar idéia disso numa memória destinada a ler-se na Academia das Ciências. Numa semelhante exposição, mais me preocupando instruir do que divertir, aquilo que não toca à geografia, à astronomia, ou à física começa a parecer digressão que afasta do meu objetivo; mas por outro lado não era justo que eu abusasse da paciência daqueles que, em maior número, compunham a assembléia pública, lendo uma lista de nomes bárbaros de nações e rios, e um jornal de alturas do Sol e das estrelas, latitudes e longitudes, medidas, rotas, distâncias, sondagens, variações de bússola, experiências de barômetro, etc. Esse era entretanto o fundo mais rico, e o que fazia o maior mérito de minha relação: era a única coisa que a podia distinguir de uma viagem ordinária. Tratei de achar um equilíbrio entre esses dois extremos. Destinei toda a minúcia da parte astronômica e geométrica às memórias da Aca-

demia, ou à coleção de nossas observações, que lhe deve ser como uma continuação. Não registro aqui senão os fatos capitais, e a posição dos lugares mais notáveis, seguindo a ordem da narração. Tratei com algum desenvolvimento a questão das amazonas americanas, porque me pareceu que isso se esperava de mim. Introduzi entre as notas de física e história natural alguns fatos históricos, quando eles não me desviavam muito do assunto. Eu não podia evitar de referir algumas discussões geográficas, intimamente ligadas à matéria. Tal a comunicação do rio das Amazonas com o Orinoco, ligação antigamente admitida, depois negada, e enfim novamente estabelecida por testemunhos decisivos. Tal é o caso das perquirições da Cidade do Ouro, e do marco plantado por Teixeira, e do lago Parima, e da cidade de Manoa, e do rio de Vicente Pinzón, etc. Cada um destes temas poderia ser o objeto de uma dissertação. Deles não tratei senão de passagem, pois sei quão pequeno é o número de leitores curiosos por essas minúcias, bem que úteis e interessantes para os que amam este gênero de estudos. A precaução que tive de apor os títulos marginais³ dará a cada um a facilidade de escolher as matérias que forem de seu gosto.

A pequena carta do curso do Amazonas, que acompanha este relato, bastará para fixar a imaginação do leitor, enquanto não posso dar uma maior e mais minuciosa em nossas memórias, onde relatarei os meios que empreguei para a levantar; mas a grande não aparecerá senão quando eu tiver alcançado o grau de precisão que lhe posso conseguir, revendo todos os meus cálculos de rotas e distâncias, e corrigindo-os pelas minhas observações astronômicas. É o que eu não poderia realizar hoje senão

³ Em lugar de títulos marginais, preferimos dividir o “Relato” em capítulos, com os respectivos sumários. (Nota desta edição.)

imperfeitamente, faltando ainda as observações de longitude feitas com referência a qualquer meridiano conhecido, para suprir aquelas que não puderam ainda fazer-se em Paris, em correspondência com as minhas em diversos lugares de minha rota.

Juntei ao curso do Amazonas a topografia da província de Quito, tirada da Carta de Triângulos de nosso meridiano. Fiz a descrição da costa da mesma província, da rota de Quito a Lima, e de Quito a Popayán, segundo as minhas viagens particulares e às de M. Bouguer. O resto da carta foi extraído de diversas memórias, jornais e notas, que me foram comunicados no país por vários missionários ou viajantes inteligentes. M. Danville,⁴ geógrafo do rei, cuja habilidade é conhecida, me foi de grande vantagem para concatenar e redigir esses materiais esparsos, e enriquecer a minha carta.

Segui as ortografias espanhola e portuguesa com respeito aos nomes dessas duas línguas, e aos nomes indígenas dos países submetidos à dominação dessas duas Coroas. Eu quis assim evitar o inconveniente de os tornar irreconhecíveis aos autores originais.

⁴ Jean-Baptiste Bourguignon d'Anville (1697-1782), irmão do célebre gravador Huberet Bourguignon (1699-1773), mais conhecido por "Gravelot", deixou notáveis estudos sobre metrologia e geografia antigas. Deve-lhe assinalados progressos a cartografia, sobretudo a respeitante à geografia histórica, pois desta lucubrou mais de 200 trabalhos. (Nota de B. de M.)

.....

I

A medição da Terra e o seu achatamento – Outros trabalhos acadêmicos – Viagens particulares – As pirâmides e suas inscrições

N

o fim de março de 1743, depois de eu ter passado seis meses num deserto, em Tarqui, perto de Cuenca, no Peru, ocupado noite e dia a lutar contra um céu pouco favorável à astronomia, M. Bouguer me fez comunicar que realizara, perto de Quito, no extremo setentrional de nosso meridiano, diversas observações sobre uma estrela situada entre nossos dois zênites, durante várias das mesmas noites em que eu a estivera observando de meu lado, na extremidade austral da referida linha. Por essas observações simultâneas, sobre cuja importância eu havia tanto insistido, havíamos adquirido a vantagem singular de poder concluir, diretamente e sem nenhuma hipótese, a verdadeira amplitude de um arco de três graus do meridiano, quando lhe conhecíamos geometricamente o comprimento, e pudemos tirar essa conclusão sem nada temer quanto a variações quer ópticas quer reais, mesmo desconhecidas nos movimentos da estrela, pois que tinha sido obtida no mesmo instante por ambos os observadores nas duas extremidades do arco. M. Bouguer, de volta à Europa alguns meses antes de mim, participou o nosso resultado à última nossa assembléia pública. Este resultado está de acordo com o das operações feitas sob o círculo polar.⁵ Ele não concorda menos com os últimos, executados em França,⁶ e todos conspiram em

5 Por MM. De Maupertius, Clairaut, Camus e le Monnier, desta Academia, pelo abade Outhier, correspondente da Academia, e Celsius, professor de astronomia de Upsala.

6 Por MM. Cassini de Thury, e abade de la Caille.

fazer da Terra um esferóide achatado nos pólos. Partidos do mês de abril de 1735, um ano antes dos acadêmicos enviados ao Norte, chegamos sete anos demasiado tarde para ensinar à Europa alguma coisa nova sobre a figura da Terra. Desde então este assunto foi refeito por mãos tão hábeis, que eu espero se me agradecerá o enviar às memórias da Academia a narração de minhas observações particulares a respeito desta matéria, renunciando eu o direito que me assiste de hoje entreter com elas esta assembléia.

Não me deterei aqui em fazer o relato dos outros trabalhos acadêmicos, independentes da medida da Terra, aos quais nos entregamos tanto em comum quanto em particular, já na nossa rota da Europa para a América, em lugares onde estanciamos, já depois de nossa chegada à província de Quito, durante os intervalos freqüentes causados pelos obstáculos mais diversos, que não fizeram senão retardar vezes muitas o progresso de nossas operações. Ser-me-ia preciso para isso fazer o extrato dum grande número de memórias enviadas à Academia desde sete ou oito anos, alguns dos quais não chegaram mesmo à França, enquanto outros nem sequer apareceram, mesmo em resumo, nas nossas coleções. Não falarei absolutamente, pois, por agora, de nossas observações astronômicas ou geométricas da latitude e longitude de um grande número de lugares; da observação dos dois solstícios de dezembro de 1736 e junho de 1737, e da resultante obliquidade da eclíptica; de nossas experiências sobre o termômetro e o barômetro, e a declinação e inclinação da agulha imantada, sobre a velocidade do som, sobre a atração newtoniana, sobre o comprimento do pêndulo na província de Quito, em diferentes elevações acima do nível do mar, sobre a dilatação e condenação dos metais; nem lembrarei as duas viagens que fiz, uma em 1736 desde a costa do mar do Sul até Quito, subindo o rio das Esmeraldas, e a outra em 1737, de Quito a Lima.

Dispensar-me-ei enfim de contar aqui a história das duas pirâmides que fiz erigir, para fixar perpetuamente os dois termos da base fundamental de todas as nossas medidas, e prevenir desse modo os inconvenientes que demasiado experimentamos em França, por falta de semelhante precaução, quando se quis verificar a base de M. Picard. A inscrição projetada, antes de nossa partida, na Academia das Boas-Letras, e a seguir deposta sobre as pirâmides, com as mudanças que as circunstâncias do tempo e

lugar exigiram, foi denunciada pelos dois capitães de marinha do rei de Espanha,⁷ nossos adjuntos, como injuriosos a Sua Majestade Católica, e à não espanhola. Eu pessoalmente sustentei durante dois anos o processo intentado contra mim por essa causa, e o ganhei, por fim, contra a opinião do Parlamento de Quito. O que passou neste choque, e diversos outros acontecimentos interessantes de nossa viagem, que a distância dos lugares tanto desfigurou nas narrações que aqui chegaram, são antes assunto para uma exposição histórica, do que para uma memória acadêmica. Limitar-me-ei nesta ao que concerne a minha volta à Europa.

⁷ Esses oficiais da armada espanhola foram Jorge Juan Santacilia e Antonio de Ulloa. O segundo adquiriu depois justo renome, como militar, cientista e escritor. Além de haver fundado o Observatório Astronômico de Cádiz e o primeiro laboratório metalúrgico que houve em sua pátria, ainda deixou duas obras importantes: uma sobre a comparticipação que ele e seu colega de farda tiveram na expedição de La Condamine, e intitulada *Relación histórica del viaje a la América Meridional* (1748); a outra também sobre assuntos concernentes ao Novo Mundo, *Notícias americanas* (1792). Aos dois ainda se deve a obra, hoje muito rara, denominada *Notícias secretas de América*. (Nota de B. de M.)

.....

II

Projeto de retorno pelo rio das Amazonas – Viagem de Orellana – Diversos nomes do rio das Amazonas – Viagem de Úrsua – Outras tentativas – Viagem de Teixeira – Viagem do P. d’Acuña – Carta do rio das Amazonas, por Sanson – Carta do P. Fritz – Curso do Maranhão – Caminhos de Quito ao Maranhão: Archidona, Cañelos, Jaén

Para multiplicar as ocasiões de observar, combináramos desde muito tempo M. Godin, M. Bouguer e eu, voltar por caminhos diferentes. Determinei escolher um quase ignorado, e estava seguro de que ninguém mo invejaria; era o do rio das Amazonas, que atravessa todo o continente da América meridional, do Ocidente ao Levante, e passa com razão por ser o maior curso do mundo. Eu me propunha a tornar útil essa viagem, com levantar uma carta desse rio, e recolher observações de todo gênero que tivesse ocasião de fazer num país tão pouco conhecido. As que respeitam os hábitos e costumes singulares das diversas nações que lhe habitam as margens seriam muito mais próprias a excitar a curiosidade de um grande número de leitores; porém eu acreditei que em presença de um público ao qual é familiar a linguagem dos físicos e geômetras, não me era permitido versar matérias estranhas ao objetivo desta Academia. Entretanto, para ser melhor entendido, não posso deixar de dar algumas noções preliminares a propósito do rio de que vamos tratar, e ainda de seus primeiros navegadores.

Comumente se crê que o primeiro europeu que fez o reconhecimento do rio das Amazonas foi Francisco d’Orellana. Ele embarcou bem perto de Quito, em 1539, no rio Coca, que mais abaixo toma o nome de Napo; deste ele veio ter a um outro maior, e, deixando-se derivar sem outro

guia mais que a correnteza, chegou ao cabo Norte, na costa da Guiana, após uma viagem de 1.800 léguas (10.000 quilômetros) segundo seus cálculos. Esse mesmo Orellana pereceu dez anos depois, com três navios que lhe tinham sido confiados em Espanha, sem ter podido achar a verdadeira foz do seu rio.⁸

O encontro que ele diz ter feito quando descia, de algumas mulheres armadas, das quais um cacique índio lhe tinha dito que desconfiasse, foi a origem do nome rio das Amazonas. Alguns lhe chamaram Orellana; mas antes já ele se chamava Marañón,⁹ do nome de um outro capitão espanhol. Os geógrafos que fizeram do Amazonas e do Maranhão dois rios diferentes, enganados como Laet pela autoridade de Garcilaso e de Herrera, ignoravam sem dúvida que não somente os mais antigos autores espanhóis¹⁰ originais o designam por Marañón, desde 1513, senão que o próprio Orellana diz no seu relato que foi descendo o Maranhão que descobriu as Amazonas, o que é decisivo. De fato, este nome lhe foi sempre conservado até hoje, há mais de dois séculos, pelos espanhóis, para todo o seu curso, e desde as cabeceiras do alto Peru. Contudo, os portugueses estabelecidos desde 1616 no Pará, cidade episcopal situada próximo da boca mais oriental desse rio, não o conheciam aí senão pelo nome de rio das Amazonas, e mais acima pelo de Solimões, e transferiram o apelido de Marañón, ou de Maranhão em seu idioma, a uma cidade e a uma província inteira, ou capitania, vizinha à do Pará. Usarei indistintamente o nome de Maranhão, ou de rio das Amazonas.

8 Não é exata a asserção de La Condamine, quanto à data da partida de Orellana, nem é verdade que haja este morrido à foz do Amazonas, como também não é certo que o descobrimento do rio-mar tenha sido efetuado em 1541. Francisco de Orellana saiu de Quito em fins de fevereiro de 1541; mas a expedição que realizou por sua própria conta só se iniciou cerca de um ano depois. Com efeito, partindo da aldeia indígena de Aparia, a 2 de fevereiro de 1542, chegou à foz do Amazonas quase seis meses mais tarde, isto é, a 24 de agosto. Quatro anos depois, o seu espírito aventureiro compeliu-o a uma nova viagem à parte meridional do continente colombiano, tendo expirado na ilha Margarida, pelos fins de novembro de 1546. Tudo isto se encontra minuciosamente no volume *Descubrimiento del río de las Amazonas – “Según la relación, hasta ahora inédita, de fr. Gaspar de Carvajal, com outros documentos referentes a Francisco de Orellana y sus compañeros – Com una introducción histórica y algunas ilustraciones por José Toribio Medina”* (Sevilha, 1894), tiragem limitada a 200 exemplares, da qual o autor desta nota possui o n.º 40. (Nota de B. de M.)

9 Pronunciar “maranhón”.

10 Ver Pierre Martyr, Fernández de Enciso, Fernández de Oviedo, Pedro Cieza, Augustín Zarate.

Em 1560, Pedro de Úrsua,¹¹ enviado pelo vice-rei do Peru a procurar o famoso lago de Ouro de Parima, e a cidade de El Dorado, que se criam vizinhos das margens do Amazonas, chegou a este rio por um afluente que vem do lado do sul, de que falarei a seu tempo. O fim de Úrsua foi ainda mais trágico do que o de Orellana, seu predecessor. Úrsua pereceu às mãos de Aguirre, soldado rebelde que se fez proclamar um rei. Este desceu a seguir o rio, e depois de longa rota que não está ainda bem esclarecida, tendo levado a toda parte a morte e a pilhagem, acabou por ser esquartejado na ilha da Trindade.

Semelhantes viagens não faziam grandes luzes quanto ao curso do rio. Alguns governadores particulares fizeram depois, com tão pequenos resultados, diversas tentativas. Os portugueses foram mais felizes do que os espanhóis.

Em 1638, um século depois de Orellana, Pedro Teixeira,¹² enviado pelo governador do Pará à frente de um numeroso destacamento de portugueses e índios, subiu o Amazonas até a confluência do Napo, por terra, com alguns portugueses de sua tropa. Foi bem recebido pelos espanhóis, pois que ambas as nações obedeciam então ao mesmo senhor. Ele volveu, um ano decorrido, ao Pará, pelo mesmo caminho, acompanhado dos padres d'Acuña¹³ e d'Artieda, jesuítas, nomeados para prestarem contas junto à corte de Madri das particularidades da viagem. Eles calcularam o caminho a partir da aldeia de Napo, lugar do embarque, até o Pará, em 1.356 léguas espanholas, o que vale mais de 1.500 léguas marítimas, e mais de 1.900 das

11 La Condamine grafou "Ursoa" o nome do célebre conquistador, que se chamava Pedro de Úrsua (1526-1561). Veja-se a respeito dele o trabalho atribuído a Francisco Vásquez, *Relación de todo lo que sucedió em la jornada de Omagua y Dorado, hecha por el gobernador Pedro de Ursua* (Madri, 1881), publicada pela Sociedad de Bibliófilos Españoles, numa tiragem limitada a 300 exemplares, trazendo o nº 9 pertencente ao autor desta nota. (Nota de B. de M.)

12 A expedição de Pedro Teixeira – verdadeira conquista da hiléia amazônica para a coroa portuguesa – efetuou-se de 17 de outubro de 1637 a 12 de dezembro de 1639. O melhor trabalho que existe sobre ela é de lavra espanhola, pois foi escrito por D. Martín Saavedra y Guzmán e publicado por Marcos Jiménez de la Espada: *Viaje del capitán Pedro Teixeira aguas arriba del río de las amazonas* (Madri, 1889). (Nota de B. de M.)

13 O padre Cristobal de Acuña (1597-1675), pertencente à Companhia de Jesus desde 1612, foi missionário na América do Sul, onde lecionou teologia moral em Quito, havendo ainda sido ali reitor do colégio de Cuenca. Tendo sido, em 1639, um dos companheiros do regresso da expedição de Pedro Teixeira, pôde lucubrar o seu precioso trabalho *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas* (Madri, 1641), aproveitado, pouco depois, em verdadeiro plágio, por um seu colega de roupeta. (Nota de B. de M.)

nossas léguas comuns (cerca de 10.600km). A relação de tal viagem foi impressa em Madri em 1640. A tradução francesa feita em 1682, por M. De Gomberville, está nas mãos de toda gente.

O mapa muito defeituoso do curso desse rio, devido a Sanson, calcado em relato puramente histórico, foi depois copiado por todos os geógrafos, por falta de novas memórias, e não tivemos melhor até 1717.

Então apareceu pela primeira vez em França, no duodécimo tomo das *Cartas Edificantes*, uma cópia de cada carta gravada em Quito em 1707, e dirigida desde 1690 pelo padre Samuel Fritz, jesuíta alemão, missionário nas margens do Maranhão, rio que ele percorrera em toda a extensão.¹⁴ Por essa carta se soube que o rio Napo, que era ainda considerado a verdadeira fonte do Amazonas ao tempo da viagem do padre d'Acuña, não passava de um rio subalterno, que engrossava com suas águas as do Amazonas; soube-se outrossim que este, sob o nome de Marañón, saía dum lago perto de Guanuco, a trinta léguas de Lima.¹⁵ De resto, o padre Fritz, sem pêndulo e sem luneta, não pôde determinar nenhum ponto em longitude. Ele não dispunha senão de um pequeno semicírculo de madeira, de três polegadas de raio, para as latitudes; enfim, ele estava doente quando desceu o rio até o Pará. Basta ler o seu jornal manuscrito, do qual possuo uma cópia,¹⁶ para ver que vários obstáculos, então e por ocasião de sua volta à missão, não lhe permitiram fazer as observações necessárias para tornar exata a carta, principalmente na parte inferior do rio. Esse mapa não foi acompanhado de notas, a não ser algumas na mesma folha, quase sem qualquer pormenor histórico; de sorte que nada se sabe na Europa de hoje em dia quanto ao que

14 Para que se possa bem avaliar a meritória capacidade do inaciano alemão, cumpre ler o excelente trabalho que lhe consagrou Rodolfo Garcia e que foi inserto no tomo LXXXI da *Rev. do Inst. Hist. E Geogr. Bras.*, sob a epígrafe seguinte: "O Diário do padre Samuel Fritz – (Com introdução e notas, 1917)". O benemérito jesuíta expirou a 20 de março de 1725, aos 71 anos de idade, dos quais passou 40 na Amazônia. (Nota de B. de M.)

15 Hoje se sabe que o Amazonas nasce na serra nevada de São Lourenço (5.500m) na cordilheira de Huayhuach (Peru), e que depois de um percurso de 45 quilômetros é que atravessa o pequeno lago Lauricocha. (Nota desta edição.)

16 Ela foi tirada do original guardado nos Arquivos do Colégio de Quito, e me foi comunicada por D. José Pardo y Figueroa, marquês de Valleumbroso, hoje corregedor de Cuzco, bem conhecido na república das letras.

concerne aos países atravessados pelo Amazonas, além do que se havia aprendido há mais de um século pela “*Relação*” do padre Acuña.¹⁷

O Maranhão, depois de saído do lago onde nasce a onze graus de latitude austral, corre para o norte até Jaén de Bracamoros, na extensão de seis graus, daí ele se torna para o este quase paralelamente à Linha Equinocial até o cabo Norte, onde entra no oceano à altura mesma do Equador, após ter percorrido, desde Jaén, onde começa a ser navegável, trinta graus em longitude, ou 750 léguas comuns, avaliadas pelos rodeios em 1.000 ou 1.100 léguas. Ele recebe do norte e do sul um número prodigioso de outros rios, muitos dos quais têm quinhentas ou seiscentas léguas de curso, não sendo alguns inferiores ao Danúbio e ao Nilo. As margens do Maranhão eram ainda povoadas, não faz um século, por um grande número de nações, que se retiraram para o interior das terras, mal viram os europeus. Aí não se encontram hoje senão umas poucas povoações de naturais do país, recentemente retirados dos bosques ou eles ou seus pais, uns pelos missionários espanhóis do alto do rio, outros pelos missionários portugueses estabelecidos na parte inferior.

Há três caminhos que conduzem da província de Quito à de Mainas que empresta o nome às missões espanholas das margens do Maranhão. Esses três caminhos atravessam aquela famosa cadeia de montanhas, cobertas de neve, conhecidas como a cordilheira dos Andes. O primeiro, quase sob a Linha Equinocial, ao oeste de Quito, passa por Archidona, e leva ao Napo; foi o caminho que tomou Teixeira de volta de Quito, e o do padre Acuña. O segundo é por uma garganta ao pé do vulcão de Tonguragua, a grau e meio de latitude austral; por aí se chega à província de Cañelos, atravessando várias torrentes cuja junção faz o rio chamado Pastaça, que entra no Maranhão cento e cinquenta léguas acima do Napo. Esses dois

17 A obra intitulada *El Marañón o Amazonas*, de 1684, não é mais que uma compilação informe. (Nota do autor.)

Publicou-a na capital da Espanha, naquela data, o padre Manuel Rodríguez, “de la Compañía de Jesús, procurador general de las provincias de Indias en la corte de Madrid”. Tal foi o aproveitamento que, desde a pág. 101 até à 141, nela fez do *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas*, do seu companheiro de regra religiosa, que Salva disse dela: “volúmen apreciable por su rareza y por hallarse en él extractada ó casi copiada la obra de Cristoval de Acuña”. (Nota de B. de M.)

caminhos são os que tomam ordinariamente os missionários de Quito, os únicos europeus que freqüentam essas regiões, cuja comunicação com a vizinha província de Quito é quase totalmente interrompida pela cordilheira, que não é praticável senão alguns meses do ano. O terceiro caminho é por Jaén de Bracamoros, cinco graus e meio de latitude austral onde o Maranhão começa a ser navegável; e este é o único por onde se possam conduzir bestas de carga ou de montaria de marcha a pé, e é preciso tudo levar às costas dos índios; entretanto este é o menos concorrido dos três, tanto por causa das longas voltas e das chuvas contínuas, que tornam as rotas quase impraticáveis durante a mais bela estação do ano, quanto pela dificuldade e perigo dum desfiladeiro, chamado o Pongo, que se topa ao deixar a cordilheira. Foi principalmente para conhecer por mim mesmo tal passo, de que não se falava em Quito senão com uma admiração entremisturada de medo, e para abranger na minha carta toda a extensão navegável do rio, que escolhi esta última rota.

.....

III

Partida de Tarqui – Zaruma e suas minas de ouro; grande calor – Pontes de cipó – Loja – A quinquina – De Loja a Jaén – Loyola e Valladolid – Rios Chinchipe e Chachapoyas, afluentes do Maranhão – O porto de Jaén – Os saltos do Maranhão – Areias auríferas; cacau – Chuchunga

P

arti de Tarqui, limite austral de nosso meridiano, a cinco léguas ao sul de Cuenca, no dia 11 de maio de 1743. Na minha viagem de Lima em 1737 eu tinha seguido o caminho ordinário de Cuenca a Loja; desta vez segui um atalho que passa por Zaruma, para situar esse lugar na minha carta. Corri certo risco ao vadear o rio de los Jubones, muito crescido então, e sempre muito rápido; mas a troco desse perigo evitei um maior,¹⁸ que me esperava no grande caminho de Loja.

Duma montanha por onde passei na rota de Zaruma, vê-se Tumbes, porto do mar do Sul, onde os espanhóis fizeram a primeira descida, além da Linha, quando da conquista do Peru. Foi propriamente desse ponto que comecei a distanciar-me do mar do Sul, para atravessar, do ocidente para o oriente, todo o continente da América meridional.

Zaruma, situada a 3° 40' de latitude austral, dá o nome a uma pequena província ao ocidente da de Loja. Laet, por mais exato que seja,

¹⁸ Fui depois informado que pessoas encarregadas pelos autores ou cúmplices do assassinio de Seniergues, nosso cirurgião, me esperavam no grande caminho de Cuenca a Loja. Elas sabiam que eu trazia comigo para a Espanha uma cópia autêntica do processo-crime que eu tinha acompanhado como executor testamentário, e temiam com razão que a sentença da audiência de Quito, dada contra todas as regras, e cheia de nulidades, fosse cassada pelo Conselho de Espanha.

não faz dela nenhuma menção na sua descrição da América. Esse lugar teve outrora alguma celebridade, pelas minas, hoje quase abandonadas. O ouro aí é de má qualidade, e somente de quatorze quilates; é misturado de prata, e não deixa de ser demasiado doce submetido ao martelo.

Achei em Zaruma a altura barométrica de 24 polegadas e 2 linhas (0,6546m); sabe-se que essa altura não varia na Zona Tórrida como nos nossos climas. Nós verificamos em Quito, durante anos a fio, que a sua maior diferença não passa absolutamente de uma linha e meia. M. Godin foi o primeiro a notar que suas variações, que são pouco mais ou menos de uma linha em vinte e quatro horas, têm alternativas muito regulares, coisa que, uma vez conhecida, permite julgar da altura média do mercúrio, por uma única experiência. Todas aquelas que havíamos feito na costa do mar do Sul, e as que eu havia repetido na minha viagem de Lima, me tinham ensinado qual era essa altura média ao nível do mar; assim pude eu concluir bem exatamente que o terreno de Zaruma tem a elevação de cerca de 700 toesas (1.364m),¹⁹ o que não chega à metade da elevação do solo de Quito. Servi-me para esse cálculo de uma tabela organizada por M. Bouguer sobre uma hipótese que corresponde até agora melhor do que qualquer outra a nossas experiências do barômetro, feitas em diversas alturas determinadas geometricamente. Eu chegava de Tarqui, país assaz frio, e ressentia-me de um grande calor em Zaruma; entretanto eu não estava menos alto do que na Montanha Pelada da Martinica, onde tínhamos experimentado um frio acerbo, chegando dum região baixa e quente. Suponho aqui já estarem todos informados de que durante a nossa longa estada na província de Quito, debaixo da Linha Equinocial, reconhecemos constantemente que a elevação do solo maior ou menor decide quase inteiramente do grau de calor, e que não é preciso subir 2.000 toesas para a gente se transportar de um vale queimado dos ardores do sol até o sopé dum cúmulo de neve tão antigo quanto o mundo, a coroar uma montanha vizinha.

19 Toesa (fr. *Toise*, ao tempo em que “oi” se pronunciava “oé”, do lat. *Tensa*, subentendido *bracchia*), é antiga medida linear, correspondente a 1 metro e 949 centímetros. Chamou-se “toesa do Peru” a usada por La Condamine, Jorge Juan Santacilia e Antonio Ulloa, e, antes da criação do sistema métrico decimal (7 de abril de 1795), ainda a empregaram Delambre e Méchain, quando mediram, em fins do século XVIII, o meridiano de Paris. (Nota de B. de M.)

Encontrei no meu caminho vários rios que era preciso atravessar em pontes de corda, de cascas de árvore, ou dessas espécies de cipó que se chamam lianas, nas nossas ilhas da América. Tais lianas entrelaçadas em rede formam de uma à outra margem uma galeria no ar, suspensa por dois grossos cabos do mesmo material, e presas as extremidades de cada lado a ramos de árvores. O conjunto apresenta o mesmo aspecto que o de uma rede de pescar, ou, antes, de um hamac indiano que fosse estendido através do rio. Como as malhas desse enredado são muito largas, e o pé poderia enfiar-se por elas, deitam-se alguns caniços no fundo de semelhante berço, para servir de soalho. Vê-se bem que o peso de todo o tecido em si mesmo, e mais ainda o do transeunte, deve fazer uma grande curva em todo o engenho; e se se pensa que o passante, no meio dele, sobretudo quando venta, se acha exposto a grandes balanços, facilmente se compreenderá que uma tal ponte, não raro de mais de trinta toesas (cerca de 60m) de comprimento, tem o quer que é de terrífico à primeira vista; entretanto os índios que não são menos do que intrépidos por natureza, passam por aí correndo, carregados de bagagens, e com as albardas das mulas que se fazem atravessar a nado, e se riem de ver hesitar o viajante. Mas este tem logo vergonha de se mostrar menos resoluto. Essa não é aliás a espécie de ponte mais singular nem a mais perigosa que se usa no país; mas a descrição me apartaria demasiado de meu assunto.

Repeti, passando por Loja, as observações de latitude e altura do barômetro, já feitas em 1737; na minha viagem de Lima, achei os mesmos resultados,²⁰ Loja é menos alto do que Quito, perto de 350 toesas (Quito tem 2.850m de altitude; Loja tem 2.220m), e o calor é aí sensivelmente maior; as montanhas da vizinhança não passam de colinas, em comparação com aquelas das cercanias de Quito. Elas não deixam porém de servir de divisório para as águas da província, e o mesmo outeiro chamado Caxanuma, onde cresce a melhor quinquina,²¹ a duas léguas para o sul de Loja, dá nascimento a ribeiros que tomam direções

20 Ver *Memórias da Academia*, 1938, págs. 226 e 228, sobre a árvore de quinquina.

21 Veja-se o que já se disse no Prefácio a propósito da quina, quer quanto à denominação de uma das variedades dela, em que se perpetuou o nome do autor (a *Chinchona officinalis condaminea*), quer quanto ao esforço dele no sentido de transplantá-la para Caiena e para a França. Três botânicos espanhóis, Mutis, Hipólito Ruiz e José Pavón descreveram outras espécies, cientificamente conhecidas por *Chinchona succirubra*, lancifolia, micranta, nítida e purpúrea. No Brasil, tanto se aclimaram as espécies peruanas, quanto se encontraram outras, entre as quais a *Remijia hilairii*, de que se extrai o “vieirinho”, e a “ferrugínea” (vulgarmente chamada “quina-da-serra”). Não são rubiáceas as chamadas quina-brava, quina-cipó, quina-cruzeira, quina-do-campo, quina-falsa, quina-do-mato, quina-de-são-paulo e quina-do-rio, todas em nosso país empregadas pela medicina empírica. (Nota de B. de M.)

opostas, uns para o Ocidente, para o mar do Sul, e outros para o Oriente, a engrossar o Maranhão.

O dia 3 de junho passei-o todo em uma dessas montanhas. Com a ajuda de dois índios dos arredores, que eu havia tomado para me guiar, não pude em toda a jornada recolher mais que oito ou nove mudas de quinquina, aptas a serem transportadas. Fi-las meter com a terra do lugar em uma caixa suficientemente grande. Essa caixa foi transportada com precaução por homem que caminhava sob as minhas vistas até o lugar em que embarquei; eu esperava conservar ao menos algum pé, que poderia deixar depositado em Caiena, se não se apresentasse em estado de poder ser transportado atualmente para a França, para o jardim do Rei.

De Loja a Jaén atravessam-se os derradeiros contrafortes da cordilheira. Por todo esse caminho se marcha quase sempre através de florestas, onde chove cada dia durante onze, e algumas vezes doze meses por ano; não é possível secar aí o que quer que seja. Os cestos, cobertos de peles de boi, que são as malas do país, apodrecem, e exalam um cheiro insuportável. Passei por duas cidades que só tinham o nome, Loyola e Valladolid, ambas opulentas e povoadas de espanhóis há menos de um século, e agora reduzidas a pequenas aldeias de índios e mestiços, e decaídas de sua primitiva situação. Jaén mesma, que ainda mantém o título de cidade, e que deveria ser a sede da residência do governador, não passa hoje de uma aldeia ruim. Outro tanto aconteceu à maior parte das cidades do Peru distanciadas do mar, e muito desviadas do grande caminho de Cartagena a Lima. Encontrei em toda essa rota muitos rios que tive de passar, uns a vau, outros por essas pontes de que acabo de falar, e outros sobre jangadas que se fazem ali mesmo, com um lenho de que a natureza provê todas essas florestas. Esses rios reunidos formam um outro grande e muito rápido chamado Chinchipe, mais largo que o Sena em Paris. Por ele descí de jangada percorrendo cinco léguas, até Tomependa, aldeia índia à vista de Jaén, em uma situação agradável, na confluência de três grandes rios. O Maranhão fica no meio. Ele recebe do sul o rio Chachapoyas, e do oeste o Chinchipe, por onde vim descendo.

Essa junção dos três rios fica a 5° 30' de latitude austral, e desde aí o Maranhão, pesar de seus rodeios, vai sempre aproximando-se a pouco e

pouco da Linha Equinocial, até a sua embocadura. Abaixo do referido ponto o rio se estreita, e rasga passagem entre duas montanhas; a violência da corrente, os rochedos que a barram, e vários saltos, o tornam impraticável. O que se chama o Porto de Jaén, o lugar onde se é obrigado a ir embarcar, fica a quatro dias de Jaén, no rio de Chuchunga, que vai dar no Maranhão, abaixo dos saltos. No entanto, um expresso que eu enviara a Tomependa, com ordens do governador de Jaén ao seu lugar-tenente de Santiago, para me enviar uma canoa ao porto, atravessara todos os obstáculos em uma pequena jangada feita de dois ou três pedaços de madeira, o que basta a um índio nu e excelente nadador, como todos os são. De Jaén ao porto atravessei o Maranhão, e me achei várias vezes nas suas margens. Nesse trecho o rio recebe do norte várias torrentes que, no tempo das grandes chuvas, carregam uma areia misturada de palhetas e grãos de ouro. Os índios vão recolher, então, precisamente a quantidade necessária para pagar o tributo ou capitação, e somente o fazem quando estão muito solicitados a pagá-lo. O resto do tempo eles calcariam o ouro debaixo dos pés, em vez de se darem ao trabalho de o recolher e triar. Em toda essa zona, as duas margens do rio estão cobertas de cacau selvagem,²² que não é menos bom que o cultivado, e de que os índios não fazem tampouco o menor caso.

Na quarta jornada após a minha partida de Jaén, vadeei vinte e uma vezes a torrente do Chuchunga, e uma última vez o atravessei de bote; as mulas, em caminho de casa, se lançaram a nado mesmo carregadas, e meus instrumentos, livros e papéis, tudo ficou molhado. Era o quarto incidente deste gênero que eu tinha padecido desde que viajava nas montanhas; meus naufrágios não cessaram senão com o embarque.

Achei em Chuchunga uma aldeia de dez famílias índias, governadas por um cacique, que entendia pouco mais ou menos tantos termos espanhóis quantos eu da sua língua. Em Jaén fui obrigado a desfazer-me de dois criados do país, que poderiam servir-me de intérpretes. A necessidade

²² Tão saboroso achou o chocolate o botânico a quem coube dar nome ao cacau, que o qualificou de “manjar divino”, exata tradução da voz grega *theobroma*. O originário, provavelmente, dos vales do Orinoco e do Amazonas, o nosso *Theobroma cacao* (da família das esterculiáceas) apresenta duas variedades: a silvestre e a cultivada. Na América espanhola, as suas três espécies receberam as denominações de *cacao criollo*, *cacao forastero* e *cacao calabacillo*. (Nota de B. de M.)

me sugeriu o meio de passar sem eles. Os índios de Chuchunga não tinham mais que pequenas canoas, próprias para o uso que delas fazem, e a que eu havia mandado buscar em Santiago por um próprio não podia chegar antes de quinze dias. Encarreguei o cacique de mandar fazer-me pelos seus homens uma jangada ou balsa (é o nome que dão no país a essa embarcação e à madeira de que ela se faz),²³ e a pedi tão grande, que me coubesse com todos os instrumentos e bagagens. O tempo necessário para preparar a balsa me deu o de secar os papéis e livros, folha por folha, precaução tão necessária quanto aborrecida. O sol não se mostrava senão pelo meio-dia: era o bastante para que uma pessoa pudesse tomar a altura. Achei 5° 21' de latitude austral, e vi pelo barômetro, mais baixo dezesseis linhas que à beiramar, que 235 toesas acima do seu nível (a cerca de 460m de altura) há rios navegáveis sem interrupção. Contudo há uma aparência bem grande de que o ponto em que começa a navegação de um rio que tem antes mais de mil léguas de curso deve ser mais acima do que o dos rios ordinários.

23 “Jangada”, nome que se presume oriundo de “xangádã”, voz malaiala, designa atualmente, em nosso país, uma embarcação chata, usada pelos pescadores da costa oriental e formada de cinco paus roliços (o “mimbura” central, dois “meios” e dois “bordos”), aos quais se junta um mastro (o “boré”). A zona da jangada, como se pode ver no *Dicionário Marítimo Brasileiro* (Rio, 1877), pág. 109, é a compreendida entre os rios São Francisco e Caracu. O apelativo aplica-se também a duas árvores da nossa flora: a jangada-brava, da família das tiliáceas (*Heliocarpus americanus*); e a jangada-do-campo, da família das borragináceas (*Cordia superba*). (Nota de B. de M.)

.....

IV

Onde o Maranhão começa a ser navegável – Cumbinama, Escurrebragas, Guaracayo – Rio e cidade de Santiago – Os xibaros – Borja, capital das missões espanholas – O Pongo de Manseriche – Acidente singular – Choque da jangada com o rochedo – Província de Mainas – Raridade das pedras

N

o dia 4 de julho, depois do meio-dia, embarquei em uma pequena canoa de dois remadores, precedido da balsa, escoltado por todos os índios do aldeamento. Eles entraram n'água até a cintura para a conduzir a mão nos passos perigosos, e retê-la entre os rochedos, e nos pequenos saltos, contra a violência da correnteza. No dia seguinte de manhã, depois de muitas voltas, desemboquei no Maranhão, cerca de quatro léguas para o norte do lugar em que eu havia embarcado. É aí que começa a ser navegável. Foi necessário aumentar e fortificar a jangada, proporcionada ao leito do riozinho por onde eu viera. De noite o rio cresceu dez pés, e foi necessário transportar às pressas a folhagem que me servia de abrigo, que os índios constroem com habilidade e presteza admiráveis. Estive retido nesse lugar por três dias, a conselho, ou antes por ordem dos meus guias, a quem eu estava obrigado de atender. Eles tiveram bastante tempo para preparar a balsa, e eu para fazer observações. Medi geometricamente a largura do rio: achei 135 toesas (263m), embora já diminuído de 15 a 20 toesas. Vários afluentes que ele recebe acima de Jaén são mais largos, o que me fez concluir que ele deve ser aí de uma grande profundidade; efetivamente, com um cordel de 28 braças (46,48m), não encontrei fundo senão no terço da largura. Não pude sondar no meio do leito, onde a velocidade de uma canoa abandonada à corrente era de uma toesa e um quarto por segundo (cerca de 2,5m).

54 *La Condamine*

O barômetro, mais alto quatro linhas que no porto, mostrava que o nível da água era mais baixo cerca de 50 toesas (quase 100m), desde Chuchunga, onde não gastei mais que oito horas para descer. Observei no mesmo lugar a latitude de 5° 1' para o sul.

No dia 8 prossegui caminho, e passei pelo estreito de Cumbinama, perigoso pelas pedras de que está cheio. Não tem mais de 20 toesas de largura. Ao dia seguinte encontrei o de Escurrebragas, que é de outro tipo. O rio, detido por uma encosta de rocha muito escarpada em que esbarra perpendicularmente, é obrigado a se desviar subitamente, fazendo um ângulo reto na primeira direção. O choque das águas, com toda a velocidade adquirida pelo estreitamento do canal, cavou na rocha uma enseada profunda, onde as águas da margem do rio são retidas, apartadas pela rapidez das do centro. Minha jangada, sobre a que eu então estava, carregada pelo fio da corrente para essa cavidade, não fez outra coisa senão girar durante uma hora e alguns minutos. As águas, girando, me arrastavam para o meio do leito do rio, onde o choque da grande correnteza fazia vagas que teriam infalivelmente feito submergir uma canoa. O tamanho e a solidez da jangada punham-na em segurança neste particular; mas eu era sempre repellido pela violência da corrente para o fundo da enseada, donde só consegui sair pela perícia de quatro índios que eu havia conservado com uma pequena canoa, para uma eventualidade. Estes, tendo seguido ao longo da margem juntinho à terra, escalaram o rochedo, donde me atiraram não sem trabalho algumas lianas, que são as cordas do país, com as quais me rebocaram a balsa, até que a repuseram no fio da água. No mesmo dia atravessei um outro estreito, chamado Guaracayo, onde o leito do rio, apertado entre dois rochedos grandes, não tem 30 toesas de largura; este não é perigoso senão nas grandes cheias. Encontrei essa noite a canoa grande de Santiago, que subia para me buscar no porto; mas lhe eram necessários ainda seis dias para atingir apenas o lugar donde eu partira essa manhã, e donde eu derivara em dez horas.

Cheguei no dia 10 a Santiago das Montanhas, aldeamento hoje situado na foz do rio do mesmo nome, e formado dos restos de uma cidade que tinha dado o seu ao rio. As margens são habitadas por uma nação índia, chamada xibaros, outrora cristã, e revoltada há um século contra os espanhóis, para se furtarem aos trabalhos nas minas de ouro da região; desde então, retirados para florestas inacessíveis, eles se mantêm independentes, e

impedem a navegação do rio, por onde se poderia descer comodamente em menos de oito dias das cercanias de Loja e de Cuenca, donde eu partira por terra havia dois meses. O terror que inspiram tais índios obrigou o resto dos habitantes de Santiago a mudar duas vezes de habitação, e cerca de quarenta anos a descer até a embocadura do rio no Maranhão.

Abaixo de Santiago encontra-se Borja,²⁴ cidade pouco mais ou menos da qualidade das precedentes, conquanto capital do governo de Mainas, que compreende todas as missões espanholas das margens do Maranhão. Borja é separada de Santiago²⁵ apenas pelo famoso Pongo de Manseriche. Ponto, antigamente Puncu, na língua do Peru, significa “porta”. Dá-se tal nome, nessa língua, a todas as passagens estreitas, mas esta o traz por excelência. É um caminho que o Maranhão, voltando para o este, depois de duzentas léguas de curso para o norte, abre no meio das montanhas da cordilheira, cavando um leito entre duas muralhas paralelas de rochedos quase a pique. Obra de um século uns soldados espanhóis de Santiago descobriram essa passagem, e ousaram franqueá-la. Dois missionários jesuítas da província de Quito seguiram-nos de perto, e fundaram em 1639 a missão de Mainas,²⁶ que se estende até muito longe na descida do rio. Tendo chegado a Santiago, eu calculava transportar-me a Borja no mesmo dia, e me bastava uma hora para aí chegar. Mas, sem embargo de meus recados reiterados, e das ordens e recomendações de que estávamos sempre bem providos, cuja execução raramente vimos, as madeiras da grande jangada que devia atravessar o Pongo não estavam cortadas. Contentei-me de fazer fortalecer a minha com uma nova cinta de que eu a fiz enquadrar, para receber a primeira prova de choques, quase inevitáveis nas sinuosidades, por

24 É do começo do século XVII a fundação da capital dos mainas e cujo nome, primitivamente “São Francisco de Borja”, proveio do então vice-rei do Peru, Francisco de Borja (príncipe de Esquilache), que foi quem nomeou governador daqueles silvícolas a D. Diego de Vaca y Veja, fundador da referida povoação, onde entraram os primeiros soldados espanhóis em 1616. (Nota de B. de M.)

25 Tomou o nome do rio Santiago, que, vindo do Equador, aflui para a margem esquerda do Amazonas. (Nota de B. de M.)

26 A Missão de Mainas foi fundada em 1639 por dois jesuítas, os padres Gaspar de Cugia e Lucas de la Cueva, que para ali partiram de Quito, em 21 de outubro de 1637, com o governador D. Pedro Vaca de la Cadena. Para mais esclarecimentos, veja-se a obra de F. Figueroa, *Relación de las misiones de la Compañía de Jesús en el país de los maynas*. (Nota de B. de M.)

falta de governalho que os índios nunca usam nas jangadas. Quanto a suas canoas, elas são tão ligeiras que eles as dirigem com a mesma pagaia que lhes serve de remo.

Ao dia que se seguiu a minha chegada a Santiago, não foi possível vencer a resistência de meus marinheiros, que não julgavam ainda o rio suficientemente baixo para se arriscarem à passagem. O máximo que deles obtive foi atravessá-lo, para esperar o momento favorável numa enseada vizinha do Pongo, onde a violência das águas é tal que, embora não haja saltos propriamente, elas parecem precipitar-se, e o choque de encontro aos rochedos faz um barulho atarrador.

Os quatro índios que do porto de Jaén me tinham acompanhado até aí, menos curiosos que eu de ver o Pongo de perto, tinham já tomado a dianteira por terra, por um caminho, ou antes por uma escaleira talhada na rocha, e foram esperar em Borja. Eles me deixaram essa noite, como a precedente, sozinho com um negro escravo na minha jangada. Fui feliz de a não ter querido abandonar, pois ocorreu-me uma aventura que talvez não tenha exemplo. O rio, cuja altura diminuiu 25 pés (7,2m), em 36 horas, continuou a decrescer a vista d'olhos. Noite velha, o rebento de um grosso galho de árvore, escondido sob as águas, começou a enredar-se entre as peças de madeira de meus trens, e penetrava de mais em mais à medida que eles baixavam com o nível do rio; se eu não estivesse presente e acordado, ficaria com a jangada presa e suspensa no ar pelo galho de árvores, e o menos que me podia acontecer era perder meus jornais e papéis de observações, fruto de oito anos de trabalho. Mas achei, enfim, por felicidade, o meio de desenredar a jangada, e de a repor a flutuar.

Aproveitei-me da demora forçada em Santiago para medir geometricamente a largura dos dois rios, e tomei também os ângulos necessários para traçar uma carta topográfica do Pongo.

No dia 12 de julho, ao meio-dia, mandei soltar a jangada, e fazer ao largo; logo fui arrastado pela correnteza da água para uma galeria estreita e profunda, talhada obliquamente na rocha, e nalguns pontos a pique; em menos de uma hora achei-me transportado a Borja, três léguas abaixo de Santiago, conforme a estimativa ordinária. Todavia, a balsa, que não calava meio pé dentro d'água, e que pelo volume da carga apresentava à

resistência do ar uma superfície de sete a oito vezes maior, não podia tomar toda a velocidade da corrente, e essa velocidade mesma diminuía consideravelmente, à medida que o leito do rio se alarga em se aproximando de Borja. No ponto mais angusto, eu julguei que fazíamos duas toesas (3,90m) por segundo, em comparação com outras velocidades exatamente medidas.

O canal do Pongo, cavado por obra da natureza, começa menos de meia légua abaixo de Santiago, e vai apertando-se mais e mais, de sorte que de 250 toesas (487,25m) pelo menos que ele apresenta abaixo da confluência de dois rios, chega a não ter senão 25 (48,725m), onde é mais apertado. Sei que se deram até agora ao Pongo 25 varas espanholas, que não passam de 10 das nossas toesas; sei que dizem comumente que se vai de Santiago a Borja num quarto d' hora. Quanto a mim, observei, no passo mais estreito, que eu estava a três distâncias da minha jangada, pelo menos, de cada lado. Contei no meu relógio 57 minutos, desde a entrada do estreito até Borja; e combinando tudo, acho as medidas tais como acabo de anunciar, e por mais esforço que eu faça para me aproximar da opinião consagrada, lamento ver duas léguas marinhas (11,112m) na passagem de Santiago a Borja, em lugar de três que se contam de ordinário.

Eu abalroei duas ou três vezes rudemente contra os rochedos, nos rodeios que fiz; haveria de que assustar-se a gente, se não estivera prevenida. Uma canoa despedaçar-se-ia aí mil vezes sem salvação, e de passagem me mostraram o lugar em que pereceu certo governador de Mainas; mas como as peças de uma jangada não são nem pregadas nem embutidas, a flexibilidade dos cipós que as reúnem faz o papel de molas que amortecem os golpes, e não se tomam precaução alguma contra os choques dela. O maior perigo é ser arrastado para um torvelinho fora da corrente, como me havia acontecido mais acima. Não havia um ano que um missionário fora arrebatado por um deles, e lá ficou dois dias sem provisões, e teria morrido de fome se uma enchente súbita do rio não o tivesse repostado enfim no fio da água. Ninguém desce de canoa o Pongo, a não ser quando as águas estão suficientemente baixas, e pode ela governar-se sem ser dominada pela corrente. Quando elas estão baixas ao extremo, as canoas podem também subir a contracorrente, com muita dificuldade; as balsas, jamais.

Chegado a Borja, achei-me num mundo novo, distanciado de qualquer comércio humano, num mar d' água doce, no meio de um labi-

rinto de lagos, rios e canais, que em todos os sentidos invade a floresta imensa, que só as águas tornam acessível. Topei aí plantas novas, animais novos, homens novos. Os olhos, acostumados por sete anos a contemplar montanhas que se perdiam nas nuvens, não se cansavam de fazer a volta do horizonte, sem outro obstáculo que as colinas do Pongo, que iam logo desaparecer da minha vista. Àquela multidão de objetos variados, que diversificam as pradarias cultivadas dos arredores de Quito, sucedia o aspecto mais uniforme: água, verdura e nada mais. Tem-se a terra sob os pés, sem a ver: ela é tão recoberta de tufos de ervas, plantas e abrolhos, que daria grande trabalho lá descobrir o espaço de um pé. Além de Borja, 400 a 500 léguas rio abaixo, uma pedra, um simples calhau, é tão raro quanto um diamante. Os selvagens dessas regiões não sabem o que seja uma pedra, nem mesmo dela têm a idéia. É um espetáculo divertido ver alguns dentre eles, quando em Borja se deparam com uma pela vez primeira: testemunham por seus gestos e admiração, e se apressam a apanhá-la, e a carregá-la como mercadoria preciosa; mas logo a desprezam e a rejeitam, quando percebem a sua vulgaridade.

.....
V

*Os índios americanos – Diversidade de costumes e
semelhança de caráter – Pobreza das línguas americanas –
Palavras hebraicas comuns a várias línguas dos
povos da América*

Antes de passar adiante, creio dever dizer uma palavrinha a propósito do gênio e caráter dos homens originários da América meridional, que vulgarmente se chamam com impropriedade “índios”. Não se trata de criolos espanhóis ou portugueses, nem das diversas espécies de homens produzidos pela mestiçagem dos brancos na Europa, dos negros d’África, e dos vermelhos da América, desde que os europeus aí entraram, e aí introduziram os pretos da Guiné.

.....
Todos os antigos nativos do país são trigueiros e de cor avermelhada, mais ou menos clara; a diversidade de matiz deve-se verossímil, e principalmente, às diferenças de temperatura do ar dos países que habitam, pois vai do maior calor da Zona Tórrida até o frio causado pela vizinhança da neve.

Tal diferença de climas, nessas regiões de florestas, de planícies, de montanhas e rios, a variedade dos alimentos, o pequeno comércio que mantêm entre si as nações confinantes, e mil outras causas devem, necessariamente, ter introduzido diversidades nas ocupações e nos costumes desses povos. Aliás, bem se concebe que uma nação que se tornou cristã, e que se conservou sujeita um ou dois séculos à dominação espanhola ou portuguesa, deve ter tomado infalivelmente alguma coisa dos hábitos dos conquista-

dores; e, por conseguinte, um índio duma cidade ou aldeia do Peru, por exemplo, deve distinguir-se de um selvagem do interior do continente, e ainda de um novo morador das missões estabelecidas nas margens do Maranhão. Logo, para dar idéia exata dos americanos, seriam mister tantas descrições quantas nações há entre eles; no entanto – como todas as nações da Europa, apesar de diferentes entre si em línguas, instituições e costumes, não deixariam de ter algo em comum aos olhos de um asiático que as examinasse com atenção – todos os índios da América, das diversas regiões que tive ocasião de percorrer, pareceram-me ter certos traços de semelhança uns com os outros; e, tanto quanto é permitido a um viajante que não registra as coisas senão de passagem, suponho reconhecer em todos eles um mesmo fundo de caráter.

A insensibilidade é o fundamental. Fica a decidir se a devemos honrar com o nome de apatia, ou se lhe devemos dar o apodo de estupidez. Ela nasce indubitavelmente do número limitado de suas idéias, que não vai além de suas necessidades. Glutões até a voracidade, quanto têm de que saciar-se; sóbrios quando a necessidade os obriga a se privarem de tudo sem parecerem nada desejar; pusilânimes ao excesso, se a embriaguez os não transporta; inimigos do trabalho, indiferentes a toda ambição de glória, honra ou reconhecimento; unicamente ocupados das coisas presentes, e por elas sempre determinados; sem a preocupação do futuro; incapazes de previdência e reflexão; entregues, quando nada os molesta, a brincadeiras pueris, que manifestam por saltos e gargalhadas sem objeto nem desígnio; passam a vida sem pensar, e envelhecem sem sair da infância, cujos defeitos todos são conservados.

Se estes reproches não dissessem respeito senão aos índios do Peru, aos quais não falta senão o nome de escravos, poder-se-ia crer que essa espécie de embrutecimento nasce da servilidade em que vivem; o exemplo dos gregos modernos prova muito bem quanto a escravidão é própria para degradar o homem. Mas os índios das missões e os selvagens que gozam de liberdade são tão limitados por não dizer tão estúpidos quanto os outros, e não se pode ver sem humilhação o quanto o homem abandonado à natureza, privado de educação e sociedade, pouco difere das bestas.

Todas as línguas da América meridional de que eu tive alguma noção são muito pobres; várias são enérgicas e suscetíveis de elegância, principalmente a antiga língua do Peru; mas todas são faltas de termos que exprimam as idéias abstratas e universais, prova evidente do acanhado progresso que fizeram os espíritos de tais povos. “Tempo”, “duração”, “espaço”, “ser”, “substância”, “matéria”, “corpo”: todos esses nomes, e muitos outros, faltam em suas línguas; não somente os nomes dos entes metafísicos, mas os dos seres morais, não podem verter-se senão imperfeitamente, e por longas perífrases. Não há palavra que corresponda exatamente a “virtude”, “justiça”, “liberdade”, “reconhecimento”, “ingratidão”. Tudo isso parece muitíssimo difícil de conciliar com o que Garcilaso conta da civilização, da indústria, das artes, do governo e do gênio dos antigos peruvianos. Se o amor da pátria não o iludiu, há-se de convir que esses povos muito degeneraram de seus progenitores. Quanto às outras nações da América austral, ignora-se que eles hajam nunca saído da barbárie.

Coligi um vocabulário das palavras de mais uso das diversas línguas índias. A comparação desses termos com os que têm a mesma acepção noutras línguas do interior das terras pode não somente servir para provar as diversas transmigrações desses povos de uma a outra extremidade do vasto continente, mas é o único meio de descobrir a origem dos americanos quando confrontadas as diversas línguas da África, da Europa e das Índias orientais. Uma conformidade de línguas bem verificada decidiria, sem dúvida, a questão. O vocábulo “abba”, “baba” ou “papa”, e “mama”, que das línguas antigas do Oriente parecem haver passado para a maior parte das da Europa com ligeiras modificações, são comuns a um grande número de nações da América, cujas linguagens são, aliás, muito diferentes. Se se consideram tais vocábulos como os primeiros sons que as crianças podem articular, e por conseguinte como aqueles que tiveram de ser adotados preferivelmente pelos pais que em toda parte os ouviam pronunciar para servir de sinais das idéias de “pai” e “mãe”; resta ainda saber por que motivo em todas as línguas da América, onde tais palavras se encontram, sua significação se conservou sem cruzar: por que azar da língua omágua, por exemplo, no centro do continente, ou em qualquer outra semelhante, onde os termos “papa” e “mama” se usam, não aconteceu alguma vez que o primeiro significasse



62 *La Condamine*

“mãe”, e o segundo, “pai”, pois o contrário é o que se observa sempre, como nas línguas do Oriente da Europa. Há muita verossimilhança de que outros vocábulos se encontram entre os naturais da América, cujas relações bem demonstradas com os de outra língua do Antigo Mundo poderiam espalhar luz em uma questão até aqui puramente conjectural.

.....

VI

As missões espanholas de Mainas – O Morona e as três bocas do Pastaça – Laguna – O Guallaga – Canoas índias – Precauções para o levantamento da carta do Amazonas – O rio Tigre – Os jameus e sua língua; assarbacanas – O autor refere-se ao “curare” sem mencionar o nome – O Ucaiale, talvez a verdadeira fonte do Amazonas

E

u era esperado em Borja pelo reverendo P. Magnin, do cantão de Friburgo, missionário jesuíta em quem achei todas as atenções e obséquios que poderia esperar de um compatriota e amigo. Não tive necessidade junto dele, nem depois junto dos outros missionários de sua ordem, das recomendações de seus amigos de Quito, e menos ainda dos passaportes da corte de Espanha, de que eu estava munido. Ademais de várias curiosidades de história natural, esse sacerdote me fez presente de uma carta que ele levantara das missões espanholas de Mainas, e de uma descrição de hábitos e costumes das nações vizinhas. Durante a minha permanência em Caiena, ajudei M. Artur, médico do rei e membro do conselho superior dessa colônia, a traduzir essa obra do espanhol para o francês; ela é digna da curiosidade do público.

Observei em Borja a latitude de 4° 28' para o sul. Daí parti no dia 14 de julho com o mesmo padre, a quem comprouve acompanhar-me até Laguna. Deixamos a 15, do lado do norte, a embocadura do Morona, que desce do vulcão Sangay, cujas cinzas atravessando as províncias de Macas e de Quito voam não raro além de Guaiaquil. Mais longe, e do mesmo lado, encontramos as três bocas do rio Pastaça, de que acima falei. Ele tinha então excessivamente transbordado, e ninguém podia pôr o pé em terra em parte alguma, o que me impediu de medir a largura da boca principal que

eu avalio em 400 toesas (780m), mas quase tanto quanto a largura do Maranhão. Um pouco adiante, observei na mesma tarde e na manhã seguinte o pôr e o nascer do Sol, e achei, como em Quito, 8° 30' de declinação para nordeste. De duas amplitudes assim observadas consecutivamente, de tarde e de manhã, pode-se concluir a declinação da agulha imantada, sem conhecer a do Sol; basta ter em conta a mudança do Sol em declinação no intervalo das duas observações, se ela é bastante considerável para poder ser percebida com a bússola.

No dia 19 chegamos a Laguna, onde me aguardava há seis semanas D. Pedro Maldonado,²⁷ governador da província de Esmeraldas, a quem devo o testemunho público de sua distinção (assim como aos seus irmãos e a todos os seus) entre quantos, em todos os tempos, prestaram bons ofícios a nosso destacamento acadêmico, durante a longa estada na província de Quito. Eu o tinha achado disposto a enveredar, como eu, pela rota do rio das Amazonas, para voltar à Europa. Ele tinha seguido o segundo dos três caminhos de que falei descendo o Pastaza, e chegara depois de muitas fadigas e perigos, muito antes de mim, ao nosso encontro de Laguna, apesar de que partimos pouco mais ou menos ao mesmo tempo, um de Quito, e o outro de Cuenca; de caminho, fizera, com a bússola e um gnômone portátil, as observações necessárias para descrever o curso do Pastaza, como lhe eu exortara que fizesse, facilitando-lhe os meios.

Laguna é uma grande aldeia de mais de mil índios armados, e reunidos de diversas nações. É a principal de todas as missões de Mainas. Este forte está situado em um terreno seco e alto, coisa difícil de encontrar no país, e à margem de um grande lago, cinco léguas acima da foz do Guallaga, que tem sua nascente como o Maranhão, nas montanhas do este de Lima. Foi pelo Guallaga que desceu para o Amazonas aquele Pedro de Úrsua de quem antes falamos. A memória de sua expedição, e a dos acontecimentos que deram causa a sua funesta aventura, ainda se conservam entre

²⁷ Esse prestimoso e competente auxiliar de La Condamine era natural do Equador, onde nasceu em 1709, tendo ido expirar em Londres, antes de completar 40 anos, em 1748. Antes de partir para a Europa, havia levantado uma carta da província de Quito, à qual não faltaram os elogios de Humboldt. Deixou um trabalho concernente à região que administrou: *Relación del camino de Esmeraldas*. (Nota de B. de M.)

os habitantes de Lamas, pequeno burgo vizinho do porto em que ele desembarcou. A largura do Guallaga no encontro com o Maranhão poderia ser então de 250 toesas (menos de 500m), ou quatro vezes o Sena em Ponte Real. Não é mais que um rio medíocre em comparação com aqueles de que farei menção a seguir.

Fiz em Laguna várias observações de latitude pelo Sol e pelas estrelas, e achei $5^{\circ} 14'$. Prolonguei aí minha estada por todo um dia para ver se observava a longitude; mas perdi de vista Júpiter nos vapores do horizonte, antes de ver sair das sombras o seu primeiro satélite.

No dia 23, M. Maldonado e eu partimos de Laguna em duas canoas de 42 e 44 pés de comprimento e apenas 3 de largura. Eram formadas de um só tronco de árvore cada uma. Os remadores aí sentam desde a proa até o meio, o viajante e a sua equipagem ficam na popa, ao abrigo da chuva, sob um teto arredondado, feito de um tecido de folhas de palmeiras entrelaçadas, preparado com arte pelos índios. Esta ramada é interrompida no meio para dar luz à canoa, e para aí entrar-se comodamente: um teto de alçapão, feito do mesmo material, desliza sobre o fixo, e serve para tapar essa abertura, quando se quer, abertura que faz de porta e de janela.

Resolvemos prosseguir dia e noite, para alcançar se possível as brigantinas, ou grandes canoas que os missionários portugueses despacham todos os anos para o Pará, para ir buscar suas provisões. Nossos índios remavam durante o dia; dois somente faziam sentinela à noite, um à proa e outro à popa, para manter a canoa em plena correnteza.

Preocupado em levantar a carta do curso do Amazonas, eu tinha arranjado um motivo contra a inatividade que me permitiria aquela navegação tranqüila, e que até poderia tornar-se fastidiosa, em razão de mesmeidade dos objetos, ainda quando novos. Era-me preciso estar em uma atenção contínua para observar a bússola, e com o relógio na mão, as mudanças de direção do curso d'água, e o tempo que gastávamos de uma sinuosidade a outra; para examinar as diferentes larguras do leito, e as das desembocaduras dos afluentes e os ângulos que estes formam ao desaguar; para observar o encontro das ilhas e seu comprimento; e sobretudo para medir a velocidade da correnteza, e a da canoa, ora em terra, ora na

própria canoa, por diversos processos, cuja explicação seria aqui demais. Todos os meus momentos estavam tomados: freqüentemente sondei e medi geometricamente a largura do rio, e a dos afluentes; tomei a altura meridiana do Sol quase todos os dias, e muitas vezes observei-lhe a amplitude ao levantar e ao esconder; em todos os lugares onde estacionei montei também o barômetro. Não farei, daqui por diante, menção dessas observações a não ser nos lugares mais notáveis, reservando maiores minúcias para as assembléias particulares.

No dia 25, deixamos do lado do norte o rio Tigre, que poderia muito bem ser maior que o homônimo da Ásia, mas que menos bem situado se perde em uma multidão de outros mais consideráveis. No mesmo dia chegamos bem cedo e do mesmo lado a uma nova missão de selvagens chamados jameus, recentemente trazidos das selvas. Sua língua é de uma dificuldade inexprimível, e sua maneira de falar é ainda mais extraordinária que a língua. Eles falam por imissão de voz, e não fazem soar quase nenhuma vogal. Têm vocábulos que não poderíamos escrever, mesmo imperfeitamente, sem empregar menos de nove a dez sílabas; entretanto, pronunciados por eles, não parecem ter mais de três ou quatro. “Poettarrarincouroac” significa o número “três”: felizmente para aqueles que têm negócios com eles, sua aritmética não vai muito longe. Por menos crível que pareça, essa não é a única nação índia que se acha neste caso. A língua brasileira, falada por povos menos grosseiros, revela a mesma indigência, e além do número “três” são obrigados para contar a valer-se da língua portuguesa.

Os jameus são muito adestrados a fazer longas sarbacanas, que são a arma de caça mais em voga entre os índios. A elas ajustam pequenas flechas de palmeira, guarnecidas de um pequeno enrolado de algodão, em vez de penas, que enche exatamente o vazio do canudo. Lançam-nas com o sopro a 30 ou 40 passos, e quase nunca erram na pontaria. Um instrumento tão simples supre vantajosamente, entre todas as nações, a falta de armas de fogo. Eles embebem a ponta dessas flechazinhas, assim como a dos seus arcos, em um veneno tão ativo quanto mais novo, e que mata em menos de um minuto o animal a que eles tiram o sangue. Conquanto tivéssemos espingardas, nunca comemos no rio caça abatida de outro modo, e muitas vezes encontramos a ponta da flecha ao mastigá-la, o que não constitui

nenhum perigo; o veneno não age senão em contato com o sangue, quando não se torna menos mortal para os homens do que para os animais. O contraveneno é o sal, e mais seguramente o açúcar. Terei ocasião de falar nas experiências que fiz a este propósito em Caiena e Leide.²⁸

No dia seguinte, 26, encontramos, pelo lado do sul, a boca do Ucaiale, um dos maiores rios que engrossam o Maranhão. Há motivo de duvidar sobre qual dos dois é o tronco principal, cujo ramo é o outro. No seu encontro o Ucaiale é mais largo do que o rio para o qual perde o nome. As cabeceiras do Ucaiale são também as mais distantes e abundantes; ele reúne as águas de várias províncias do alto Peru, e já recebeu o Apu-Rimac que o torna considerável, pela mesma latitude em que o Maranhão é apenas uma torrente. Enfim, o Ucaiale, encontrando o Maranhão, repele-o e o faz mudar de direção. Por outro lado, o Maranhão deu uma volta maior e foi já engrossado pelos caudais do Santiago, do Pastaça, do Guallaga, etc. quando se junta ao Ucaiale. Demais, consta que o Maranhão é sempre de uma profundidade extraordinária. É certo que o Ucaiale nunca foi sondado e que se ignora o número e grandeza dos rios que ele recebe.²⁹ Tudo isso me persuade de que a questão não pode decidir-se definitivamente enquanto ele não for melhor conhecido. Ele começava a ser explorado quando as missões recentemente estabelecidas às suas margens foram abandonadas após a revolta dos cunivos e dos piros, que massacraram os missionários em 1695.

28 Adiante, menciona o autor as experiências a que procedeu em Caiena, em 1744, referindo-se, depois às de Leide, cuja data não precisou. Como quer que seja, foi um dos primeiros a estudar o famoso “curare”, denominação que globalmente tomaram os tóxicos extraídos do gênero *strychnos* pelos silvícolas sul-americanos, para feitura de flechas envenenadas. (Nota de B. de M.)

29 O autor foi um dos primeiros a mostrar a importância da rede potamográfica do Ucaiale (nome que preponderou sobre o primitivo Ucayal), receptor do Cuzco, do Apurimac e de outros que banham as históricas localidades de Huancávelica e Ayacucho. Os “cunivos” (os únicos que usavam camisolas ou túnicas) e os “piros” ocupavam-lhe a margem esquerda, achando-se-lhe à direita os “amaucas”. (Nota de B. de M.)

.....

VII

A missão de S. Joaquim e os omáguas, ou “cabeças-chatas” – O floripôndio e a curupa – A fertilidade da região e as plantas úteis – Os cipós – As gomas, as resinas, os bálsamos, os óleos – O caucho e suas utilidades – O Napo – Pebas, a última das missões espanholas. Os antropófagos do interior. As orelhas monstruosas

Abaixo do Ucaiale a largura do Maranhão cresce sensivelmente e o número das ilhas aumenta. Na manhã do dia 27, abordamos a missão de São Joaquim, composta de várias nações índias, e sobretudo da dos omáguas, gente outrora poderosa, que povoava ainda há um século as ilhas e margens do Amazonas, em uma extensão de cerca de 200 léguas abaixo do Napo. Eles não passam, entretanto, por originários do país, e há aparência de que vieram aí estabelecer-se, descendo algum dos rios que provêm do novo Reino de Granada, para fugir à dominação espanhola, por ocasião da conquista.³⁰

Uma nação que traz o mesmo nome de omágua, e que habita próximo da fonte de um desses rios, o uso de vestimentas que se achou somente entre os omáguas que vivem nas margens do Amazonas, alguns vestígios da cerimônia do batismo, e certas tradições desfiguradas, confir-

³⁰ Consoante a asserção de Paul Rivet, em seu erudito trabalho *Langues américaines*, escrito para *Les langues du monde – Par un groupe de linguistes, sous la direction de A. Meillet et Marcel Cohen* (Paris, 1924), os “omáguas” (ou “campevas”, “cabeças-chatas”) encontravam-se entre o Napo e o Ucaiale. Os “jurimáguas” fugiram dos portugueses, retirando-se do leste para o oeste do Amazonas. Os “cocamas” (também chamados “ucaialis”) e os “cocamilhas” (ou “gualhagas”) situaram-se no baixo Ucaiali e no baixo Huallaga. São todos pertencentes ao grupo tupi. (Nota de B. de M.)

mam a conjectura de sua transmigração. O padre Samuel Fritz os tinha convertido todos à religião cristã, pelo fim do último século, e contavam-se então em suas terras 30 aldeamentos, indicados pelos seus nomes na carta desse padre.³¹ Nós não vimos deles senão ruínas, antes o lugar. Todos os habitantes, atemorizados pelas incursões de alguns piratas do Pará, que vinham buscar escravos entre eles, dispersaram-se pelos bosques, e pelas missões espanholas e portuguesas.

O nome “omáguas”, na língua do Peru, assim como “cambevas”, que lhes dão os portugueses do Pará na língua do Brasil, significa “cabeça chata”; realmente esses povos têm o costume extravagante de apertar entre duas tábuas a fronte das crianças que acabam de nascer, para lhes dar aquela estranha figura, e para fazê-las mais parecidas, dizem eles, com a lua cheia. A língua dos omáguas é tão doce e tão fácil de pronunciar e aprender, quanto a dos jameus é rude e difícil: não tem nenhuma relação com as do Peru ou as do Brasil, que se falam, respectivamente, ao norte e ao sul da região dos omáguas, ao longo do rio das Amazonas.

Os omáguas fazem grande uso de duas espécies de plantas; uma delas os espanhóis chamam “floripôndio”, tem a flor em forma de sino invertido, e foi descrita pelo P. Feuillée; da outra, que na língua omágua se chama “curupa”, trouxe a semente; ambas são purgativas.³² Esses povos se dão por esse meio uma embriaguez que dura vinte e quatro horas, durante a qual têm visões muito estranhas; tomam também a curupa reduzida a pó, como nós tomamos o rapé, mas com maior aparato. Servem-se de um tubo de caniço terminado em forquilha, com a configuração de um “Y”,

31 Já se fez referência ao trabalho científico do padre jesuíta Samuel Fritz. Missionou, durante quase 40 anos, na imensa hiléia amazônica, principalmente entre as tribos das cabeceiras do Japurá e do Uapés. Foi, com razão, chamado “o apóstolo dos omáguas”, por haver fundado algumas missões daqueles silvícolas. (Nota de B. de M.)

32 Aos botânicos espanhóis Hipólito Ruiz e José Pavón deve-se o estudo de duas dessas plantas, encontradas no Peru e ricas de alcalóides tóxicos: o floripôndio branco, *Datura arborea*, e o floripôndio encarnado, *Datura sanguínea*. Quanto à denominação “curupa” pelo autor, só se sabe que há em nosso país um arbusto com esse apelativo, semelhante ao curupal (algerrobo do Paraguai) e ao “corubo” da Colômbia. (Nota desta edição.)

inserem cada ramo em uma narina; tal operação, seguida de um violento sorvo, os leva a fazer uma careta mui ridícula aos olhos de um europeu, que tudo quer registrar quanto a seus hábitos.

Pode-se calcular qual seja a abundância e variedade das plantas em uma zona em que a umidade e o calor contribuem para tornar fértil. As da província de Quito não terão escapado às pesquisas de M. José Jussieu, nosso companheiro de viagem; mas ousa dizer que a multidão e a diversidade das árvores e plantas que se descobrem nos bordos do rio das Amazonas, desde a cordilheira dos Andes até o mar, inclusive todos os afluentes que para ele concorrem, dariam vários anos de trabalho aos mais laboriosos botânicos, e empregariam mais de um desenhador. Não falo senão do trabalho que exigiria a descrição exata de tais plantas, e sua arrolação em classes, gêneros e espécies. Que será se alguém quiser considerar as virtudes que são atribuídas a várias delas pelos naturais do país? Exame que é, sem dúvida, a parte mais interessante de semelhante estudo. Não se deve duvidar que a ignorância e o preconceito multiplicaram e exageraram de muito essas virtudes; mas a “quinina”, a “ipecacuanha”, a “simaruba”, a “salsaparrilha”, o “guaiaco”, o “cacau”, a “baunilha”, etc. seriam as únicas plantas úteis que a América encerra, e a sua grande utilidade conhecida e comprovada não é de molde a encorajar a novas rebuscas? Tudo quanto pude fazer de útil neste particular foi recolher sementes nos lugares por onde passei, sempre que isso me foi permitido.

O gênero de plantas que se me afigurou em geral mais notável aos olhos do recém-vindo, pela sua singularidade, são as lianas, espécies de vime de que já fiz menção, e que são ordinárias na América. Têm isto de comum, que grimpam enroscando-se nas árvores e arbustos que encontram, e que após terem chegado aos seus galhos, e não raro a grande altura, lançam filamentos que caem perpendicularmente, penetram na terra, e de novo se erguem, subindo e descendo alternativamente. Outros filamentos, caídos em obliquidade pelo vento ou pelo azar, se ligam não raro às árvores vizinhas, e formam uma confusão de cordoames pendentes e estendidos em todos os sentidos, que oferece aos olhos o mesmo aspecto que o de um navio. Não há quase nenhum desses cipós a que se não atribua alguma virtude particular, e às vezes com razão: tal é o caso da ipecacuanha. Vi uma espécie em vários lugares com um cheiro de alho tão forte e tão notável que

era o bastante para que logo fosse reconhecida. Algumas são tão grossas quanto um braço, senão mais grossas; outras abafam a árvore que estreitam, e a fazem realmente morrer a força de as abraçar, o que lhes fez dar pelos espanhóis o nome de “matapalo”, ou “matapau”. Acontece alguma vez que a árvore seca em pé, apodrece e se consome, e ficam entretanto as espiras do cipó formando uma como coluna torsa isolada e oca, que daria à arte penoso trabalho de imitar.

As gomas, as resinas, os bálsamos, todos os sucos que derivam de diversas incisões de árvores, assim como os diferentes óleos que delas se tiram, são coisas sem conto. O azeite que se extrai do fruto de uma palmeira chamada “ungurave” é, ao que dizem, tão doce e tão saboroso quanto o da azeitona. Outros, como o da “andiroba”,³³ dão uma belíssima luz, sem nenhum mau-cheiro. Em várias regiões, os índios, em vez de azeite, se iluminam com o “copal”, enrolado em folhas de bananeira; em outras, com certos grãos enfiados em uma varinha pontuda que, fincada no chão, faz de candelabro. A resina chamada “caucho”³⁴ nos países da província de Quito vizinhos do mar é também comuníssima nas margens do Maranhão, e tem a mesma utilidade. Quando ela está fresca, dá-se-lhe com moldes a forma que se quer; ela é impenetrável à chuva, mas o que a torna digna de nota é a sua grande elasticidade. Fazem-se com elas garrafas que não são friáveis, e botas, e bolas ocas, que se achatam quando se apertam, mas que retornam a sua primitiva forma desde que livres. Os portugueses do Pará aprenderam com os omáguas a fazer com essa substância umas bombas ou seringas que não necessitam de pistão: têm a forma de pêras ocas, com um pequeno buraco em uma das extremidades a que se adapta uma cânula. Enchem-se d’água, e, apertando-se quando estão cheias, fazem o efeito de uma seringa ordinária. Tal utensílio é de grande emprego entre os omáguas. Quando eles se reúnem para alguma festa sua, o dono da casa não deixa de apresentar uma por polidez a cada convidado, e seu uso precede sempre entre eles as refeições de cerimônia.

33 De jandiroba (*jandi*, “óleo”, e *roba*, “amargoso”), originou-se “nhandiroba” e, por fim, “andiroba”. É uma planta oleaginosa, pertencente à família das meliáceas. Além de *Carapa guaianensis*, há as variedades brasileiras, cientificamente denominadas *Xylocarpus carapa* e *Fenillea trilobata*. (Nota de B. de M.)

34 Pronunciar “cahut-chu”.

Em São Joaquim mudamos de canoa e de tripulação. Daí partimos no dia 29 de julho, moderando nossa marcha com a intenção de chegar à foz do Napo a tempo de aí observar na noite de 31 para 1º de agosto uma emersão do primeiro satélite de Júpiter. Eu não havia determinado nenhum ponto em longitude, desde a minha partida, para corrigir minhas distâncias avaliadas do este para o oeste; aliás, as viagens de Orellana, de Teixeira e do P. d'Acuña, que se tornaram célebres o Napo, e a pretensão dos portugueses ao domínio das margens do Amazonas até esse afluente, tornava o ponto importante a demarcar-se. Fiz a minha observação com grande felicidade, apesar de diversos obstáculos, e então colhi o primeiro fruto da trabalheira que me havia dado o transporte de uma luneta de 18 pés, através de bosques e montanhas, por uma derrota de mais de 150 léguas. Meu companheiro de viagem, cheio do mesmo zelo, me foi em tal ocasião, como em muitas outras, de um grande valimento, pela sua inteligência e atividade. Observei primeiro a altura meridiana do Sol, em uma ilha em frente da boca do Napo. Achei 3° 24' de latitude austral. Julguei a largura total do Maranhão ser 900 toesas (1.754m), abaixo da ilha, e geometricamente só pude medir um braço. O Napo me pareceu ter 600 toesas (1.169,4m) de largura acima das ilhas que dividem as bocas. Observei enfim na mesma noite a emersão do primeiro satélite, e tomei logo depois a altura das duas estrelas, para daí concluir a hora. Os intervalos das observações foram medidos com um bom relógio; dessa maneira fiquei dispensado de dar corda à pêndula e a regular, o que tomaria tempo. Acho pelo cálculo quatro horas e três quartos de diferença entre os meridianos de Paris e a embocadura do Napo. Esta determinação será mais exata quando se tiver a hora da observação atual em qualquer lugar cuja posição em longitude seja conhecida e onde essa emersão tenha sido visível.

Logo depois de minha observação de longitude, pusemo-nos em caminho: e no dia seguinte, pela manhã de 1º de agosto, aportamos a dez ou doze léguas abaixo, em Pebas, hoje a última das missões espanholas nas margens do Maranhão. O P. Fritz as estendera a mais de 200 léguas para adiante; mas os portugueses em 1710 tomaram posse da maior parte dessas terras. As nações selvagens vizinhas das margens do Napo nunca foram inteiramente subjugadas pelos espanhóis. Algumas massacraram em diferentes épocas os governadores e os missionários que tinham tentado convertê-

los. Há quinze ou vinte anos os padres jesuítas de Quito renovaram antigos estabelecimentos, e formaram à beira do rio novas missões hoje muito florescentes.

O nome “Pebas”, que tem o aldeamento a que chegamos, é o de uma nação índia que participa dos seus habitantes; mas aí se reúnem selvagens de diversas nações, cada uma com a sua língua, o que é ordinário em toda a América. Acontece algumas vezes que uma língua só é entendida por duas ou três famílias, como resto miserável de um povo destruído, devorado por outros; pois, ainda que não haja antropófagos nas margens do Maranhão, há ainda no interior, particularmente do lado norte remontando o Japurá, índios que comem seus prisioneiros. Os habitantes de Pebas na sua maioria ainda não são cristãos: são selvagens recentemente tirados de sua floresta. Não se trata por enquanto senão de fazer deles uns homens, o que não é pequeno trabalho.

Não tenho que estender-me por agora sobre hábitos e costumes dessas nações, e sobre tantas outras que encontrei, senão quando isso possa ter alguma relação com a física ou história natural; assim não farei absolutamente descrição de suas danças, de seus instrumentos, de seus festins, de suas armas e utensílios de caça e pesca, de seus ornamentos extravagantes feitos de ossos de animais, e peixes atravessados em suas narinas e lábios, de suas faces crivadas de buracos que servem de estojo de penas de pássaros de todas as cores: mas os anatomistas acharão talvez algumas reflexões que fazer sobre a extensão monstruosa do lóbulo da extremidade inferior da orelha de algum desses povos, sem que por isso a espessura diminua sensivelmente. Ficamos surpresos de ver essas pontas de orelha, de quatro a cinco polegadas de comprimento, com um buraco de dezessete a dezoito linhas de diâmetro, e entretanto nos asseguraram que nada víamos de singular no gênero. Eles encerram primeiro no buraco um cilindrozinho de madeira, e o vão substituindo por outro mais grosso, à medida que a abertura aumenta, até que a ponta da orelha lhes dá pelas espáduas. A sua ornamentação consiste em encher tal buraco com um grande ramalhete, ou com um tufo de verdura e de flores que lhes sirva de brinco.

.....

VIII

São Paulo de Olivença, a primeira missão portuguesa. A largura do Amazonas e os seus perigos. Índios guerreiros. O progresso das missões portuguesas – O conforto dos índios – As brigantinas portuguesas – Coari e outras missões carmelitas – O Jutai, o Juruá, o Tefé, o Coari – O Içá; o Japurá e suas bocas. Os antropófagos do Japurá – A lendária aldeia do Ouro e o marco de Teixeira. O Iquiari e o Jurubech. O Cuchivara. Paraguari

Contam-se seis ou sete dias de jornada a pé (o que fizemos em três dias e outras tantas noites), entre Pebas, última missão espanhola, e São Paulo, a primeira missão portuguesa, servida pelos religiosos da Ordem de Monte Carmelo. Nesse intervalo, nenhuma habitação se encontra nas margens do rio. Aí é que começam as grandes ilhas, antes morada dos omáguas. O leito do rio se alarga de um modo tão considerável que um só dos seus braços tem às vezes 800 ou 900 toesas (cerca de 1.700m). Como essa grande extensão dá muito campo ao vento, aí surgem verdadeiras tempestades que não raro subvertem as canoas. Nós mesmos experimentamos duas procelas no nosso trajeto; mas a grande experiência dos índios faz que raramente a gente seja surpreendido no meio do rio, e não há perigo iminente senão quando não há tempo de procurar um abrigo na embocadura de algum rio pequeno, ou riacho, que freqüentemente se encontra. Desde que o vento cessa, a correnteza do rio quebra as vagas, e bem cedo as reduz à primitiva tranqüilidade.

Um dos maiores perigos dessa navegação é o encontro de algum tronco de árvore desarraigada, encravado na areia ou no lodo, e escondido sob as águas, o que poria a canoa em perigo, de virar ou de partir-se, como nos sucedeu certa feita ao aproximarmo-nos de terra, para cortar um

pau cujas virtudes eram gabadas contra a hidropisia. Para evitar esse inconveniente, a gente se afasta das margens. Quanto às árvores arrastadas pela corrente, de longe são vistas, pois que vêm flutuando, e é fácil tomar precauções.

Não falo de um outro acidente muito mais raro, mas infalivelmente funesto, a que se arrisca quem vai costeando os bordos do rio. É a queda brusca de uma árvore, já por caducidade, já porque o terreno que a sustinha foi aos poucos minado pelas águas. Muitas canoas assim foram destroçadas, e naufragaram com seus remadores. Sem algum sucesso desta ordem, seria inaudito que um índio se afogasse.

Não há hoje em dia nenhuma nação guerreira inimiga dos europeus nas margens do Maranhão: todas foram submetidas, ou se retiraram para longe. Entretanto há ainda lugares onde seria perigoso de dormir. Alguns anos passados, o filho dum governador espanhol que conhecemos em Quito, tendo empreendido a descida do Amazonas, foi surpreendido nas florestas, e massacrado pelos selvagens das terras do interior, que um mau encontro deparou nas proximidades do rio, aonde não vêm senão de fugida. O fato nos foi contado pelo seu companheiro de viagem, escapo do mesmo perigo, e hoje estabelecido nas missões portuguesas.

O missionário de São Paulo, prevenido de nossa chegada, nos aprestara uma grande canoa, piroga ou brigantina equipada de quatorze remeiros e um patrão. Ele nos forneceu demais um guia português, em uma outra canoa, e dele recebemos, bem como doutros religiosos de sua ordem, entre os quais estanciamos, um tratamento que nos fez esquecer que estávamos no centro da América, 500 léguas distanciados das terras habitadas pelos europeus. Em São Paulo começamos a ver, em lugar de casas e igrejas de bambu, capelas e presbitérios de pedra, de terra e tijolo, e muros alveados com asseio. Fomos ainda agradavelmente surpreendidos por ver, no meio daqueles desertos, camisas de pano de Bretanha sobre todas as mulheres índias, malas com fechaduras e chaves de ferro em suas casas, e por achar aí agulhas e pequenos espelhos, facas, tesouras, pentes, e diversos outros utensílios da Europa, que os índios obtêm todos os anos no Pará, nas viagens que fazem até lá para levar o “cacau”, que eles colhem sem nenhuma cultura pelas margens do rio. O comércio com o Pará dá a estes

índios e a seus missionários um ar de conforto que logo distingue as missões portuguesas das outras castelhanas do alto Maranhão, nas quais tudo se resente da impossibilidade em que vivem os missionários da Coroa de Espanha de conseguir qualquer dos cômodos da vida, não tendo nenhum comércio com os portugueses, seus vizinhos, rio abaixo: eles tudo procuram em Quito, aonde enviam gente uma vez por ano, e donde estão mais separados pela cordilheira do que estariam se houvesse um mar de mil léguas.

As canoas de que se servem os portugueses, e de que nos valemos desde São Paulo, são muito maiores e mais confortáveis que as dos índios, nas quais navegáramos nas missões espanholas. O tronco de árvore, que constitui o corpo das canoas índias, não é entre os portugueses mais do que a querena. Eles o fendem primeiramente, e o escavam a ferro; depois o abrem a fogo, para aumentar a largura; mas como a cavidade diminui em proporção, eles lhe dão maior altura juntando-lhe uma abordagem que se liga em curva ao corpo da construção. O leme é colocado nessas canoas de maneira que o seu manuseio nada estorva a cabana, ou camarazinha, que está localizada na popa. Algumas dessas brigantinas têm 60 pés (19,44m) de comprimento por 7 de largura (2,268m) e 3,5 de calado (1,134m); há maiores ainda, e de quarenta remadores. A maior parte delas têm dois mastros, e vão a vela, o que é de grande comodidade para subir o rio a favor do vento do este, que aí reina desde o mês de outubro até o de maio. Há quatro ou cinco anos uma dessas brigantinas de tamanho medíocre, com cobertura, equipada por um capitão mercante francês que nela se embarcou com três marinheiros da mesma nação, se fez ao largo com grande espanto dos habitantes do Pará, e foi em seis dias até Caiena, trajeto que fiz, como se verá, em dois meses em uma construção do mesmo porte; obrigado que fui a me deixar conduzir junto à terra, à moda do país, o que aliás me convinha grandemente para o levantamento da minha carta.

Nós empregamos cinco dias e cinco noites de navegação para ir de São Paulo a Coari, não contando dois dias aproximadamente de estada nas missões intermediárias de Iviratua, Tracuatua, Paraguari e Tefé.

Coari é a derradeira das seis povoações dos missionários carmelitas portugueses; as cinco primeiras são formadas dos restos da antiga

missão do Pe. Samuel Fritz, e composta de um grande número de diversas nações, a maior parte transplantadas. As seis acham-se na margem austral do rio, onde as terras são mais altas, e a abrigo de inundações. Entre São Paulo e Coari, encontramos vários grandes e belos rios, que vêm esgotar-se no Amazonas. Do lado do sul os principais são o Jutaí, maior que o Juruá, que o segue, cuja embocadura de 362 toesas (705m) pude medir; o Tefé, que o Pe. d'Acuña chama Tapi; e o Coari, que não passava ainda há alguns anos senão por um lago. Todos correm do sul para o norte, e descem das montanhas do este de Lima, e ao norte de Cuzco. Todos são navegáveis vários meses subindo desde suas bocas, e vários índios contam que eles viram nas margens do Caori, em terras altas, um país aberto com enxames de moscas e animais cornígeros (e deles trazem despojos), coisas novas para eles, que provam que as fontes desses rios regam países muito diferentes dos seus, e sem dúvida vizinhos das colônias espanholas do alto Peru, onde se sabe que o gado se multiplicou extraordinariamente. O Amazonas recebe também do lado do norte, neste intervalo, dois grandes e célebres rios: o primeiro é o Içá, que deflui como o Napo das cercanias de Pasto ao norte de Quito, nas missões franciscanas de Sucumbios, onde se chama Putumaio; o segundo é o Japurá, que tem a nascente um pouco mais ao norte que o outro, e que na parte superior se chama Caquetá, nome totalmente desconhecido nas suas desembocaduras no Amazonas. Digo suas embocaduras, porquanto ele tem efetivamente sete ou oito, formadas por braços que se destacam sucessivamente do canal principal, e tão espaçados uns dos outros que vai mais de cem léguas de distância da primeira à última. Os índios lhes dão diferentes nomes, o que as tem sido feito tomar por outros tantos rios. Chamam Japurá a um dos mais consideráveis desses braços, e conformando-se ao uso português que estendeu o nome, denomino assim não somente esse defluente, como ainda o tronco donde todos saem. O país que eles regam é tão baixo que no tempo das cheias do Amazonas fica completamente inundado, e se passa de canoa de um braço para o outro, e para os lagos no interior das terras. As margens do Japurá são habitadas aqui e ali por nações ferozes, de que falei, e que se destroem mutuamente; algumas delas comem ainda seus prisioneiros. Este rio, bem como os diferentes braços que entram no Amazonas, não são absolutamente freqüentados por europeus, a não ser os portugueses do Pará, que aí vão velhacamente comprar escravos. Nós voltaremos ao Japurá, quando falarmos do rio Negro.

É para essas bandas que ficava situado um aldeamento índio, onde Teixeira, ao subir o rio em 1637, recebeu, numa troca, dos habitantes alguns enfeites dum ouro que foi aprovado em Quito, e avaliado em 23 quilates. Ele deu ao lugar o nome de Aldeia do Ouro. Na volta ele aí plantou um marco, e dela tomou posse para a Coroa de Portugal, no dia 26 de agosto de 1639, por uma ata que se conserva nos Arquivos do Pará, onde eu a vi. Dessa ata, subscrita por todos os oficiais de seu destacamento, consta que isso foi “numa terra alta, defronte das bocas do rio do Ouro”.

O Pe. d’Acuña assegura que por diversos caminhos que ele indica pode-se passar do Japurá ao Iquiari, que ele chama o rio do Ouro. Ele junta que os habitantes do Iquiari faziam comércio com os manaus,³⁵ seus vizinhos, e estes com os índios das margens do Amazonas, dos quais comprou ele mesmo um par de brincos. O Pe. Fritz conta no seu jornal que em 1687, ou seja, cinqüenta anos após o Pe. d’Acuña, vira oito a dez canoas de manaus que chegaram de suas habitações às margens do Jurubech. Havia vindo com o favor da inundação, para comerciar com os jurmiáguas seus catecúmenos, no lado setentrional do Amazonas. Ele diz ainda que eles costumavam trazer entre outras coisas pequenas lâminas de ouro batido, que esses mesmos manaus recebiam em troca dos índios iquiari. Todos esses lugares e margens estão indicados na carta desse padre. Tantos testemunhos, e respeitáveis todos, não permite duvidar da verdade de tais fatos; contudo, o rio, o lago, a mina de ouro, o marco, e mesmo a Aldeia d’Ouro atestada pelo depoimento de tantos, tudo desapareceu como um palácio encantado, e nos sítios indicados se perdeu até a memória.

Desde o tempo do Pe. Fritz, os portugueses, esquecendo o título sobre que fundam suas pretensões, sustentavam já que o marco plantado por Teixeira estava situado mais além que a província dos omáguas; e ao mesmo tempo o Pe. Fritz, missionário da Coroa de Espanha, pelo contrário, pretendia que ele não havia sido posto senão nas cercanias do rio Cuchivara, mais de 200 léguas abaixo. Aconteceu aqui o que sucede quase

35 O padre Fritz escreve “Manaves”. A tradução francesa da “*Relação*” do padre d’Acuña desfigura a palavra, como muitos outros, escrevendo “Mavagus”. Os portugueses escrevem hoje “Manaos” e “Manaus”, indiferentemente, e pronunciam “manaus”.

sempre nas disputas: cada um exagerou suas pretensões. Quanto ao marco plantado na Aldeia d'Ouro, se se examina bem a região em que fica situada a quarta missão portuguesa, chamada Paraguari, descendo, na margem austral do Amazonas, algumas léguas para cima da embocadura do Tefé (onde observei 3°20' de latitude austral), achar-se-á que ela reúne todas as características que designam a situação dessa famosa aldeia, na ata de Teixeira, data de Guaiaris, e na Relação do Pe. De Acuña. O Japurá, cuja principal boca fica fronteira ao Paraguari, será por consequência o rio do Ouro, cujas bocas mencionadas nessa mesma ata ficam em frente da aldeia. Resta saber o que foi feito do Jurubech e do Iquiari, ao qual o P. d'Acuña dá o nome de rio do Ouro, e ao qual diz ele que se sobe pelo Japurá; foi o que eu tive um pouco de trabalho para descobrir: mas creio ter esclarecido este ponto, e talvez ter descoberto o fundamento da fábula do lago Parima, e do El Dorado; mas a ordem e a clareza requerem que esta discussão seja reportada ao tópico sobre o rio Negro.



.....

IX

As amazonas americanas – As asiáticas e as africanas

N

o decurso de nossa navegação, indagamos por toda parte dos índios das diversas nações, e com grande cuidado o fizemos, se tinham algum conhecimento das mulheres belicosas que Orellana pretendia ter encontrado e combatido, e se era certo que elas se conservavam fora do comércio dos homens, não os recebendo entre si senão uma vez por ano, como nos refere o Pe. d'Acuña na sua relação, onde o assunto merece ser lido pela singularidade. Todos nos disseram que ouviram falar disso por seus pais, e juntaram mil particularidades longas demasiado para serem repetidas, e tudo tendente a confirmar que houve no continente uma república de mulheres solitárias, que se retiraram para as bandas do norte, no interior das terras, pelo rio Negro, ou por outro que pelo mesmo lado vem ter ao Maranhão.

Um índio de São Joaquim d'Omáguas nos dissera que acharíamos talvez ainda em Coari um velho cujos pais avistaram as Amazonas. Soubemos aí que o índio que nos fora indicado havia morrido; mas falamos ao filho que parecia ter 70 anos, e que chefiava os outros índios da mesma aldeia. Ele nos afirmou que o seu avô vira com efeito discorrer tais mulheres pela entrada do rio Cuchivara, provindo do rio Caiame, que desemboca no Amazonas pelo lado sul, entre Tefé e o Coari; que ele chegou a falar com

quatro dentre elas; e que uma trazia uma criança ao peito. Ele nos disse o nome de cada uma, e ajuntou que, partindo do Cuchivara, elas atravessaram o grande rio, e tomaram o rumo do rio Negro. Omito certos pormenores pouco verossímeis, mas que em nada importam para o essencial da coisa. Abaixo do Coari, os índios nos disseram sempre o mesmo, com algumas variantes nas circunstâncias: mas todos estavam de acordo no principal.

Em particular o Tapajós, de que faremos menção a seu tempo mais expressamente. Referiram-se a certas pedras verdes, conhecidas como “das amazonas”, que dizem haver herdado de seus pais, e estes as tiveram das “cunhantainsecuima”, ou seja, em sua língua, “mulheres sem marido”, entre as quais, ajuntam eles, existem em grande quantidade.

Um índio habitante de Mortigura, missão vizinha do Pará, ofereceu-se a mostrar-me um rio por onde se podia remontar, segundo ele, até pouca distância do país atualmente habitado, dizia o mesmo, pelas amazonas. Tal rio se chama Irijó, e depois passei pela sua embocadura, entre Macapá e o cabo Norte. Conforme o reconto do mesmo sujeito, no ponto em que esse rio deixa de ser navegável por causa dos saltos, há-se de, para penetrar no País das Amazonas, caminhar vários dias pelos bosques da margem do oeste, e atravessar um país montanhoso.

Um velho soldado da guarnição de Caiena, habitando agora próximo dos saltos do rio Oiapoque, assegurou-me que num destacamento em que ele estava, destacamento enviado pelas terras para reconhecer o país, em 1726, havia penetrado até os amicouanes, nação de largas orelhas que vive acima das nascentes do Oiapoque, e perto das de outro rio afluente do Amazonas; e que aí ele vira nos pescoços das mulheres dessas mesmas pedras verdes de que acabo de falar; e que tendo perguntado a esses índios donde as tiravam, obtive como resposta que provinham das mulheres “que não tinham marido”, cujas terras demoravam a sete ou oito dias de jornada para o lado do ocidente. Essa nação dos amicouanes habita longe do mar, num país alto, onde os rios não são navegáveis ainda; assim eles não tinham aparentemente recebido essa tradição dos índios do Amazonas, com os quais não tinham comércio: eles não conheciam senão as nações contíguas às suas terras, entre as quais os franceses do destacamento de Caiena tinham tomado guias e intérpretes.

Deve-se preliminarmente notar que todos os testemunhos que acabo de arrolar, outros que deixo de referir, assim como os de que se fez menção nas informações dadas em 1726, e depois os dos governadores espanhóis³⁶ da província de Venezuela, concordam no fundo na existência das Amazonas; mas o que não merece menor atenção é que enquanto essas diversas relações designam o lugar de retirada das amazonas americanas, umas para o oriente, outras para o norte, ainda outras para o ocidente, todas essas direções diferentes concorrem em situar o centro comum de convergência nas montanhas do Guiana, e num cantão onde nem os portugueses do Pará, nem os franceses de Caiena, ainda penetraram. Apesar de tudo, confesso que eu não acreditaria facilmente que as amazonas aí estão estabelecidas, sem notícias mais positivas, de vizinhança em vizinhança, pelos índios limítrofes das colônias européias da costa da Guiana; essa nação ambulante poderia muito bem ter ainda mudado de residência; e o que me parece mais verossímil que tudo o mais é que elas perderam com o tempo seu antigo costume, ou porque tenham sido subjugadas por outra nação, ou porque cansadas de tanta solidão as jovens acabaram por olvidar a aversão materna com respeito aos homens. Assim, quando hoje não se achassem mais vestígios dessa República de Mulheres, não se pode dizer que ela não haja alguma vez existido.

Aliás, basta para a verdade do fato que tenha havido na América um povo de mulheres, que não consentiam os homens em sua sociedade. Seus demais costumes, e particularmente o de se cortarem uma das tetas, como o Pe. de Acuña nos relata à fé dos índios, são circunstâncias acessórias e independentes, e foram provavelmente alteradas, e talvez acrescentadas pelos europeus preocupados pelos usos que se têm atribuído às amazonas da Ásia; o amor do maravilhoso lhes terá feito adotar pelos índios nos seus relatos. Não se disse com efeito que o cacique que advertiu Orellana de fugir às amazonas (que ele chamava em sua língua comapuyaras) haja aludido à mama decepada, e o nosso índio de Coari, na história do avô que viu quatro amazonas, uma das quais a aleitar um filho, não se refere absolutamente a essa particularidade tão propositada a se fazer notar.

36 D. Diego Portales, que se sabe viver ainda em Madri há alguns anos, e D. Francisco Terralva, seu sucessor.

Mas chego ao principal. Se para negar a lenda alguém alega a falta de verossimilhança, e a quase impossibilidade moral de poder estabelecer-se e subsistir uma tal república, eu não insisto no exemplo das antigas amazonas asiáticas, nem das amazonas africanas modernas,³⁷ pois que aquilo que lemos nas histórias antigas e modernas é, pelo menos, misturado de muitas fábulas, e sujeito a contestações. Contento-me de assinalar que se alguma vez pôde haver amazonas no mundo, isso foi na América, onde a vida errante das esposas que acompanham os maridos à guerra, e que não são mais felizes no lar, lhes deve ter feito nascer a idéia e ocasião freqüente de se furtarem ao jugo dos tiranos, buscando fazer para si um estabelecimento onde pudessem viver na independência, e pelo menos não serem reduzidas à condição de escravas e bestas de carga. Semelhante resolução, uma vez tomada e executada, não teria nada de extraordinário, nem de mais difícil do que o que se observa todos os dias em todas as colônias européias da América, ou não é senão demasiado comum que servos maltratados e descontentes fujam aos bandos para os bosques, e não raro sós, quando não acham a quem associar-se, e que aí passem assim vários anos, e talvez toda a vida em solitude.

Sei bem que todos, ou quase todos os índios da América meridional são mentirosos, crédulos, encasquetados com o maravilhoso; mas nenhum desses povos ouviu ainda falar das amazonas de Diodoro da Sicília, e de Justino. Entretanto, já se tratava das amazonas entre os índios do interior, antes que os espanhóis aí houvessem penetrado, e delas se fez menção entre povos que não tinham jamais visto europeus. É o que prova o conselho dado pelo cacique a Orellana, bem como às suas gentes, e ainda as tradições referidas pelo P. d'Acuña e pelo P. Baraze.³⁸ É crível que selvagens de lugares distantes fossem acordes em imaginar, sem qualquer fundamento, o mesmo fato, e

37 Veja-se a *Descrição da Etiópia oriental* pelo Padre João dos Santos, dominicano português, e o Padre Labat. (Nota do Autor.)

A 1ª ed. da *Etiópia oriental* de fr. João dos Santos é de 1609 (o autor morreu em Goa, em 1622); a 2ª saiu sob os cuidados de Luciano Cordeiro, na Biblioteca de Clássicos Portugueses (Lisboa, 1891). A obra de Labat, em 4 volumes, intitula-se *Voyage du chevalier Des Marchais en Guinée, isles voisines et à Cayenne fait en 1725 et 1727* (Amsterdã, 1731). (Nota de B. de M.)

38 *Cartas Edificantes e Curiosas*, tomo X.

que esta pretensa fábula fosse adotada tão uniforme e universalmente em Mainas, no Pará, em Caiena, e em Venezuela, entre tantas nações que não se entendem absolutamente, e que não têm nenhuma comunicação?

De resto, não fiz enumeração³⁹ de todos os autores e viajantes de tantas nações da Europa, que há mais de dois séculos vêm afirmando a existência das amazonas americanas, e alguns pretendem havê-las visto. Contento-me de aludir aos novos testemunhos que tivemos ocasião de recolher, M. Maldonado e eu, em nossa rota. Pode-se ver esta questão tratada na “Apologia” do primeiro tomo do *Teatro Crítico* do célebre Pe. Feijó, beneditino espanhol, feita pelo seu sábio discípulo Pe. Sarmiento, da mesma congregação.

39 Américo Vespúcio, Hulderic Schmidel, Orellana, Berrio, Walter Raleigh, PP. d’Acuña, d’Artieda, Barazzi, etc.

.....

X

Partida do Coari – Línguas gerais – O Purus – Rio Negro. O forte do rio Negro. As missões portuguesas. A comunicação com o Orinoco – O Caquetá seria a fonte comum do Orinoco, do rio Negro e do Japurá – A lenda do El Dorado. Os manaus. O lago Marai. O Essequibo e o rio Branco

N

o dia 20 de agosto partimos de Coari em nova canoa e com novos índios. A língua do Peru que era familiar a M. Maldonado e a nossos criados, e de que eu tinha também algumas tinturas, havia-nos servido para os entendimentos com os naturais do país em todas as missões espanholas, onde buscaram fazer dela uma língua geral. Em São Paulo e em Tefé tivemos intérpretes portugueses que falavam a língua do Brasil, semelhantemente introduzida em todas as missões portuguesas; mas não podendo achá-los em Coari, aonde não pudemos chegar, malgrado todo nosso esforço, senão após a partida do missionário para o Pará, vimos-nos no meio dos índios sem que pudéssemos conversar a não ser por sinais, ou com a ajuda dum curto vocabulário que eu tinha feito de perguntas escritas em sua língua, e que infelizmente não continha as respostas. Não deixei de tirar deles alguns esclarecimentos, sobretudo para os nomes dos rios. Notei também que eles conheciam diversas estrelas fixas, e que davam nomes de animais a diversas constelações. Eles chamam as Híades, ou cabeça de touro, “tapiira raiuba”, dum nome que significa em sua língua “queixada de boi”; eu digo “hoje”, porque, desde que foram transportados os bois da Europa para a América, os brasileiros, como os naturais do Peru, aplicaram a esses animais o nome que davam, na sua

língua materna, ao “alce”,⁴⁰ o maior dos quadrúpedes que eles conheciam antes da chegada dos europeus.

Ao dia seguinte de nossa partida de Coari, continuando a descer o rio, deixamos do lado do norte uma embocadura do Japurá, cerca de cem léguas da primeira, e no outro dia, do lado do sul, as bocas do rio hoje chamado Purus, e outrora Cuchivara, que é o nome de uma aldeia vizinha de sua foz: foi aí que o antepassado do velho índio de Coari recebeu a visita das Amazonas. Este rio não é inferior aos maiores que engrossam o caudal do Maranhão; e se damos crédito aos índios, ele lhe é igual. Sete ou oito léguas abaixo dessa junção, vendo-se o rio sem ilhas, e com a largura de mil a mil e duzentas toesas (mais de 2km), fiz o bote vogar fortemente contra a corrente, para sondar, e mantendo-o tanto quanto possível no mesmo lugar, não achei fundo a 103 braças (170,98m).

No dia 23 entramos no rio Negro, outro mar de água doce que o Amazonas recebe pelo norte. A carta do Pe. Fritz (que nunca entrou nesse rio), e a última carta da América de Delisle, feita conforme a do Pe. Fritz, fazem correr este rio do norte para o sul, ao passo que é certo, pelo relato de quantos o remontaram, que ele provém do oeste, e que corre para o este, inclinando-se um pouco para o sul. Testemunhei por meus próprios olhos que essa é a sua direção várias léguas acima de sua desembocadura no Amazonas, onde o rio Negro entra tão paralelamente que, sem a transparência das águas que se chamam precisamente “rio Negro”, seria tomado por um braço do próprio Amazonas, separado por alguma ilha. Subimos pelo rio Negro duas léguas, até o forte que os portugueses aí levantaram na margem setentrional, no lugar mais estreito, que mede 1.203 toesas (2.344,041m), e onde observei 3°9’ de latitude. É esse o primeiro estabelecimento português que se encontra ao norte do rio das Amazonas, quando por ele descemos. O rio Negro é praticado pelos portugueses há mais de um século, e eles aí fazem um grande comércio de escravos. Há aí sempre

⁴⁰ Estranhamente se encontra no texto a palavra élan, que é o “alce”, e que não existe absolutamente na região amazônica. Aliás o vocábulo “tapiira”, ou o “tapir” de nossos dias, é uma espécie de anta, e nada tem que ver com o alce. A confusão repete-se abaixo, no cap. XII. (Nota desta edição.)

um destacamento da guarnição do Pará, para manter o respeito das nações índias que lá habitam, e para favorecer o comércio dos escravos nos limites prescritos pelas leis de Portugal; e todos os anos este acampamento ambulante, a que se dá o nome de “tropa de resgate”, penetra para diante pelas terras. O capitão comandante do Forte do Rio Negro estava ausente quando aí aportamos: não me demorei aí mais de vinte e quatro horas.

Toda a parte descoberta das margens do rio Negro é povoada por missões portuguesas, dos mesmos religiosos de Monte Carmelo, que encontráramos descendo o Amazonas, desde que deixamos as missões espanholas. Subindo quinze dias, três semanas ou mais, pelo rio Negro, achamo-lo ainda mais largo que na sua boca, em virtude de grande número de ilhas e lagos que forma. Em todo este intervalo o terreno das margens é elevado, e nunca se vê inundado: o mato aí é menos bravo, e o país é completamente diferente das margens amazônicas.

Soubemos, no Forte do Rio Negro, particularidades sobre a comunicação deste rio com o Orinoco, e por conseguinte deste último com o Amazonas. Não aduzirei a enumeração das diversas provas de tal comunicação, provas que eu colhi cuidadosamente em minha rota; a mais decisiva era então o testemunho insuspeito de uma índia das missões espanholas,⁴¹ das margens do Orinoco, com quem tinha falado e que chegou de canoa ao Pará, vindo daí. Todas essas provas tornam-se inúteis para o futuro, pois cedem lugar a uma última. Acabo de saber por uma carta escrita do Pará ao reverendo Pe. João Ferreira, reitor do Colégio dos Jesuítas, que os portugueses do acampamento ambulante do rio Negro (no ano último de 1744), tendo subido de rio em rio, encontraram o superior dos jesuítas das missões espanholas das margens do Orinoco, e com ele voltaram pelo mesmo caminho, e sem desembarcar, até o mesmo acampamento: o que estabelece a comunicação dos dois rios. Este fato não pode mais hoje ser posto em dúvida; é embalde que, para lançar nele alguma incerteza, se reclamaria a autoridade do autor recente do *Orinoco Ilustrado*, o qual, depois de ter sido longo tempo missionário das

41 Da nação a Cauriacani, e da cidade e missão de S. Maria de Bararuma.

margens do referido rio, considerava ainda em 1741 essa comunicação impossível.⁴² Ele ignorava então, sem dúvida, que suas próprias missivas ao comandante português e ao esmoler da tropa de resgate chegavam de sua missão do Orinoco por esse mesmo caminho, reputado imaginário, até o Pará, onde as vi entre as mãos do governador; mas este autor está hoje plenamente enganado a este respeito, como eu soube por M. Bouguer, que o viu no ano passado em Cartagena da América.

A comunicação do Orinoco e do Amazonas, recentemente verificada, pode passar por uma descoberta em geografia, tanto mais que essa junção, embora marcada sem nenhum equívoco nas antigas cartas, foi suprimida nas novas pelos geógrafos modernos, como se de geral concerto, e tratado como quimérica pelos que pareciam estar melhor informados da realidade. Esta não é provavelmente a primeira vez que a verossimilhança e as conjeturas puramente plausíveis vencem os fatos atestados pelas relações de viagens, e que o espírito crítico, levado muito longe, chega a negar decisivamente aquilo de que se podia ainda apenas duvidar.

Mas como se faz essa comunicação do Orinoco com o Amazonas? Um mapa minucioso do rio Negro, que teremos quando aprover à corte portuguesa, poderia instruir-se a este respeito. Enquanto espero, eis a idéia que formulei, comparando as diversas noções que recolhi no decurso de minha viagem, em todas as relações, memórias e cartas, quer impressas quer manuscritas, que pude descobrir e consultar, ora nos lugares mesmos por onde andei, ora após minha volta, e sobretudo nos esboços de cartas que freqüentemente traçamos meu companheiro de viagem e eu, sob os olhos dos missionários, segundo suas exposições, e as dos navegadores mais inteligentes entre os que tinham subido e descido pelo Amazonas e pelo rio Negro.

42 Veja-se *El Orinoco ilustrado* (Madri, 1741), pág. 18. (Nota do Autor.)

Tão importante é essa obra, que convém dar dela melhor notícia. Publicou-a o padre Joseph Gumilla, da Companhia de Jesus, com o título seguinte: *“El Orinoco ilustrado y defendido, historia natural, civil y geográfica de este gran río, y de sus caudalosas vertientes; gobierno, usos y costumbres de los indios sus habitantes, con nuevas y útiles noticias de animales, árboles, frutos, aceites, resinas, yervas y raíces medicinales; y sobretudo, se hallarán conversiones muy singulares a N. Santa Fé, y hechos de mucha edificación”* (Madri, 1741), em 2 volumes. A 2ª ed., do mesmo lugar e nas mesmas condições da *princeps* é de 1745 (dessa tem o autor da presente nota um exemplar). Teve a obra uma tradução francesa em 3 volumes. (Avinhão, 1758.) (Nota de B. de M.)

De todas essas noções combinadas e esclarecidas umas pelas outras, resulta que um pequeno aldeamento índio, na província de Mocoa (ao oriente da de Pasto um grau de latitude norte), dá seu nome de Caquetá a um rio nas margens do qual ele está situado. Mais abaixo esse rio se divide em três braços, um dos quais corre para o nordeste, e é o famoso Orinoco, que tem a sua boca defronte da ilha da Trindade; o outro segue para o este, declinando um pouco para o sul, e é aquele que mais abaixo vem chamar-se rio Negro pelos portugueses. Um terceiro braço ainda mais inclinado para o sul é o Japurá, do qual já falamos tanto; este, como já observamos, a seu tempo se subdivide em vários outros. Resta saber se do tronco ele se destaca mais alto ou mais baixo que os dois braços precedentes, ou se ele não passa de um ramo desse segundo braço chamado rio Negro. É o sobre que não tenho senão conjecturas; mas várias razões me levam a crer que o primeiro sistema é o mais verossímil. Como quer que seja, torna-se fácil de entender e conciliar tudo o que diz o Pe. d'Acuña a respeito do Caquetá (cujo nome é ignorado nas margens do Amazonas, e do Japurá,⁴³ uma vez reconhecido este como um braço daquele. Sabe-se que a diversidade de nomes dados aos mesmos lugares, e particularmente aos mesmos rios, pelos diferentes povos que habitam as suas margens, sempre foi o escolho dos geógrafos.

É nesta ilha, a maior do mundo conhecida, ou antes é nesta nova Mesopotâmia, formada pelo Amazonas e pelo Orinoco, ligados entre si pelo rio Negro, que se procurou longo tempo o suposto lado dourado de Parima, e a cidade imaginária de Manoa del Dorado, procura que custou a vida a tantas pessoas, e entre outras, Walter Raleigh, famoso navegador, e um dos mais belos espíritos da Inglaterra, história trágica e assaz conhecida. Pode-se ver pelas expressões do Pe. d'Acuña, que ao seu tempo ainda vivia a gente embalada por essa bela quimera. Peço ainda permissão para um pequeno pormenor geográfico, que tocava muito profundamente o meu assunto para que eu o olvide, e que pode servir para descobrir a origem de um

43 O autor grafa Yapura, ao passo que no Brasil é Japurá, que, com o nome de Caquetá, nasce na lagoa Santiago, pertencente à Colômbia. Com ele não tem comunicação o Orinoco, que desce da serra de Parima e corre para o Atlântico através da Venezuela. Não se confirmou o que foi assegurado por La Condamine quanto à origem comum dos rios Caquetá-Japurá, Orinoco e Negro. É, todavia, certo que o Caiciquiare une, mas em plena planície aluvional, os vales do Orinoco e do Amazonas. (Nota de B. de M.)

romance a que a sede do ouro pôde emprestar alguns visos de veracidade: uma cidade cujos tetos e muralhas andavam cobertos de lâminas de ouro, um lago cujas areias eram do mesmo metal.

É mister recordar aqui o que foi referido acima a respeito do rio do Ouro, e os fatos já citados, encontrados nas relações dos padres d'Acuña e Fritz.

Os manaus, segundo este último autor, eram uma nação belicosa, temida por todos os vizinhos. Ela resistiu longamente às armas dos portugueses, de quem hoje é amiga: há vários manaus hoje fixados nos aldeamentos e missões marginais do rio Negro. Alguns fazem ainda incursões pelas terras de nações selvagens, e os portugueses se servem deles para o comércio de escravos. Foram dois desses índios manaus que penetraram até o Orinoco, e roubaram e venderam aos portugueses a índia cristã de que já falei. O Pe. Fritz diz expressamente em seu jornal que esses manaus, que ele viu traficar com os índios das margens do Amazonas, e que tiravam ouro do Iquiari, tinham suas habitações no chamado Jurubech. A custo descobri que, subindo-se o Japurá durante cinco dias, se encontra um lago que se atravessa em um dia, chamado Maraí, ou Paraí, o que na língua do Brasil quer dizer "água do rio"; e que, arrastando daí a canoa, quando o fundo lhe falta, por lugares inundados nos tempos de extravasamento, se chega a entrar num rio chamado Jurubech, pelo qual se desce em cinco dias até o rio Negro; enfim, que este, algumas jornadas mais acima, recebe outro denominado Quiquiari, que tem diversos saltos, e que vem duma região de montanhas e minas. Pode-se suspeitar que esses não sejam o Jurubech e o Iquiari, dos padres d'Acuña e Fritz. Este, conformando-se com as informações dos índios, de que é difícil obter noções claras e distintas, sobretudo quando se é forçado a usar intérpretes, atribui a esses dois rios cursos bem diversos dos verdadeiros; tem-se que fazer cair o Jurubech no Iquiari, e este num grande lago do interior das terras; mas os nomes são apenas alterados. Vê-se na carta do Pe. Fritz uma grande povoação manaus na mesma região; ele a denomina Jenefiti. Não pude obter dela notícias positivas, o que não tem nada de extraordinário, desde que a nação dos manaus foi transplantada e dispersada: mas é muito possível que da capital dos manaus se haja forjado a cidade de Manoa. Não me detenho em querer ver em Maraí, ou Paraí, a etimologia de Parima. Eu me atenho aos fatos. Os manaus tive-

ram neste cantão uma população considerável; eles eram vizinhos dum grande lago, e até de muitos lagos grandes, muito vulgares em países baixos, sujeitos a inundações. Os manaus garimpavam o ouro do Iquiari, e dele faziam pequenas palhetas. Eis aí fatos verdadeiros, que puderam, graças a exagerações, dar motivo à fábula da cidade de Manoa, e do lago Dourado. Se se descobre que há ainda bastante distância entre as pequeninas lâminas de ouro dos manaus e os tetos d'ouro da cidade de Manoa, e que não há distância menor entre as palhetas desse metal, carregadas das minas pelas águas do Iquiari, e as areias d'ouro do Parima, não se pode negar que por um lado a avidez e a preocupação dos europeus, que queriam por tudo achar o que buscavam, e por outro o gênio mentiroso e exagerador dos índios, interessados em afastar hóspedes incômodos, tenham podido facilmente aproximar objetos tão distantes na aparência, alterá-los e desfigurá-los, a ponto de torná-los irreconhecíveis. A história das descobertas do Novo Mundo fornece mais de um exemplo de semelhantes metáforas.

Tenho entre as mãos um extrato de diário e um esboço de carta do viajante,⁴⁴ provavelmente o mais moderno dos que já empreenderam esta descoberta. Foi-me comunicado no Pará, pelo próprio autor, que no ano de 1740 subiu o rio Essequibo, cuja foz no oceano está entre o Surinam e o Orinoco. Depois de ter atravessado lagos e vastos campos, ora arrastando, ora carregando a canoa, com trabalhos e fadigas incriveis, e sem ter nada achado do que buscava, chegou enfim a um rio que corre para o sul, e pelo que desceu para o rio Negro, chegando do norte. Os portugueses lhe chamaram rio Branco, e os holandeses de Essequibo o denominaram Parima; sem dúvida acreditaram que ele conduzia ao lago Parima, tal como se fez em Caiena com um outro rio, por motivo semelhante. De resto crer-se-á que o lago Parima é um dos que atravessou o viajante que acabo de citar; mas ele achou tão pouca semelhança com o retrato que se tem feito do lago Dourado, que me parece ficou muito longe de aplaudir semelhante conjectura.

44 Niklaus Hortsman, natural de Hildesheim (Nota do autor).

Esse viajante, a quem igualmente se referiu Humboldt, Niklaus Hortsman, deixou um diário da sua excursão por terra à região amazônica. Acha-se mencionado, com o título de *Tagebuch auf einer Landfahrt im Amazonasgebiet*, no excelente trabalho de Joseph Scherrer, *Historisch-geographischer Katalog für Brasilien* – (1500-1908), publicado no vol. XXXV dos *Anais* da Biblioteca Nacional. (Nota de B. de M.)

.....

XI

O rio Madeira – Os nomes “Solimões” e “Amazonas” – O Jamundá – Estreito de Pauxis (Óbidos). As marés – O Tapajós – Os tupinambás. Pedras do Amazonas. Esmeraldas talhadas – Montanhas da Guiana – Árvore gigante – Forte de Perau – Rio Xingu. Especiarias – Os moscardos e os mosquitos do Amazonas – Curupá – O braço do Tajipuru – O rio das Duas Bocas. O Tocantins. O Muju – O Pará

As águas claras e cristalinas do rio Negro mal tinham perdido a sua transparência, misturando-se com as esbranquiçadas e turvas do Amazonas, quando encontramos do lado do sul a primeira embocadura dum outro afluente que nada cede ao anterior, e que não é menos visitado pelos portugueses. É o que chamam rio Madeira, talvez por causa da quantidade de árvores que carrega no tempo das cheias. Para dar idéia da extensão de seu curso, basta dizer que, em 1741, subiram por ele até às proximidades de Santa Cruz de la Sierra, cidade episcopal do alto Peru, situada a 17°30' de latitude austral. Este rio tem o nome de Mamoré na sua parte superior, onde se acham as missões Mojes, de que os jesuítas da província de Lima fizeram uma carta em 1713, que foi inserta no tom o XII das *Cartas Edificantes e Curiosas*, mas a fonte mais distante do Madeira é vizinha do Potosi e pouco afastada da origem do Pilcomaio, que vai lançar-se no grande rio da Prata.

O Amazonas, abaixo do rio Negro e do Madeira, tem geralmente uma légua de largura; quando forma ilhas, tem, não raro, duas e três, e em tempos de inundação é sem limites. É daí em diante que os portugueses do Pará começam a chamar-lhe rio das Amazonas; acima eles não o conhecem senão pelo nome de Solimões, rio dos venenos, que lhe foi dado

provavelmente por causa das flechas envenenadas, a que antes nos referimos, que são a arma ordinária dos seus habitantes marginais.

No dia 28, deixamos à mão esquerda o rio Jamundá, que o P. d'Acuña chama Cunuris, e pretende que seja aquele em que Orellana foi atacado pelas guerreiras amazonas. Um pouco abaixo, tomamos terra do mesmo lado, junto ao forte português de Pauxis, onde o leito do rio é estreitado em 905 toesas (1.736,845m) de largura. O fluxo e refluxo do mar chegam até aí, o que se faz notar de doze em doze horas, e atrasa cada dia como na costa. A maior altura da maré que observei no Pará não excede dez pés e meio (3,402m), e resulta que o rio, desde Pauxis até o mar, isto é, em duzentas e tantas léguas de curso, ou em trezentas e sessenta léguas, segundo o P. de Acuña, não deve ter mais de dez pés e meio de inclinação; isto está de acordo com a altura do mercúrio que achei no forte de Pauxis, 14 toesas (27,286m) acima do nível da água, cerca de uma linha e um quarto menos que no Pará, à beira-mar.

Concebe-se bem que o fluxo que se faz sentir no cabo Norte, na desembocadura do rio das Amazonas, não pode chegar ao estreito de Pauxis, e duzentas e tantas léguas do mar senão em vários dias, em lugar de cinco ou seis horas, que são o tempo ordinário empregado pelo mar para subir. E com efeito, desde a costa até Pauxis, há uma vintena de paragens que designam, por assim dizer, os dias da maré subindo o rio. Em todos esses lugares o efeito da preamar se manifesta à mesma hora que na costa. E, supondo, para maior clareza, que essas diferentes paragens estejam distanciadas umas das outras cerca de doze léguas, o mesmo efeito das marés se observará nos seus intervalos nas horas intermediárias, a saber uma hora mais tarde de légua em légua, afastando-se do mar. O mesmo quanto aos refluxos nas horas correspondentes. Demais, todos esses movimentos alternados, cada um a seu tempo, estão sujeitos aos retardamentos diários, como na costa. Esta espécie de marcha das marés por ondulações tem possivelmente ocasião de suceder em pleno mar, e parece que deve retardar cada vez mais, desde o ponto em que decresce a velocidade das marés subindo o rio; duas correntes opostas que se observam no tempo do fluxo, uma à superfície da água, outra a certa profundidade; duas outras, uma das quais corre ao longo das margens e se acelera, enquanto a outra, em pleno leito do rio, desce e retarda; enfim, duas outras correntes opostas se encontram freqüentemente

na vizinhança do mar, nos canais naturais de travessia, onde o fluxo entra de uma só vez por dois lados opostos; todos estes fatos que ignoro que outros hajam observado, suas diferentes combinações, diversos outros acidentes das marés sem dúvida mais comuns e mais variados que alhures, num rio onde eles acontecem possivelmente a uma distância maior do mar do que em nenhum outro lugar do mundo conhecido; tudo isso daria ensejo a observações curiosas, sem dúvida, e talvez novas. Mas, para limitar o conjectural, seria preciso uma série de observações exatas, o que exigiria uma longa estada em cada lugar, e uma delonga que não conviria absolutamente à impaciência justa em que eu estava de voltar à França, depois de uma ausência que durava já quase nove anos. Eu não deixei de examinar nas proximidades do Pará, e na vizinhança do Cabo Norte, um outro fenômeno resultante das grandes marés, mais singular do que os precedentes, e dele falarei depois.

Fomos recebidos em Pauxis como fôramos sempre desde que percorríamos terras de Portugal. O comandante⁴⁵ nos deteve no forte quatro dias, e um dia em sua casa de campo; ele nos acompanhou a seguir até a fortaleza de Curupá, de seis a sete dias abaixo de Pauxis, e a meio caminho do Pará. As ordens mais precisas de Sua Majestade portuguesa, e as mais favoráveis para a segurança e comodidade de minha passagem, tinham-se-me adiantado por toda parte: elas eram extensivas a quantos me acompanhavam; e eu devo a graça dessas ordens, que me favoreceram em viagem e no Pará, a um ministro que ama as ciências, e que conhece sua utilidade: o mesmo cujo zelo não se afadigou absolutamente de prover a todas as necessidades de nossa numerosa companhia durante a longa permanência em Quito.

Em menos de dezesseis horas de caminhada, fomos de Pauxis à fortaleza de Tapajós, na entrada do rio do mesmo nome. Este é também um rio de primeira ordem. Deflui das minas do Brasil, atravessando países desconhecidos, onde habitam nações selvagens e guerreiras, que os missionários jesuítas trabalham em amansar.

Dos restos do aldeamento de Tupinambara, situado outrora numa grande ilha, na foz do rio da Madeira, formou-se o de Tapajós, e seus

45 O cap. Manuel Maciel Parente.

habitantes são quase que tudo o que resta da valente nação dos tupinambás, dominante há dois séculos no Brasil, onde deixaram a língua. Pode-se-lhe ver a história e a longa peregrinação na *Relação* do P. d'Acuña.

É entre os Tapajós que se acham hoje, mais facilmente, dessas pedras verdes, conhecidas pelo nome de pedras das amazonas, cuja origem se ignora, e que foram tão procuradas outrora, por causa da virtude que se lhes atribuía, para curar a “pedra” a cólica nefrítica, e a epilepsia.⁴⁶ Houve um tratado impresso sob a denominação de Pedra Divina. A verdade é que elas não diferem, nem na cor nem na dureza, do jade oriental: resistem à lima, e ninguém imagina por qual artifício os antigos americanos a talhavam, e lhes davam diversas configurações de animais. Foi, sem dúvida, o que deu lugar a uma fábula digna de refutar-se. Acreditou-se muito a sério que tal pedra não era mais que o limo do rio, ao qual se dava a forma requerida, petrificando-o quando era tirado ainda fresco, e que adquiria ao ar esta dureza extrema. Quando se concordasse gratuitamente com semelhante maravilha, de que alguns crédulos não se desenganaram senão depois de ter experimentado inutilmente um processo tão simples, restaria outro problema da mesma espécie a propor aos lapidários. São as esmeraldas arredondadas, polidas e furadas por dois buracos cônicos, diametralmente opostos num eixo comum, tais como ainda hoje se encontram no Peru, nas margens do rio de Santiago, na província das Esmeraldas, a quarenta léguas de Quito, com diversos outros monumentos da indústria de seus antigos habitantes. Quanto às pedras verdes, elas se tornam cada vez mais raras, já porque os índios, que lhes dão grande importância, delas se não desfazem de boa vontade, já porque grande número delas foi enviado à Europa.

No dia 4 começamos a ver distintamente algumas montanhas para o lado do norte, a doze ou quinze léguas para o interior. Era um espetáculo novo para nós, que desde o Pongo tínhamos navegado dois meses sem ver o menor outeiro. O que percebíamos eram os contrafortes duma longa cadeia de montanhas que se estende do oeste para o este, e cujos cimos fazem a partilha das águas da Guiana. As que tomam a inclinação do norte formam os

46 Ver Carta 23, de Voiture a Mlle. Paulet. Dissertação sobre o rio das Amazonas que precede a tradução da *Relação* do P. de Acuña. *Viagem às Ilhas da América*, pelo P. Labat.

rios da costa de Caiena e de Surinam; e as que correm para o sul, após um percurso pouco extenso, vêm perder-se no Amazonas. Foi para tais montanhas que se retiraram as amazonas de Orellana, segundo a tradição do país. Outra tradição não menos estabelecida, e de que se pretendem ter provas mais reais, é que essas montanhas abundam em diversos metais. Mas este último ponto não está melhor esclarecido que o outro, apesar de ser de natureza a excitar a atenção dum maior número de interessados.

No dia 5, de tarde, observei, ao pôr-do-sol, a variação da bússola, de 5°30' do norte para o este. Não achando onde pisar em terra firme, fiz minha observação sobre o tronco de uma árvore desarraigada, que a corrente havia empurrado para a beira do rio. Tivemos a curiosidade de medi-lo e achamos, das raízes aos galhos, 84 pés (27,216m), e a circunferência de 24 pés (7,776m), apesar de seco e desprovido de casca. Por este exemplar que o azar nos deparava, pela grandeza das pirogas de que falei, cavadas num único tronco de árvore, e por uma mesa de uma só peça, que tinha de comprimento oito ou nove pés, por quatro e meio de largura, trabalhada em madeira dura e polida, como vimos depois em casa do governador do Pará, pode-se julgar da altura e beleza das florestas marginais do Amazonas e demais afluentes.

No dia 6, ao cair da noite, deixamos o canal principal do Amazonas, em frente do forte de Paru, na margem setentrional, e de novo reconstruído pelos portugueses nas ruínas de um velho forte que aí tiveram os holandeses. Então, para evitar de atravessar a embocadura do rio Xingu, onde se têm perdido tantas canoas, entramos do Amazonas no Xingu, por um canal natural. As ilhas que dividem a boca deste rio, em vários canais, impediram-me de medi-la geometricamente; mas à vista não parece ter menos de uma légua. É este o mesmo rio que o P. d'Acuña chama Paranaíba,⁴⁷ e o P. Fritz denomina Aoripana na sua carta; Xingu é o nome índio duma cidade onde se encontra uma missão, algumas léguas acima. Ele desce, assim como o Tapajós, das minas do Brasil; tem uma cachoeira sete ou oito dias acima de sua foz, o que não impede de ser navegável durante mais de dois meses, quando se sobe. Suas margens abundam em duas espécies de

⁴⁷ Diferentes são os nomes que tomam os rios nas diversas línguas.

árvores aromáticas, chamadas cuxiri e puxiri.⁴⁸ Seus frutos são pouco mais ou menos do tamanho de uma azeitona. Ralam-se como a noz-moscada e têm a mesma serventia. A casca do primeiro tem o sabor e cheiro do cravo-da-índia, que os portugueses chamam “cravo”; isto fez com que os franceses de Caiena chamassem, por corrupção, à árvore que produz tal casca, *bois de crabe*, ou seja, “pé de caranguejo”. Se as especiarias que nos chegam do Oriente deixassem algo a desejar neste gênero, estas seriam mais conhecidas na Europa. Entram na composição de diversos licores fortes na Itália e na Inglaterra.

Desde o encontro do Xingu com o Amazonas, a largura deste é tão considerável que bastaria para fazer perder de vista uma margem da outra, quando as grandes ilhas que se sucedem permitissem estender o olhar. Aí começamos a libertar-nos inteiramente dos mosquitos, moscardos e moscas de toda espécie, o maior incômodo que tivemos no decurso de nossa navegação. Eles são tão insuportáveis que os próprios índios não viajam sem uma barraca de tela de algodão, para aí se abrigarem durante a noite. Há tempos e lugares, particularmente na região dos omáguas, onde se está continuamente envolvido numa nuvem espessa desses insetos, e suas picadas causam coceiras excessivas. É fato constante e digno de nota que desde a foz do Xingu eles não existem mais, ou são raríssimos na margem direita do Amazonas, ao passo que infestam o lado oposto. Depois de ter refletido e examinado a situação do lugar, julguei que a diferença se devia à mudança da direção do curso do rio. Ele se projeta para o norte, e o vento do este, que aí é quase contínuo, deve atirar esses insetos para a margem ocidental.

Chegamos pela manhã do dia 9 à fortaleza portuguesa de Curupá, construída pelos holandeses quando eram senhores do Brasil. O lugar-tenente do Rei⁴⁹ recebeu-nos com honrarias extraordinárias. Os três dias de nossa demora foram uma festa contínua, e ele nos tratava com uma magnificência que raiava pelo excessivo, e que o país não parecia prometer.

48 Pertencem à família das lauráceas essas duas árvores aromáticas. O “cuxiri”, também chamado “pau-cravo”, “canela-cravo” e “cravo-do-mato”, é o *Dicypellium carvophyllatum*; e o “puxiri” apresenta as variantes “pixuri” e “pixurim”, recebeu os nomes científicos de *Acroclidium puchury-major* e *Nectandra puchury-major*. (Nota de B. de M.)

49 O capitão-mor José de Sousa e Meneses (nota do autor).

La Condamine grafa Curupa, mas o nome exato é Curupá. (Nota de B. de M.)

Curupá é uma cidadezinha portuguesa onde não há outros índios que os escravos dos moradores. Está numa situação agradável, em terreno elevado, na margem austral do rio, a oito dias acima do Pará.

De Curupá em diante, onde o fluxo e refluxo se tornam muito sensíveis, os barcos não vão senão ao sabor das marés. Algumas léguas abaixo deste lugar, um pequeno braço do Amazonas, chamado Tajipuru, se destaca do grande canal que segue para o norte, e, tomando uma rota oposta para o sul, abraça a grande ilha de Joanes, ou de Marajó, desfigurada em todos os mapas; daí ele volta ao norte pelo este, descrevendo um semicírculo, e logo se perde, por assim dizer, num mar formado pelo concurso de vários grandes rios que encontra sucessivamente. Os mais consideráveis são primeiramente o rio das Duas Bocas, formado pelo encontro dos rios Guanapu e Pacaajás, que apresentam mais de duas léguas na sua foz, e que todas as cartas antigas, assim como Laet, chamam rio do Pará. Em segundo lugar o rio Tocantins, mais largo ainda que o precedente, e que se pode subir vários meses, procedente como o Tapajós e o Xingu das minas do Brasil, donde traz nas areias alguns vestígios. Enfim, o rio Muju, que achei duas léguas dentro das terras, com 749 toesas (1 561,80m) de largura, em cujas águas encontramos uma fragata de Sua Majestade portuguesa, que subia de velas inchadas para ir buscar, várias léguas arriba, madeiras de marcenaria, raras e preciosas, em qualquer outra parte. É na margem oriental do Muju que está situada a cidade do Pará, imediatamente abaixo da embocadura do rio Capim, que acaba de receber outro, chamado Guamá. Só a vista de uma carta pode dar uma idéia distinta da posição desta cidade, na confluência de tantos rios, e fazer reconhecer que não é sem fundamento que os seus habitantes estão longe de crer que vivem numa das margens do Amazonas; é possível que nem uma gota deste banhe as muralhas desta cidade, pouco mais ou menos como se pode dizer que as águas do Loire não chegam a Paris, apesar de que o Loire comunica com o Sena pelo canal de Briare. Pode-se crer com efeito que a grande quantidade de águas fluviais que separam a terra firme do Pará da ilha de Joanes não seria sensivelmente diminuída se a comunicação com o Amazonas fosse interceptada pela obstrução, ou pelo desvio do pequeno braço de rio, que sai como que a tomar posse de todos estes rios menores, e lhes faz perder o nome. Tudo isto seria, se se quer, uma questão de nome; e eu não deixarei de dizer, para me acomodar à linguagem

recebida, que o Pará fica na embocadura oriental do rio das Amazonas. Basta haver explicado como se deve entender isso.

Fui conduzido do Curupá ao Pará sem ser consultado sobre a escolha de meu caminho, entre ilhas, e por canais estreitos e cheios de meandros que vão de um rio a outro, e por onde se frustra o perigo de os atravessar em suas bocas. O que constituía minha segurança, e seria a comodidade de outro qualquer viajante, tornava-se extremamente incômodo para mim, que tinha como fim principal o levantamento de uma carta. Foi-me necessário redobrar a atenção, para não perder o fio de minha rota nesse dédalo tortuoso de ilhas e canais sem conta.

.....

XII

Os peixes. Peixe-boi. Mixano. Lampréia-torpedo. Tartarugas e jabutis. Ervas que embriagam os peixes. Crocodilos – Tigres. Pumas. Ursos? Alces. Quatis – Os símios. Os sagüis – Os répteis. A cascavel. A coral. A mãe-d’água – O verme-macaco (berne) – Os morcegos – Pássaros. O colibri. O tucano. Papagaios e araras. Papagaios envermelhecidos. O cauitau. O pássaro-trombeta. O condor

Ainda não falei dos peixes singulares, que se descobrem no Amazonas, nem das diferentes espécies de animais raros que se vêem nas suas margens. Este título sozinho forneceria assunto para a obra, e tal estudo pediria uma viagem especial, e um viajante que não tivesse outra ocupação. Não falarei senão dos mais notáveis.

Em São Paulo de Omáguas desenhei, do natural, o maior dos peixes d’água doce conhecidos, a que os espanhóis e portugueses deram o nome de “vaca-marinha”, ou de “peixe-boi”.⁵⁰ Não se há de confundir com a foca (em francês *veau marin*). Este de que se trata pasta a erva das margens do rio: sua carne e gordura têm bastante semelhança com a de vitela. A fêmea tem tetas com que amamenta os filhotes. Alguns tornaram a semelhança com o boi ainda mais completa, atribuindo-lhe chifres que a natureza não lhe deu. Ele não é anfíbio propriamente, pois que não sai d’água, nem pode fazê-lo porque tem duas nadadeiras muito perto da cabeça, em

⁵⁰ Não se pode hoje, na técnica moderna, chamar ao peixe-boi um peixe. Trata-se de um mamífero da família dos manatídeos, como já ficou esclarecido na “Apresentação” e onde se lhe encontra o nome científico. (Nota desta edição.)

forma de barbatana de 16 polegadas de comprimento, e que lhe fazem as vezes de braço e pernas: vi depois maiores. Os olhos desse animal não estão em proporção com o corpo: são redondos e não passam de três linhas de diâmetro. O buraco de suas orelhas é ainda menor, e parece um furo de alfinete. Alguns supuseram-no particular ao rio das Amazonas; mas não é menos vulgar no Orinoco. Encontra-se também, ainda que menos freqüentemente, no Oiapoque e em vários outros rios dos arredores de Caiena, e possivelmente alhures. É o mesmo que chamam lamentin em Caiena e nas ilhas francesas da América; mas suponho a espécie um pouco diferente. Não se encontra no alto-mar, e mesmo é raro nas proximidades das embocaduras dos rios; mas ao contrário, acha-se a mais de mil léguas do mar, na maior parte dos grandes rios que deságuam no Amazonas, como o Gallaga, o Pastaça, etc. Ele não é detido senão pelo Pongo de Borja, de que antes falamos. Mas tal barreira não é um obstáculo para outro peixe chamado mixano, tão pequeno este quanto é o outro grande, não chegando alguns a ter o tamanho de um dedo. Eles vêm todos os anos em bandos quando as águas começam a baixar, pelos fins de junho. Não têm nada de singular senão a força com que remontam a contracorrente. Como o leito estreito os reúne necessariamente perto da garganta, vêm-se atravessar em cardumes duma margem para a outra, e vencer alternativamente ora dum lado ora do outro a violência com que as águas se precipitam. Eles são apanhados a mão quando as águas estão baixas, nos poços dos rochedos do Pongo, onde eles repousam para restaurar as forças, e de que se servem como patamares para subir.

Vi nas cercanias do Pará uma espécie de lampréia, cujo corpo, como de ordinário, é furado por um grande número de aberturas, mas que tem demais a propriedade do torpedo: aquele que a toca com a mão, ou mesmo com um pau, sente um choque doloroso no braço, e não raro cai por terra, segundo dizem. Não testemunhei este último fato. M. De Réaumur criou o mistério da mola que produz o surpreendente efeito do torpedo.⁵¹

⁵¹ Ver *Memórias da Academia* do ano de 1714. (Nota da autor.)

La Condamine refere-se, certamente, ao poraquê (também vulgarmente conhecido por pixundé, pixundu e treme-treme), pertencente à família dos eletroforídeos e batizado cientificamente por *Electrophorus electricus*. (Nota de B. de M.)

As tartarugas do Amazonas são procuradíssimas em Caiena, como mais delicada que qualquer outra. Há as de tamanhos diferentes, e de diversas espécies, e em tão grande abundância que elas sós e mais os ovos poderiam abastecer os moradores daquelas margens. Há as terrestres, que se chamam jabutis na língua do Brasil, e que se preferem no Pará às de outra espécie. Todas se conservam, e sobretudo as últimas, fora d'água vários meses, sem alimentar-se aparentemente.

A natureza parece ter favorecido a preguiça dos índios, e ter ultrapassado suas necessidades: os lagos e os mangues que se encontram a cada passo nas proximidades do Amazonas, e não raro bem no interior das terras, são enchidos de peixes de todas as qualidades, nos tempos do extravasamento; e quando as águas baixam, aí eles ficam encerrados como em tanques ou reservatórios naturais, e onde se pescam com a maior facilidade.

Na província de Quito, nos diversos países atravessados pelo Amazonas, no Pará e em Caiena, encontram-se várias espécies de plantas, diferentes das que são conhecidas na Europa, cujas folhas ou raízes, mergulhadas n'água, têm a propriedade de embriagar o peixe. Ele flutua na água, e é apanhado a mão. Os índios, por meio dessas plantas e de tapumes com que barram a entrada dos pequenos rios, pescam tantos peixes quantos querem; fazem-nos defumar em caniços, para os conservar: raramente utilizam o sal para isso; entretanto os mainas retiram sal fóssil de uma montanha vizinha do Guallaga; os índios sujeitos aos portugueses o buscam do Pará, onde é importado da Europa.

Os crocodilos⁵² são comuníssimos em todo o curso do Amazonas, e até na maior parte dos rios que vêm ter a ele. Alguns chegam a ter algumas vezes 20 pés (6,5m) de comprimento; e talvez os há maiores. Já tinha eu visto um grande número deles no rio Guaiaquil. Eles ficam horas

52 Crocodilo, caimã e jacaré são apelativos do mesmo hidrossáurio da família dos crocodilídeos. Cumpre notar, entretanto, que o primeiro dos referidos substantivos, de origem grega (*krokodilos*), é mais aplicado ao hidrossáurio do Nilo e dos outros grandes rios da África; o segundo, provindo de acaiumã, voz da língua caraíba, é mais usado com relação ao hidrossáurio dos caudais da América espanhola; e o terceiro, finalmente de origem túpica, *ya-caré* ("aquele que é torto, sinuoso") ou *y-echá-caré* ("aquele que olha de banda"), conforme Teodoro Sampaio, é o mais empregado para a designação do hidrossáurio dos rios e lagos do Brasil. Figura até na paremiologia popular: "Deixa estar, jacaré, que a lagoa há de secar!" (Nota de B. de M.)

e dias inteiros sobre o lodo, estendidos ao sol e imóveis; seriam tomados por troncos de árvore, ou por longos pedaços de pau cobertos de um casca escabrosa e dessecada. Como os das margens do Amazonas são menos perseguidos e caçados, eles pouco temem os homens. Nos tempos de inundação chegam a penetrar nas cabanas dos índios; e há exemplos de que esse animal feroz tenha raptado um homem de sua canoa, à vista dos camaradas, e o tenha devorado sem socorro possível.

O mais perigoso inimigo do crocodilo, e talvez o único que ousa entrar em luta com ele, é o tigre. Deve ser um espetáculo raro o seu combate, o que só pode ser presenciado por feliz acaso. Eis o que os índios contam a propósito. O crocodilo põe a cabeça fora d'água para abocar o tigre quando ele vem dessedentar-se: é como ele faz em semelhante caso com os bois, cavalos, mulos, e tudo que se lhe apresenta. O tigre crava as unhas nos olhos do crocodilo, o único lugar por onde ele pode ser ofendido, visto a dureza de suas escamas; mas este, mergulhando n'água, arrasta o tigre, que se afoga de preferência a abandonar a presa. Os tigres que vi na América, e que são vulgares em todas as regiões quentes e boscosas, não me pareceram diferir dos africanos, nem em beleza nem em tamanho. Existe uma espécie cuja pele é castanha, sem ser mosqueada. Os índios são extremamente adestrados a combater o tigre com um espontão, ou meio-pique, que é a sua arma ordinária em viagem.

O animal que os indígenas do Peru chamam "puma", e os espanhóis da América, "leão", eu só encontrei na província de Quito, e nunca nas margens do Amazonas. Não sei se merece tal nome; mas o macho não tem juba, e é muito menor que o leão africano. Nunca o vi vivo, mas empalhado.

Não é de estranhar que os ursos, que não povoam senão lugares frios, e que se encontram em várias montanhas do Peru, não se vejam absolutamente nas florestas do Maranhão, cujo clima é tão diferente; todavia aí ouvi mencionar um animal chamado ucumari, que é precisamente o nome índio do "urso" na língua do Peru; não pude assegurar-me sobre se o animal é o mesmo.

O alce, que se topa nalguns cantões emboscados da cordilheira, em Quito, não é raro nas selvas do Amazonas, ou da Guiana. Chamo assim ao animal que os espanhóis e portugueses conhecem pelo nome de "anta" (ver nota ao capítulo X); na língua do Peru chama-se uagra; tapira na

do Brasil; maypuri na língua galibi, na costa da Guiana. Como a terra firme vizinha à ilha de Caiena faz parte do continente que o Amazonas atravessa, e está contígua às terras regadas por esse rio, acham-se em ambos os países os mesmos animais pela maior parte.

Passando entre os jameus, desenhei uma espécie de doninha que se domestica com facilidade: não pude pronunciar nem escrever o nome que aí lhe dão; achei-a depois nas cercanias do Pará, onde lhe chamam quati, na língua do Brasil. Laet a menciona.

Os símios constituem a caça mais comum, e mais do gosto dos índios do Amazonas. Em todo o curso de minha excursão por esse rio, vi tantos, e de tantos ouvir falar, que a só enumeração das espécies diversas seria muito longa. Uns são como um lebréu, e outros como um rato, e não falo da espécie minúscula conhecida pelo nome de “sapajus”, mas de outros menores ainda, difíceis de capturar, que têm o pêlo longo, lustroso, ordinariamente castanho, e algumas vezes pintalgado de amarelo. Têm a cauda dois tantos mais longa que o corpo, a cabeça pequenina e quadrada, as orelhas pontudas e salientes como cães ou gatos, e não como os outros símios, com os quais pouco se parecem, pois têm antes o ar e o porte dum leãozinho. Eles chamam pinchês em Mainas, e tamarins em Caiena. Tive vários, que não pude conservar; são da espécie chamada sagüins na língua do Brasil, e sagoins por corrupção em francês; Laet fala deles, e cita l’Escluse e Léry. Aquele de que me fez presente o governador do Pará era o único dessa espécie que se havia visto no país: o pêlo era argênteo, e da cor dos mais belos cabelos loiros, e tinha a cauda castanha lustrosa, próximo do negro. Tinha uma outra singularidade mais de notar: as orelhas, as faces e o focinho eram de um vermelho tão vivo que dificilmente se creia natural. Guardei-o por todo um ano, e ele ainda estava vivo quando isto escrevi, à vista da costa francesa, onde queria ter o prazer de o introduzir com vida. Apesar das precauções contínuas que tive para preservá-lo do frio, o rigor da estação possivelmente o matou. Como eu não tinha nenhum recurso a bordo para o dissecar no forno, da maneira que M. De Réaumur imaginou para conservar os pássaros, o que pude fazer foi metê-lo no álcool; isto bastará pode ser para demonstrar que nada exagerei na descrição.

Há ainda outros vários animais raros; mas a maior parte deles foram já descritos, e se vêem em diversas partes da América, como javalis,

coelhos, pacas, tamanduás, porcos-espinhos, preguiças, tatus ou armadilhos, e tantos outros, alguns dos quais desenhei ou cujos esboços executados por M. De Morain Ville estão em mãos de M. Godin.

Não é de espantar que, em países tão quentes e úmidos quanto estes, se encontrem serpentes de todos os gêneros. Li não sei onde que todas as do Amazonas são sem veneno, e é certo que algumas não são nocivas de todo; mas as picadas de várias são quase sempre mortais. Uma das mais perigosas é a cobra cascavel, ou de guiso, muito conhecida. Tal ainda a coral, notável pela variedade e viveza de suas cores; porém a mais rara e particular é uma grande serpente anfíbia de 25 a 30 pés (de 8 a 10m), e de mais de um pé de grossura, ao que dizem, e que os índios mainas chamam yacu-mama, ou mãe-d'água, e que vivem ordinariamente nos grandes lagos formados pelo extravasamento das águas para o interior das terras. Contam-se fatos de que eu duvidaria ainda se os houvesse visto, e que eu não me abalanco a repetir aqui senão conformando-me com o novel autor já citado do *Orinoco Ilustrado*, que os assegura muito a sério. Não somente, segundo os índios, essa monstruosa serpente engole um corço inteiro; mas, atraindo, dizem eles, invencivelmente, pela respiração, os animais que dela se aproximam e os devora. Diversos portugueses do Pará tentaram persuadir-me de casos quase tão pouco de acreditar, como a maneira por que outra grande cobra mata os homens com a cauda. Suspeito que esta mesma espécie habita os bosques de Caiena. Aí todo esse maravilhoso se reduz a um fato confirmado pela experiência: é que a gente pode ser por ela mordida e ser por ela marcada sem perigo, malgrado seus dentes serem bem próprios para infundir o terror. Dela tenho duas peles, uma das quais não tem nada menos de quinze pés de comprimento, está seca e tem um pé de largura. Sem dúvida há maiores. Devo essas peles, e diversas outras curiosidades de história natural, aos padres jesuítas de Caiena, a M. De Lille Adam, comissário da marinha, a M. Artur, médico do rei, e a vários oficiais da guarnição.

O verme que se chama entre os mainas suglacuru, e em Caiena, “verme-macaco” (berne), cresce na carne dos animais e dos homens; cresce até o tamanho de uma fava, e causa uma dor insuportável. É bem raro: desenhei em Caiena o único que vi, e conservei-o no álcool. Dizem que nasce na chaga feita pela picada duma espécie de mosquito ou moscardo; mas até aqui o animal que depõe o ovo não está conhecido.

Os morcegos que chupam o sangue dos cavalos, dos burros, e até dos homens, se quando dormindo não se garantem com o abrigo de uma barraca, são um flagelo espalhado pelos países quentes da América. Uns há monstruosos pelo tamanho, e destruíram em Borja o gado que os missionários aí introduziram, e que começava a multiplicar-se.

A quantidade das diversas espécies de pássaros nas florestas do Maranhão parece maior ainda que a dos quadrúpedes. É notável que quase nenhum tem canto agradável: é principalmente pelo berrante e pela diversidade de cores da plumagem que eles interessam.

Nada iguala a beleza das penas do colibri, de que vários autores falaram, e que se acham na América em toda a Zona Tórrida. Notarei apenas que apesar de que ele passa comumente por habitar somente os países quentes, não os vi em parte alguma mais numerosos do que nos jardins de Quito, cujo clima temperado mais se aproxima do frio do que do grande calor. O tucano, cujo bico vermelho e amarelo é monstruoso em proporção com o corpo, e cuja língua a modo de pluma solta passa por ter grandes virtudes, não é tampouco particular ao país de que trato. As variedades de papagaios e araras, em tamanho, cor e aspecto, são sem conto; entre os primeiros rareiam os inteiramente amarelos, com manchas verdes nas extremidades das asas. Destes só vi dois no Pará. Não conhecem aí absolutamente a espécie cinzenta, que tem a ponta das asas cor de fogo, e tão comum na Guiné.

Os mainás, os omáguas e diversos outros índios fazem alguns artefatos de penas, que entretanto não se aproximam da perfeição nem da limpeza dos mexicanos.

Os índios das margens do Oiapoque têm a habilidade de dar artificialmente aos papagaios cores naturais diferentes daquelas que eles receberam na natureza, tirando-lhes as penas e esfregando-os com sangue de certas rãs: é o que se chama em Caiena “tapirer um perroquet” (avermelhar um papagaio); talvez o segredo não consiste senão em molhar com algum líquido ácido o lugar que foi depenado; talvez não seja mesmo necessário nenhuma preparação: é uma experiência a fazer. Com efeito não parece extraordinário ver nascer num pássaro penas vermelhas ou amarelas, em lugar das verdes que lhe foram arrancadas: é como ver repontar pêlo branco em lugar de negro, no dorso de um cavalo que foi ferido.

Entre outros pássaros vulgares, vi no Pará um do tamanho dum ganso, e nada notável quanto à plumagem, mas com esporões no alto das asas, como cornos muito aguçados, semelhante a um grosso espinho de meia polegada. Ele tem por cima do bico outro pequeno chifre isolado e flexível, do comprimento de um dedo; chama-se *cauitau*⁵³ na língua brasileira, palavra onomatopéica.

O pássaro chamado “tropetero” pelos espanhóis da província de Mainas é o mesmo que se chama “agami” no Pará e em Caiena. É muito familiar, e nada tem de estranho senão o barulho que às vezes faz, e que lhe valeu o apodo de “pássaro trombeta”. É disparate que alguns tenham tomado esse barulho por um canto ou gorjeio. Parece que se forma num órgão todo outro, e precisamente oposto ao da garganta.

O famoso contur, como se diz no Peru, e por corrupção condor, que vi em vários sítios das montanhas da província de Quito também aqui se acha, se é verdade o que me asseguraram, nestes países das margens do Maranhão. Vi um deles pairar sobre um rebanho de carneiros. Aparentemente a vista do pastor o impedia de empreender qualquer coisa. É uma opinião universalmente espalhada que essa ave rouba um cabrito, e que alguma vez raptou uma criança. Pretende-se que os índios lhe dão como isca uma figura de menino em argila muito viscosa; sobre ela ele cai num vôo rápido, e enterra as garras de tal maneira que lhe é impossível desprender-se depois.

53 É também conhecido pelo nome indígena de *camixi*, cientificamente *Palamedea chavaraia*, da família dos anhimídeos, de que é tipo a *Anhima cornuta*, isto é, a anhumá. Quando domesticado, o *camixi* serve de guarda dos galinheiros. (Nota de B. de M.)

XIII

A chegada ao Pará. A cidade do Pará – Experiência sobre o peso – A varíola e o tratamento pela inoculação – A partida do Pará – Marajó. Mexiana e Caviana – Forte de Macapá, quase sob o Equador – A pororoca – Um baixa-mar – O cabo Norte. O Araguari. Rio e baía de Vicente Pinzón (Amapá)

N

o dia 19 de setembro, perto de quatro meses após minha chegada de Cuenca, cheguei à vista do Pará, que os portugueses chamam “Grão-Pará”, ou seja, “grande rio”, na língua do Brasil; aportamos a uma habitação dependente do colégio dos padres jesuítas. O provincial⁵⁴ nos recebeu, e o reitor⁵⁵ aí nos reteve oito dias, e nos proporcionou todos os divertimentos do campo, enquanto nos preparavam acomodações na cidade. Achamos no dia 27, chegando ao Pará, uma casa cômoda e ricamente mobiliada, com um jardim donde se descobria o horizonte do mar, e numa situação tal que eu a teria desejado para o interesse de minhas observações. O governador⁵⁶ e capitão-general da província nos fez uma acolhida como era de esperar das ordens que expedira sobre nossa passagem aos comandos das fortalezas, e das recomendações aos provinciais das diferentes missões que tínhamos encontrado.

54 O reverendo P. José de Sousa.

55 O reverendo P. João Ferreira.

56 Os seus títulos são: Ex^{mo} Sr. João de Abreu e Castelo Branco, governador e capitão-general do Estado do Maranhão. (Nota do Autor.)

João de Abreu Castelo Branco administrou o Estado do Maranhão de 18 de novembro de 1737 a 14 de agosto de 1747. (Nota de B. de M.)

Afigurava-se-nos, chegando ao Pará, e saídos das matas do Amazonas, ver-nos transportados à Europa. Encontramos uma grande cidade, ruas bem alinhadas, casas risonhas, a maior parte construídas desde trinta anos em pedra e cascalho, igrejas magníficas.

O comércio direto do Pará com Lisboa, donde chega todos os anos um grande comboio, dá às gentes de recursos a facilidade de se proverem de todas as comodidades. Recebem as mercadorias da Europa em troca de gêneros do país, que são, além de algum ouro em pó que transportam do interior das terras ao lado do Brasil, todos os diferentes produtos úteis, quer dos rios que vêm perder-se no Amazonas, como das margens deste último: a casca do pau de cravo, a salsaparrilha, a baunilha, o açúcar, o café, e sobretudo o cacau, que é a moeda corrente do país, e que constitui a riqueza dos habitantes.

A latitude do Pará não havia provavelmente sido observada em terra, e asseguravam-me, quando aí cheguei, que eu estava precisamente sob a Linha Equinocial. O mapa do P. Fritz situa essa cidade a 1 grau de latitude sul. Achei por várias observações acordes $1^{\circ}28'$, o que não difere sensivelmente da latitude da carta de Laet, que não foi seguida que eu saiba por qualquer dos geógrafos posteriores. Encontra-se no novo *Roteiro Português para o Pará* $1^{\circ}40'$. Quanto à longitude, pude estabelecê-la exatamente pelo eclipse da Lua que aí observei no dia 1^o de novembro de 1743, e por duas imersões do primeiro satélite de Júpiter, aos 6 e aos 29 de dezembro do mesmo ano.

Esperando as observações correspondentes em algum lugar cuja longitude se conheça, observações que se não fizeram em Paris, julguei pelo cálculo que a diferença do meridiano do Pará para o de Paris é de cerca de 3 horas e 24 minutos para o Ocidente. Eu silencio minhas observações sobre a declinação e inclinação da agulha magnética, e sobre as marés que são bastante irregulares no Pará.

Observação mais importante, e que tem relação imediata com a configuração da Terra, objeto principal de nossa viagem, é a do comprimento do pêndulo de tempo médio, ou antes, a diferença do comprimento do pêndulo em Quito e no Pará. Uma dessas cidades está à beira-mar, enquanto a outra se encontra de 1.400 a 1.500 toesas (de 2.770 a 2.900m)

acima do seu nível; todas porém sob a Linha Equinocial, pois um grau e meio não é aqui de nenhuma conseqüência. Eu me achava possibilitado a determinar essa diferença por meio de um pêndulo invariável de 28 polegadas (0,756m) de comprimento, o qual descreverei alhures, e que conserva as oscilações sensivelmente durante 24 horas; com ele eu fizera um grande número de experiências em Quito e na montanha de Pichincha, 750 toesas (1.560m) acima dessa cidade. Pelo resultado médio de nove experiências feitas no Pará, as mais distanciadas das quais não apresentaram senão três oscilações de diferença em 98.740, achei que esse pêndulo não fazia no Pará, em 24 horas de tempo médio, senão 31 ou 32 vibrações mais do que em Quito, e 50 ou 51 mais do que em Pichincha. Dessas experiências concluí que no Equador dois corpos que pesassem 1.600 e 1.000 libras (respectivamente 782,400kg e 589,000kg) ao nível do mar, transportados respectivamente a 1.450 e 2.200 toesas (respectivamente 2.826,050m e 4.287,800m) de altura, perderia cada um uma libra de peso (ou seja, 0,489kg); mais ou menos como sucederia se se fizessem as experiências nos paralelos 22 e 28, conforme a tabela de M. Newton; ou pelo 20 e 25, a julgar de experiências imediatas feitas no Equador e em diversos lugares da Europa. Os números precedentes são aproximados, e eu me reservo o direito de fazer-lhes algumas modificações, aplicando-lhes as equações convenientes, quando apresentar os pormenores de minhas experiências do pêndulo.

Durante minha permanência no Pará, fiz pelos arredores algumas viagens de canoa, e disso aproveitei para detalhes de minha carta. Eu não podia terminá-la sem ver a verdadeira foz do Amazonas, e sem seguir sua margem setentrional até o cabo Norte, onde acaba seu curso. Esta razão e várias outras me determinaram a ir do Pará a Caiena, donde me devolveria direto à França no navio do rei, que aí esperava; não aproveitei, como M. Maldonado, a oportunidade da frota portuguesa que partiu para Lisboa no dia 3 de dezembro de 1743, e me vi retido até o fim do mesmo mês no Pará, menos pela ameaça que me faziam dos ventos contrários, que reinam nessa estação, do que pela dificuldade de formar uma equipagem de remadores; é que as bexigas faziam então um grande estrago, e os índios na maior parte se refugiaram nas aldeias circunvizinhas.

Notam no Pará que essa moléstia é ainda mais funesta nos índios nus, recém-vindos dos bosques para as missões, do que entre os índios

vestidos, nascidos entre os portugueses, ou aí moradores há longo tempo. Os primeiros, uns como animais anfíbios, tão freqüentemente n'água como em terra, endurecidos desde a infância pelas injúrias do ar, têm talvez a pele mais espessa que a dos outros homens, e acreditar-se-ia que isso tão-somente poderia tornar a erupção da varíola mais difícil. O hábito que têm esses índios de se tingirem o corpo de urucum, de jenipapo⁵⁷ e de diversos óleos gordos e espessos, o que deve com a continuação obter-lhes os poros, contribui talvez para aumentar também a dificuldade; e tal conjectura é confirmada por outro fato. Os escravos negros, transportados da África, e que não têm os mesmos costumes, resistem melhor ao mal que os naturais do país. Como quer que seja, um índio selvagem, provindo de pouco do mato, atacado dessa moléstia, é de ordinário um homem morto; mas, por que não se dá o mesmo com a varíola artificial? Há quinze ou dezesseis anos que um missionário carmelita dos arredores do Pará, vendo todos os seus índios morrer um após outro, e tendo lido numa gazeta o segredo da inoculação, que fazia então muito barulho na Europa, julgou prudentemente que, usando tal remédio, tornava pelo menos duvidosa uma morte que era certa empregando os remédios ordinários. Um raciocínio tão simples deveria ter ocorrido a quantos são capazes de reflexão, e que viam o destroço da moléstia sabendo dos sucessos do novo tratamento; mas esse religioso foi o primeiro na América que teve a coragem de executá-lo. Ele já perdera a metade dos índios; muitos outros caíam diariamente; ele ousou fazer inocular a varíola em todos aqueles que ainda não tinham sido atacados, e destes não perdeu um só. Outro missionário do rio Negro seguiu o seu exemplo com o mesmo resultado.

Após experiências tão autorizadas, julgar-se-á, sem dúvida, que, na epidemia de 1743, que me detinha no Pará, todos os que tinham escravos índios usaram de uma receita tão salutar para os conservar. Eu mesmo o creria, se não houvera testemunhado o contrário: mas nem pensavam nisso

57 Do urucu ou urucum, planta da família das bixáceas (chama-se cientificamente *Bixa orellana*), tiram os índios a cor vermelha, ao passo que a tinta escura, azul ou preta, é extraída por eles do jenipapeiro, *Genipa americana*, da família das rubiáceas. (Nota de B. de M.)

ainda quando parti do Pará. É bem verdade que ainda não tinha morrido metade dos índios.⁵⁸

Embarquei no dia 29 de dezembro para Caiena, numa canoa do governador-geral, com uma equipagem de vinte e dois remadores, e todas as comodidades que eu podia desejar, provido de refrescos, e munido de recomendações para os reverendos padres franciscanos da Reforma de Santo Antônio, que têm suas missões na ilha de Marajó ou Joanes, e que me deviam fornecer nova maruja índia, para continuar a rota. Entretanto, a falta de comunicação, entre o Pará e Caiena, e diversos contratempos me impediram de achar um bom prático em quatro aldeias desses padres, onde cheguei nos primeiros dias de janeiro de 1744. Privado desse recurso, e entregue à pouca experiência e timidez de meus remeiros índios, e sobretudo à do mameluco⁵⁹ ou mestiço português que me deram para os comandar em sua língua, e que se persuadiu de que eu estava também à sua disposição, fui retido dois meses numa rota que se pudera vencer em menos de quinze dias; e semelhante atraso me impediu de poder observar em terra o cometa que apareceu então. Ele se perdeu nos raios do Sol antes que eu pudesse chegar a Caiena.

Algumas léguas abaixo do Pará, atravessei a boca oriental do Amazonas, ou o braço do Pará, separado da verdadeira boca, ou boca ocidental, pela grande ilha conhecida sob o nome de Joanes, e mais ordinariamente, no Pará, Marajó.⁶⁰ A ilha ocupa sozinha quase todo o espaço que separa as duas bocas do rio. Tem figura irregular, e mais de 150 léguas de contorno. Em todos os mapas, substituíram-na por uma multidão de ilhotas que pareceriam colocadas ao azar, se não revelassem ser copiadas da carta do *Flambeau de la mer*, cheia de minúcias tão falsas quanto circunstanciadas.

58 Nesse episódio do tratamento efetuado pelos jesuítas em índios atacados de varíola, está o que mais influiu no ânimo de La Condamine para os vários escritos geralmente em forma epistolar, que ele consagrou à inoculação, desde 1754 até 1773, isto é, até um ano antes de morrer. O *cow-pox* de Jenner só apareceu em 1796. (Nota de B. de M.)

59 “Mameluco” é o nome que se dá no Brasil aos filhos de portugueses com mulheres índias.

60 Os índios pronunciam “maraió”, e os portugueses “marajó”. O mesmo passa com vários outros nomes índios.

O braço do Pará, no lugar em que o atravessei cinco ou seis léguas abaixo dessa cidade, tem já mais de três léguas de largura, e vai-se alargando mais e mais. Costeei a ilha seguindo para o norte durante trinta léguas, até a sua última ponta chamada Maguari, além da qual me tornei para o oeste, acompanhando sempre a costa da ilha que segue mais de quarenta léguas sem quase afastar-se da Linha Equinocial. Passei à vista de duas grandes ilhas que ficaram para o norte, uma chamada Mexiana, e a outra Caviana, hoje desertas, outrora habitadas pelos aruás, que, dispersos embora, conservam sua língua própria. O terreno delas, assim como uma grande parte do de Marajó, fica inteiramente inundado e é quase inabitável. Deixei a costa de Marajó no lugar em que ela se retrai para o sul, e cai no verdadeiro leito ou canal principal do Amazonas, em frente do novo forte de Macapá, situado no lado ocidental do rio, e removido pelos portugueses para duas léguas ao norte do antigo. Não seria possível atravessar aí em canoas ordinárias, se o canal não fosse atravancado por ilhotas, ao abrigo das quais se navega com a maior segurança, empregando o tempo em passar de uma a outra. Da última ilhazinha até Macapá não há menos de duas léguas. Neste último trajeto, repassei pela última vez, do sul para o norte, a Linha Equinocial, de que eu me aproximava insensivelmente desde o lugar de embarque. Observei no novo forte de Macapá, ou antes no terreno destinado a edificá-lo, nos dias 18 e 19 de janeiro, 3' de latitude setentrional.

O solo de Macapá fica duas a três toesas acima do nível d'água. Só a margem do rio fica coberta de árvore; o interior é uma planície, a primeira que encontrei assim desde a cordilheira de Quito. Asseguram os índios que continua igual para o norte, e que se pode ir a cavalo até as fontes do Oiapoque, por meio de grandes tabuleiros descobertos, que não são interrompidos senão por pequenos bosquetes ralos. Das cercanias das cabeceiras do Oiapoque, vê-se para o norte o montanhoso Apruage, que se distingue perfeitamente do mar, a várias léguas de distância da costa; e mais naturalmente se divisa das alturas vizinhas de Caiena. Suposto tudo isso, é claro que, partindo de Caiena, a 5° de latitude norte, e caminhando para o sul, poder-se-iam medir comodamente 2, 3 e talvez 4 graus do meridiano, sem sair das terras de França; e poder-se-ia fazer o reconhecimento do interior, de caminho, coisa que não se empreendeu até aqui. Enfim, se se tivesse querido, ter-se-ia podido, com passaportes de Portugal, levar as medições até o paralelo de Macapá, isto é, até

o Equador. A execução desse projeto seria mais fácil do que o cria eu mesmo, quando o propus à Academia, um ano antes de minha viagem a Quito, onde pareceu haver maior facilidade. Se minhas idéias tivessem agradado, certamente estaríamos de volta há muitos anos; mas só pela inspeção dos lugares se poderia assegurar a viabilidade de minha proposta.

Entre Macapá e o cabo Norte, no lugar em que o grande canal se acha mais apertado pelas ilhas, e, principalmente, defronte da foz do Araguari, que deságua no Amazonas pela lado norte, o fluxo do mar oferece um fenômeno único. Durante os três dias mais vizinhos do plenilúnio e do novilúnio, ocasião das marés mais altas, o mar, em vez de empregar seis horas para subir, chega em um ou dois minutos ao seu máximo: logo se vê que isso não pode ocorrer tranqüilamente. Ouve-se de uma ou duas léguas de distância um barulho atemorizador que anuncia a pororoca: é o nome que os índios daí atribuem a tão terrível enchente. À medida que ela se aproxima, o rumor aumenta e bem cedo se vê um promontório de água de 12 a 15 pés (de 3,5m a 5m) de altura, e logo a seguir um outro, e outro ainda, e não raro um quarto, que se seguem de perto, e que preenchem toda a largura do canal; a vaga acomete com uma rapidez prodigiosa, rompe e arrasa tudo quanto lhe resiste. Eu vi, nalguns lugares, um grande bloco de terra arrebatado pela pororoca, grossas árvores erradicadas, devastações de toda espécie. Por onde quer que ela passe a assolação é completa, como se se tratasse de uma varredura cuidadosa. As canoas, as pirogas, os barcos não têm outro meio de furtar-se ao furor dessa “barra” (é o nome que se lhe dá em Caiena), senão ancorando num lugar de muito fundo. Não insistirei em grandes pormenores do fato, nem em sua explicação. Creio indicar apenas as causas dele, dizendo que, depois de o ter examinado com atenção em diversos lugares, sempre notei que ele não ocorria senão quando o fluxo montante e internado num canal estreito encontrava no caminho um banco de areia, ou um baixio que lhe fazia obstáculo; é aí e não alhures que começa esse movimento impetuoso e irregular das águas, e que cessa um pouco além do banco, quando o canal de novo se torna profundo, ou se alarga consideravelmente. Dizem que acontece qualquer coisa de muito parecido nas ilhas Órcades, ao norte da Escócia, e na entrada do Garona, nos arredores de Bordéus, onde se denomina tal efeito das marés “a mascarada”.

O medo do chefe dos meus índios, por não poder, em cinco dias que nos restavam até as grandes marés da lua cheia, chegar ao cabo Norte, donde não estávamos senão a quinze léguas, e além do qual poderíamos achar abrigo, fê-lo resolver, malgrado meus protestos, a aguardar nove dias, numa ilha deserta, que essa fase estivesse bem passada. Daí seguimos para o cabo Norte em menos de dois dias; no dia seguinte, dia do quarto minguante e das menores marés, encalhamos num banco de lodo, e o mar, baixando, retirou-se para muito longe de nós. No dia seguinte o fluxo não atingiu a canoa: enfim, aí fiquei a seco perto de sete dias, durante os quais meus remadores, cujas funções cessaram, não tiveram outra ocupação senão ir buscar muito longe água salobra, enterrando-se na lama até a cintura. Por mim, tive todo o tempo de repetir minhas observações à vista do cabo Norte, e de enjoar-me de ter sempre $1^{\circ}51'$ de latitude setentrional. A canoa, engastada no limo endurecido, tornara-se um observatório sólido. Achei a variação da bússola 4° nordeste, dois graus e meio menos que em Pauxis; enfim, tive ainda o lazer, durante toda uma semana, de passear a vista por aquela parte, sem perceber outra coisa que mangues,⁶¹ em lugar dessas altas montanhas cujos cimos estão representados com grandes pormenores, nas descrições da costa, anexas às cartas do *Flambeau de la mer*, livro traduzido em todas as línguas, e que aqui parece mais apropriado a perder do que a guiar os navegantes. Enfim, pelas grandes marés da lua nova seguinte, o começo daquela mesma “barra” tão temida nos pôs a flutuar não sem perigo, levantando a canoa, e fazendo-a sulcar a vasa com maior rapidez do que a que eu experimentara na correnteza do Pongo, na parte alta do rio que eu acabara de percorrer, e cuja embocadura finalmente vira. Minha carta do rio das Amazonas aí acabava; contudo continuei a fazer o levantamento da costa, e a observar as latitudes até Caiena.

61 Liga-se a palavra portuguesa mangue à que existe na denominação científica da planta da família das rizoforáceas, característica do solo lodoso e salino, por vezes inundado, da zona litorânea intertrópica. A *Rhizophora mangle* forma extensas e intrincadas moitas, às quais se aplica o apelativo mangue, não mais como voz designativa da planta, singularmente considerada, porém, sim, como um verdadeiro coletivo. (Nota de B. de M.)

.....

XIV

Chegada a Caiena – O pêndulo equinocial: medida que poderia universalizar-se – Sementes de quinina – Observações sobre a velocidade do som – Notas topográficas – Experiências de flechas ervadas – Polvos do mar

E

nfim, após dois meses de navegação marítima e terrestre (falo sem exagero, pois que a costa é tão rasa entre o cabo Norte e a ilha de Caiena que o leme tocava continuamente, ou antes não cessava de sulcar a lama, não havendo às vezes um pé de água até meia légua ao largo), cheguei do Pará a Caiena, a 26 de fevereiro de 1744.

Ninguém ignora que foi nessa ilha que M. Richer, desta Academia, fez, em 1672, a descoberta da desigualdade do peso, nos diferentes paralelos, e que suas experiências foram os primeiros fundamentos das teorias de M. Huygens e M. Newton, a respeito da configuração da Terra. Uma das razões que me determinara a vir a Caiena foi a utilidade que haveria de repetir as mesmas experiências, a que estávamos muito exercitados, e que se fazem hoje com muito mais exatidão que outrora. Eu tenho uma régua de aço, que é, segundo as minhas observações, a medida exata do comprimento absoluto do pêndulo simples em Caiena; mas espero uma muito maior precisão na comparação do número de oscilações que fazia meu pêndulo fixo em Caiena em 24 horas, com o número de vibrações em igual tempo em Paris, tão depressa quanto eu possa experimentá-lo. Esta comparação dará muito exatamente o excesso do pêndulo de segundos de Caiena, sobre o pêndulo de segundos de Paris, cujo comprimento absoluto

determinado por M. de Mairan, que foi encarecido como o melhor de quantos o precederam nesta rebusca, pode com razão ser reputado o verdadeiro. Poder-se-ia também tomar por termo fixo o comprimento do pêndulo observado em Quito, por diferentes métodos, e com diversos instrumentos, sobre o que MM. Godin, Bouguer e eu estamos de acordo, com a diferença de quase um centésimo de linha. De qualquer ponto que se parta, a diferença do número de oscilações em 24 horas do mesmo pêndulo, em Quito, no Pará e em Paris, consequência de uma longa série de experiências em cada lugar, dará a medida absoluta do pêndulo equinocial à beira-mar, a mais apropriada de todas a tornar-se, de comum acordo, uma “medida universal”. E quanto não seria de desejar que houvesse uma tal, ao menos entre os matemáticos! A diversidade das línguas, inconveniente que durará ainda séculos, não traz bastantes obstáculos ao progresso das ciências e artes, pela falta de uma comunicação suficiente entre os diversos povos; é necessário ainda, por assim dizer, aumentá-lo deliberadamente, servindo-se cada uma de diferentes medidas e diferentes pesos, em cada país e em cada lugar. Entretanto, a natureza nos apresenta no comprimento do pêndulo de segundos, no Equador, um modelo invariável, próprio a estabelecer em todos os lugares os pesos e as medidas, e convida todos os filósofos a adotá-lo.⁶²

Meu primeiro cuidado chegando a Caiena foi distribuir a diversas pessoas sementes de quinina, que não tinham mais que oito meses então; eu esperava reparar a perda das plantazinhas da mesma árvore, as últimas das quais, malgrado as minhas precauções tivessem até então garantido dos calores e acidentes da viagem, acabavam de ser levadas por um golpe de mar que experimentou submergir meu bote no cabo Orange. As sementes não brotaram em Caiena, e eu não tinha esperanças disso, visto a delicadeza delas, que tinham estado expostas a grandes calores. Não tive

62 A linha do tempo de *La Condamine*, isto é, antes do sistema métrico decimal, correspondia à duodécima parte da polegada, ou, aproximadamente, 0,2255 do centímetro. O pêndulo de segundos, assim proposto por medida universal de comprimento, não teve a sorte de impor-se. O metro, que pareceu ser a décima milionésima parte do quadrante do meridiano terrestre, saiu vitorioso, em 1790, quando uma comissão de membros da Academia das Ciências (Borda, Lagrange, Laplace, Monge e Condorcet) se pronunciou por ele. As razões são várias e técnicas; uma delas é que o pêndulo tem apenas 0,756m, não muito mais de um côvado. Só em 1875 o metro se tornou internacional. Mas no Brasil o sistema métrico decimal foi adotado em 1862 e regulamentado em 1875. (Nota desta edição.)

ainda notícias das que enviei aos padres missionários jesuítas do alto Oiapoque, cujo terreno montanhoso e clima menos ardente é muito mais semelhante ao de Loja, onde as havia eu recolhido.

Observei na cidade de Caiena a mesma latitude que M. Richer, de cerca de $5^{\circ}56'$ norte. Fui surpreendido primeiro de achar por quatro observações do primeiro satélite de Júpiter, acordes entre si, a diferença dos meridianos entre Caiena e Paris: perto de um grau de menos que a que vem no *Livro do Conhecimento dos Tempos*. Mas eu soube depois que M. Richer não havia feito nenhuma observação dos satélites de Júpiter em Caiena, e que a longitude desse lugar fora deduzida de outras observações suas de um modo indireto, e muito sujeito a erros. Maior minúcia não é própria senão para as nossas assembléias ordinárias, do mesmo modo que as minhas observações sobre as marés, e a declinação e inclinação da agulha imantada, observações feitas no mesmo lugar.

Havendo eu notado que de Caiena se viam mui distintamente as montanhas de Curu, cuja distância é avaliada em dez léguas, julguei que esse lugar, donde se pode perceber o fogo e ouvir o atroar do canhão do forte de Caiena, seria adequado para medir a velocidade do som, num clima tão diverso do de Quito, onde fazíamos várias experiências. M. d'Orvilliers, comandante da praça, concordou não somente em dar as ordens necessárias, mas de boa vontade quis participar do meu trabalho; M. Fresneau, engenheiro do rei, encarregou-se dos sinais de aviso, de medir por sua vez a velocidade do vento, e vários outros pormenores. De cinco experiências feitas em dois dias diferentes, quatro das quais não diferem senão de meio segundo, num intervalo de $110'$ de tempo, a distância foi geometricamente concluída como de 20.230 toesas (39.428,270m), por uma série de triângulos ligados a uma base de 1.900 toesas (3.703,100m), atualmente medida duas vezes, numa região sem acidentes: e o resultado médio me deu para a velocidade do som, deduzida a velocidade do vento, 183 toesas e meia (357,6415m) por segundo, em lugar das 185 (360,565m) que acháramos em Quito. A peça do canhão que serviu às experiências era de doze libras de bala.

Tirei partido dos ângulos que já medira, e das distâncias conhecidas, para determinar geometricamente a posição de trinta ou quarenta pontos, quer na ilha de Caiena, quer no continente, e na costa; entre outros

a de certos rochedos, e particularmente daquele que chamam Connétable, que serve de ponto de referência aos navios. Tomei também os ângulos de elevação dos cabos e das montanhas mais evidentes. Sua altura bem conhecida forneceria aos pilotos um meio muito mais seguro que o do cálculo, para conhecer à aproximação das terras, com a ajuda duma simples tabela, a distância da costa. Sabe-se demais quanto importa precisá-lo ao certo no aportamento das naus. Não é o único socorro que a geometria oferece aos marinheiros, e que eles têm negligenciado até aqui.

Num outro passeio que fiz ainda com M. d'Orvilliers, fora da ilha, subindo alguns rios do continente, medimos-lhes as sinuosidades, rotas e distâncias, e observei algumas latitudes; são materiais que, com os principais pontos que eu já determinara, poderão servir para fazer um mapa exato da colônia, pois não temos até aqui nenhum que mereça tal nome.

Durante minha estada em Caiena, tive a curiosidade de experimentar se o veneno das flechas ervadas, que eu guardara havia mais de um ano, conservaria ainda a sua atividade; e ao mesmo tempo se o açúcar era efetivamente o seu antídoto, tão eficaz como me haviam dito. Uma e outra experiências foram feitas na presença do comandante da colônia, de vários oficiais da guarnição, e do médico do rei. Uma galinha ligeiramente ferida, soprando-lhe eu por uma sarbacana uma flechazinha envenenada havia pelo menos treze meses, viveu meio quarto de hora; outra, picada na asa com uma dessas mesmas flechas novamente mergulhada na poção diluída em água, e retirada a flecha imediatamente da chaga, pareceu abater-se um minuto após, e logo seguiram as convulsões, e apesar de que lhe fizemos devorar açúcar, veio a expirar. Uma terceira, picada com a mesma flecha remergulhada na droga, havendo sido socorrida imediatamente com o mesmo contraveneno, não mostrou o menor sinal de mal-estar. Refiz as mesmas experiências em Leide, na presença de vários⁶³ célebres professores da mesma universidade no dia 23 de janeiro deste. O veneno, cuja violência deve ter sido atenuada pela idade e pelo frio, não agiu senão cinco ou seis minutos depois; mas o açúcar foi dado sem sucesso. A galinha que o tinha engolido viveu somente um pouco mais que a outra. A experiência não foi

63 MM. Mussenbroek, Vansyieten, Albinus.

repetida. Este veneno é um extrato feito por meio do fogo, do suco de diversas plantas, e particularmente de certos cipós. Asseguram que entram mais de trinta espécies de ervas e raízes no veneno feito pelos ticunas, que é aquele que experimentei, e que é o mais estimado entre os diversos conhecidos ao longo do rio das Amazonas. Os índios o compõem sempre da mesma maneira, e seguem sem discrepar o processo que aprenderam de seus antepassados, tão escrupulosamente quanto os farmacêuticos entre nós para a composição da teriaga de Andrômaco, sem omitir o menor ingrediente prescrito; sem embargo de que provavelmente essa grande multiplicidade não seja necessária no veneno índio, como no antídoto da Europa.

Surpreende sem dúvida que entre gentes que têm à sua disposição um instrumento tão seguro e tão pronto para satisfazer ódios e invejas e vinganças, esse veneno não seja funesto senão contra os símios e pássaros da floresta. É ainda mais de espantar que um missionário sempre temido e não raro odiado dos neófitos, contra os quais seu ministério não pode ser complacente, viva entre eles sem temor e sem desconfiança. Não é tudo: essas nações pouco perigosas são homens selvagens, e o mais freqüentemente sem qualquer idéia de religião.

Tendo sabido em Caiena o fato maravilhoso e sempre novo da multiplicação dos polvos, descoberta de M. Trembley, e depois confirmada pelas experiências de MM. De Réaumur, De Jussieu, e um grande número de naturalistas, fiz algumas experiências com grandes polvos do mar, conhecidos nessa costa. Minhas primeiras tentativas não tiveram êxito, e uma moléstia me impediu de as repetir, como eu me propusera.

.....

XV

Partida para Suriname – Chegada a Paramaribo – Embarque para Amsterdã – Corsários – Desembarque – Chegada a Paris

Perto de cinco meses de espera em Caiena, sem ver chegar o navio do rei que se aguardava e sem aí receber notícias de França, coisa de que eu estava privado há cinco anos, fizeram em mim mais impressão que nove anos de viagens e fadigas. Fui atacado de uma languidez e duma icterícia cujo remédio mais eficaz foi a resposta extremamente polida que recebi de M. Mauricius, governador da colônia holandesa de Surinam; ele me oferecia sua casa, a escolha dum barco para a Holanda, e um passaporte mesmo, no caso de ruptura entre a França e os Estados Gerais. Não perdi um momento, e, após uma demora de seis meses em Caiena, parti convalescente a 22 de agosto de 1744, num cano do rei, que M. d’Orvilliers teve a gentileza de oferecer para conduzir-me a Surinam, com um sargento da guarnição por guia, o qual não tinha voz de comando senão sobre os remadores. Também a viagem foi mais curta que a do Pará a Caiena; não me detive em caminho senão o tempo necessário para completar a equipagem dos índios. O padre missionário de Senamary me arranjou o maior número, pesar do terror pânico duma contágio imaginária em Suriname, cujo boato se espalhara entre eles. Deduzindo o tempo das demoras voluntárias e forçadas, fiz em sessenta e poucas horas o trajeto de Caiena ao rio Suriname, onde entrei a 27.

No dia 28, subi pelo rio cinco léguas, e me achei em Paramaribo, capital da colônia holandesa de Suriname, cujo governador ultrapassou nas realizações as suas ofertas cativantes. Aí observei a latitude de 5^o49' setentrional, e fiz algumas outras observações durante os cinco dias de permanência. Embarquei aos 3 de setembro num navio mercante que partia para Amsterdã.

No dia 29 o mau tempo me dispensou de exhibir meus passaportes a um corsário inglês, que o teria pouco respeitado aparentemente, pois que sob o pavilhão holandês ele descarregou toda a sua carga de balas, para nos pôr a chalupa a pique.

No dia 6 de novembro, à entrada da Mancha, e por uma forte tempestade, um corsário de S. Malo nos fez a mesma proposição, porém mais politicamente; e, havendo-se aproximado a alcance da voz, ele se contentou finalmente com a segurança que eu lhe dei, fazendo-me reconhecer que conosco perderia seu tempo. Embarcamos no dia 16 à entrada do Texel, um piloto costeiro, para nos conduzir ao porto; mas obrigados de fugir à terra que buscávamos, erramos durante os quinze dias mais curtos do ano, e por nevoeiros contínuos, sempre com a sonda na mão, num mar cheio de baixios e escolhos. Vimos uma noite os fogos de Scheveling, que nunca se lorigam impunemente; reconhecemos enfim a terra de Vlieland, ao passo que os pilotos se julgavam por seus indícios à vista de Texel. No dia 30 de novembro à tarde, desembarquei em Amsterdã, onde me demorei, e em Haia, mais de dois meses, esperando os passaportes que me eram necessários para atravessar os Países-Baixos, com segurança. Devo-os os de Inglaterra à delicadeza de M. Trevor, ministro dessa Coroa, que os concedeu sem dificuldade a M. l'Abbé de la Ville, ministro de França; devo os da rainha da Hungria aos bons ofícios do Conde M. De Bentink. Enfim, aos 23 de fevereiro deste ano de 1745, cheguei a Paris, perto de dez anos depois de minha ausência.



.....

Privilégio do Rei

Luís, pela graça de Deus, rei de França e Navarra: a nossos amados e fiéis conselheiros, membros da corte do Parlamento, referendários ordinários do nosso Paço, grande Conselho, deão de Paris, bailios, senescais, seus lugar-tenentes civis, e outros membros da Justiça a quem competir, SAÚDE. Nossa Academia Real das Ciências nos expôs muito humildemente que, tendo Nós querido dar-lhe por um regulamento recente novas provas de nossa afeição, ela se dedicou com mais cuidado a cultivar as ciências que são o objeto de suas atividades; de sorte que além das obras que ela já deu ao público, poderia produzir ainda outras, se fôssemos servido dar-lhe novas Cartas de Privilégio, uma vez que as que Nós lhe concedemos em data de 6 de abril de 1693, não tendo tido tempo delimitado, foram declaradas nulas por uma sentença de nosso Conselho de Estado de 13 de agosto de 1704, as de 1713, e as de 1717, e por isso expiradas; e desejando dar a toda nossa Academia, e em particular a cada um dos que a compõem, todas as facilidades e meios que possam contribuir a tornar-lhes os trabalhos úteis ao público – Nós tínhamos permitido e permitimos, por este instrumento, à nossa dita Academia, fazer vender ou debitar em todos os lugares de nosso domínio, pelo impressor ou livraria que ela escolher, todas as buscas ou observações cotidianas, ou relações anuais de tudo o que se tiver feito nas assembléias de nossa Academia Real das Ciências, como também as obras,

memórias ou tratados, de cada um dos membros que a compõem e em geral tudo o que a dita Academia quiser divulgar, depois de ter examinado as ditas obras, e ter julgado que são dignas de impressão, e isso durante o tempo e espaço de quinze anos consecutivos, a contar do dia da data deste instrumento. Vedamos a toda pessoa, de qualquer qualidade e condição que seja, introduzir impressão estrangeira em qualquer lugar de nossos domínios: como ainda a todos os livreiros impressores, e outros, imprimir, mandar imprimir, vender, mandar vender, debitar ou contrafazer qualquer das ditas obras acima especificadas, no todo ou em parte, ou fazer quaisquer extratos, sob pretexto algum, ou aumentar, ou corrigir, mudar de título, ou publicar folhas avulsas ou de outro modo, sem a permissão expressa e por escrito de nossa Academia, ou daqueles que a representarem; e no caso de infração, condenados à confiscação dos exemplares contrafeitos, à multa de dez mil libras contra cada um dos contraventores, multa de que nos tocará um terço, ao Hospital de Paris outro terço, e o outro ao denunciador, e ao pagamento de todas as despesas, prejuízos e custas: e para isso, este instrumento será registrado em toda a sua extensão no Registro da Comunidade dos Impressores e Livreiros de Paris dentro de três meses da data; a impressão das referidas obras será feita no nosso Reino e não alhures, e a nossa Academia se conformará em tudo aos Regulamentos da Livraria, e notadamente ao de 10 de abril de 1723; e antes de os expor à venda, os manuscritos ou impressos que tenham servido de originais para a impressão serão entregues como estiverem, com as aprovações e certificados que tiverem sido dados, às mãos de nosso muito caro e fiel Cavalheiro Guarda dos Selos de França, o Sieur Chauvelin; e serão em seguida enviados dois exemplares de cada obra para a nossa Biblioteca Pública, um para a do nosso castelo do Louvre, e um para a do nosso muito caro e leal Cavalheiro Guarda dos Selos de França, o Sieur Chauvelin, sob pena de nulidade deste instrumento, de cujo conteúdo vos mandamos e ordenamos fazer gozar a nossa Academia, ou aqueles que a representarem, plena e pacificamente, sem admitir que lhe seja feita qualquer perturbação ou impedimento; queremos que a cópia deste instrumento seja impressa por extenso no começo e no fim das ditas obras, e considerada devidamente notificada; e que às cópias conferidas por um de nossos amados e fiéis conselheiros e secretários se dê fé como ao original; ordenamos ao nosso primeiro alguazil, ou sargento,

fazer, para a execução deste, todos os atos requeridos e necessários, sem pedir outra permissão, independente de intimação judiciária, carta normanda, e cartas contrárias; pois esta é a nossa vontade. Lavrado em Fontainebleau, aos doze dias do mês de novembro do ano da graça de mil e setecentos e trinta e quatro, e vigésimo de nosso reino. Pelo Rei, em seu Conselho,

(as.) Sainson

Registrado no Registro VIII da Câmara Real e Sindical dos Livreiros e Impressores de Paris, nº 792, f. 775, conforme os regulamentos de 1723, que fazem proibição, art. IV, a todas as pessoas de qualquer qualidade e condição, além dos livreiros e impressores, de vender em seu nome, quer se digam autores ou outra coisa, encarregados de fornecer os exemplares prescritos pelo art. CVIII do mesmo regulamento. Paris, 15 de novembro de 1734.

(as.) G. Martin, *síndico*.

APÊNDICE I

Carta a Madame *** sobre o motim popular excitado na cidade de Cuenca, no Peru, no dia 29 de agosto de 1739, contra os acadêmicos das ciências enviados para a medição da Terra

Audeat ille (palam), qui vidit, dicere vidi.

*(Juvenal., Sat. XVI)*⁶⁴

MDCCXLVI

64 “Ouse em público, aquele que viu, dizer ‘eu vi’.” A transcrição não é textual, mas extraída destes dois versos: “Da testem, judex quum dixerit, audeat ille nescio quis, pugnos qui vidit, dicere: vuidi.” (V. 29-30.)

.....
*Carta a Madame ****

*Sobre a revolta popular excitada em Cuenca do Peru, no dia 29 de agosto de 1739, onde foi assassinado Jean Seniergues, cirurgião do Rei, nomeado para acompanhar os membros da Academia das Ciências, enviados pelo rei, em 1735, a medir os graus terrestres sob o Equador*⁶⁵

As questões que me fizestes, Madame, no tocante à morte trágica de nosso cirurgião, e à revolta popular em que todos pensamos perecer, foram-me renovadas por quase cada pessoa que encontrei desde meu regresso a Paris. Prometi-vos responder a elas por escrito, para satisfazer mais cabalmente a vossa curiosidade, e disso me desobrigo com tanto maior prazer quanto ao vos satisfazer, poupo-me o trabalho de repetir a mesma história a todos os que me crivarem das mesmas perguntas. Por isso consinto em que seja aberta a minha carta. É um ensaio que apresento ao leitor: é, por assim dizer, um capítulo antecipado duma “Relação histórica de nossa viagem”,

65 O autor diz “Cuenca do Peru” e não “Cuenca do Equador”, porque a atual república deste nome não passava então de um departamento (governo, província ou audiência) do vice-reino do Peru, o segundo (o primeiro foi o da Nova Espanha, criado no México em 1534) constituído por Carlos V (que era Carlos I da Espanha) no Novo Mundo (em 1542). O vice-reino do Peru desmembrou-se em quatro nações: Peru, Equador, Bolívia (antigo Alto Peru) e Chile. Sabe-se que La Condamine se interessou, com o mais vivo empenho, pela punição dos culpados da morte violenta do Dr. Jean Seniergues, em Cuenca, havendo para isso recorrido ao prestígio de que gozava ali perante aos juízes, do oficial da armada espanhola, D. Jorge Santacilia, apesar de alguns desaguisados que tiveram por motivo de trabalhos da comissão científica. Os dois capitães da marinha de guerra castelhana (o acima citado e seu companheiro D. Antonio de Ulloa) também apresentaram ao governo de Filipe V um relato dos acontecimentos de Cuenca. Assim, quem quiser julgar o episódio com esclarecida imparcialidade, fica inteirado de como e onde aplicar o princípio *audiatur et altera pars*. (Nota de B. de M.)

para o qual um “Diário”, escrito com assiduidade durante dez anos, me forneceria um número bastante grande de assuntos, se eu tivesse jamais a coragem e o lazer de os pôr em fôrma.

Os rumores que se espalharam em Paris, a propósito do acontecimento que ensaio relatar-vos, não são, Madame, nem mais estranhos nem ridículos do que os que correram sobre as causas de minha demora na América. Ficamos tão acostumados, de há dez anos, a ouvir atribuir tantas extravagâncias à nossa passagem por diversos lugares, e tantas puerilidades, e mesmo absurdos sobre o objeto de nossa viagem e tudo o que a ela se relacionava, que o apregoado a duas mil léguas de nós não nos pôde causar o menor espanto.

Nada afirmarei aqui que não seja conforme às peças do processo criminal que acompanhei na qualidade de executor testamentário contra os assassinos da vítima. Todos ficarão sem dúvida surpreendidos ao ver o direito das gentes violado, quer em si, quer na pessoa dos académicos enviados pelo rei⁶⁶ e munidos dos passaportes mais solenes, e das ordens mais precisas e mais favoráveis de Sua Majestade Católica. M. Bouguer e eu estivemos ambos expostos a um perigo iminente, de que nenhum de nós pôde eximir-se, nem mesmo os dois lugar-tenentes nomeados pela corte de Espanha para assistirem às nossas observações. Ninguém pode, entretanto, reprochar-nos de haver dado, por nossa conduta, o menor pretexto a tais violências, pois que, se excetuarmos o falecido, não há no processo a menor queixa contra qualquer dos franceses de nossa companhia.

No fim de agosto de 1739 estávamos todos reunidos em Cuenca, cidade da Província de Quito, no Peru, sob a dominação do rei de Espanha, e chegávamos de avaliar nos arredores, pela medida atual de um terreno de duas léguas, a medida de oitenta léguas de campos atravessados pelo nosso meridiano. Quando nos preparávamos para a observação astronômica que nos restava fazer para terminar nosso trabalho, fomos convida-

66 MM. Godin e de La Condamine, da Academia das Ciências, enviados em 1735, para a Linha Equinocial, para a medição da Terra.

dos a uma corrida de touros, festa outrora muito em voga na Espanha, e cujo gosto se conservou muito vivo nas colônias espanholas da América. O espetáculo devia durar cinco dias consecutivos; uma das praças da cidade destina a servir-lhe de teatro, foi-o de fato para a triste aventura do infeliz Seniergues. Mas é preciso começar um pouco antes.

M. Seniergues precedera alguns dias a chegada do resto da companhia a Cuenca, e aí já fizera reputação por sua habilidade e desinteresse. Ainda ecoava a fama de caridades que ele praticava entre os pobres enfermos que a ele recorriam, e sua memória foi respeitada neste particular, mesmo por seus caluniadores. Havia doze ou quinze dias que fora ele chamado a casa de um particular, atacado de febre maligna, e a moléstia começava a ceder. Manuela Quesada, filha desse burguês, tinha um compromisso de casamento com um tal Diego de León, que depois a abandonou, para desposar a filha de um alcaide, magistrado ânua, da política da cidade. León, para levantar o embargo oposto por Manuela ao seu casamento, resolveu pagar-lhe certa soma; mas a oposição se dissipou, e o casamento veio a celebrar-se, sem que ele sonhasse em quitar-se do compromisso. Seniergues, solicitado pelo pai e mais a filha, que eram pobres, e não estavam em condições de pagar os trabalhos e remédios, fez alguns passos por conseguir a soma pretendida por León. Como a moça era jovem e bela, não faltou quem suspeitasse que ele tinha algum outro interesse que o da compaixão. Ao mesmo tempo, uma negra, escrava de León, tendo ido buscar certas alfaias que o senhor dera à moça, quando a freqüentava, não só a maltratou fisicamente, como vomitou contra Seniergues muitas injúrias. A cena foi pública, e ele pediu explicações de semelhante procedimento a León, que, desaprovando a escrava, recusou com altivez castigá-la. Dois dias após, Seniergues deteve León numa esquina, e quis pôr-lhe a espada na mão; este, como resposta, puxou de uma pistolazinha pronto a atirar, o que não impediu Seniergues de crescer para ele de sabre alçado; mas com tanta precipitação o fez que deu um passo em falso, e caiu; os que acompanhavam León se lançaram de permeio e os separaram. Essa atitude violenta de Seniergues foi o maior de todos os seus erros, e a origem de sua desgraça; os outros fatos a que a quiseram atribuir, ou são falsos, ou desvirtuados, ou inteiramente estranhos ao caso; era bem necessário aos assassinos alegar qualquer coisa, verdadeira ou falsa, para atenuar o crime. Se alguém duvidar de qualquer

dos fatos que afirmo, pode assegurar, Madame, que estou pronto a exhibir-lhe as provas literais, como seja a cópia autenticada de todas as peças do processo que tenho em mãos.

As coisas estavam nesse pé, quando um padre jesuíta⁶⁷ empreendeu reconciliar Seniergues com León. Esse sacerdote, que era da mesma província de Espanha que D. Jorge Juan, o mais antigo dos dois capitães de marinha, nossos adjuntos, comprometeu-se a levar Seniergues a sua casa, a certa hora aprazada; Seniergues não pôde recusar a D. Jorge este sinal de acatamento, e apresentou-se. Um cavalheiro da cidade, chamado Neyra, amigo de Seniergues e aliado de León, encarregou-se de ir com este; mas Neyra faltou à palavra, e não mandou mesmo pedir desculpas: o que ele não poderia fazer, sem marcar novo encontro. Esta omissão, acrescida pelo concurso de diversas outras circunstâncias, deram depois motivo de crer que já então a perda de Seniergues estava tramada. Ele não andava daí por diante senão bem armado.

O grão-vigário do bispo de Quito,⁶⁸ residente em Cuenca, foi o promotor do assassinio de Seniergues, e do tumulto excitado contra a companhia dos acadêmicos, e é preciso que conheçais esta personagem. Este eclesiástico brigão, sempre às voltas com o seu clero, e com os juizes laicos, era universalmente odiado. Não tendo outra virtude mais que uma grande indiferença ao sexo, persuadiu-lhe o fanatismo que ele podia impunemente entregar-se às outras paixões. Casando com León a filha do alcaide D. Sebastián Serrano, aliás seu amigo e parente, ele associou-se aos mesmos interesses, e se declarou grandemente inimigo de Seniergues, até ao ponto de intimar juridicamente o juiz ordinário a fazê-lo prender; não alcançando isso, ele começou a acusar criminalmente Seniergues, como concubino público de Manuela.

Pelo retrato que acabo de fazer do grão-vigário, talvez ficareis inclinada a crer que ele se deixava arrastar a gestos tão estranhos movido por um zelo cego e mal-entendido; mas sabeis que esse homem, tão cuidadoso aparentemente, fora mais de um ano a testemunha tranqüila, com o resto da cidade, do comércio escandaloso de León, com a moça referida, essa mesma Manuela que León tinha seduzido com promessas de casamento, dando-lhe

67 O reverendo P. Antonio de Salas.

68 D. Juan Ximenes Crespo.

por penhor de sua palavra diversas jóias do tesouro de uma igreja de que ele era provedor; e para acabar de convencer-vos que o grão-vigário tinha dois pesos e duas medidas, notai que é o mesmo homem que por um lado vem despojá-lo voluntariamente da jurisdição, para fazer-se mediador entre León e Manuela, que legitimamente se opunha diante dele ao casamento, e que por outro viola todos os preceitos, procedendo criminalmente e ex-officio – ele, juiz eclesiástico –, contra um juiz laico, contra um estrangeiro provido de imunidade, membro de uma companhia que gozava de proteção e recomendação particular e especial do soberano, contra um recém-chegado que não havia entrado senão há poucos dias numa casa, donde não lhe tinham sequer insinuado que se retirasse, e que por conseqüência não provocara nenhum escândalo; enfim, contra um homem que estava prestes a regressar, pois que tinha solenemente recusado empreender novas curas, que se lhe ofereceram, fatos que eram públicos num lugar tão pequeno como Cuenca.

No quinto e último dia das corridas de touro, Seniergues, justamente ofendido com os processos do grão-vigário, cujos furores e ameaça desprezava, depois de ter longo tempo passeado pela praça e de ter aparecido nos diversos camarotes que foram construídos para a comodidade dos espectadores, passou por aquele em que estava Manuela com toda a família: foi a primeira vez que esteve junto dela em público; imprudência, se quiserdes, mas que não era de natureza a custar-lhe a vida.

Durante esse tempo, o pai de Manuela, agora convalescente, passeava pela praça, com uma longa espada nua, e entrajado numa máscara ridícula, como muitos outros de sua espécie. Ele encontrou um parente seu, mais ou menos com a mesma indumentária, e tiveram juntos uma cena cômica, cruzando as espadas, e fingindo baterem-se. Manuela, que reconheceu de longe o pai por um manto vermelho que Seniergues lhe havia emprestado, vendo-o a renhir com outro mascarado, gritou que lhe matavam o pai; Seniergues pensou que León estivesse a indultar Quesada, confundindo-o com ele por causa do manto, e correu prontamente para o campo de batalha, de espada na mão; mas, advertido pelo próprio Quesada de que não se tratava senão de uma brincadeira com um primo, voltou tranqüilamente ao seu lugar de espectador. Todos estes fatos ficaram provados no processo, pelo depoimento dos próprios protagonistas, e das testemunhas, sem nenhuma contradição; e não entro nestas minúcias senão porque pu-

blicaram que Serniergues se faz matar, querendo subtrair à força um prisioneiro das mãos da Justiça, e porque esse fato absolutamente falso, e formalmente desmentido pelas testemunhas, não deixou de ser transmitido como verdadeiro, num relato feito às pressas e enviado à Espanha e à França ao mesmo tempo. Os autores, mal informados, depois reconheceram a falsidade disso. Mas a coisa estava feita, e a maior parte daqueles que ouviram falar deste caso não foram depois reinformados da falsidade.

É certo que, dando crédito à verossimilhança, é mais fácil imaginar um jovem impetuoso a fazer-se matar por arqueiros, querendo-lhes arrebatrar uma presa, do que um juiz, ou magistrado encarregado de velar pela segurança pública, a chegar de sangue-frio, à frente de uma população armada, para atacar um estrangeiro com imunidades, quietamente sentado, e sem desconfiar que, violando o direito das gentes e os princípios de humanidade, assim o entregam ao furor do povo; mas aqui não se trata de um romance, onde o autor não pode afastar-se do verossímil: é um fato o que eu vos conto, e um fato que passou aos olhos de quatro mil espectadores.

Seniergues tinha apenas retomado o seu lugar, quando Neyra (aquele que, faltando à véspera ao encontro, tinha feito gorar-se a reconciliação proposta) atravessou a praça num cavalo ricamente arreado, para representar um papel no Bailado dos Cavalos à Mourisca; e ele mesmo era o dirigente. Ele foi direto ao balcão do canto da praça, onde estava uma grande parte de nossa companhia, e aí, dirigindo a palavra aos dois capitães de marinha espanhóis, fez, alto e bom som, e sem apelar, grandes queixas contra Seniergues, acusando-o de perturbar a festa, e pedindo-lhes que tratassem de policiar a praça. Em seguida, passou sob o camarote de Seniergues, e parecendo não ter outro fito senão irritá-lo, gritou-lhe que não era medroso, e que León não se importava com ele. Este aviso extemporâneo teve o mérito de esquentar a bile de Seniergues, muito justamente indignado contra Neyra, que fizera profissão de ser seu amigo, e que escarnecera na véspera dele e dos mediadores, e que vinha agora queixar-se dele sem o ter prevenido. Seniergues não pôde conter-se, ofendeu-o com palavras, e mesmo o ameaçou. Este, tomado de pavor, apesar de montar vantajosamente, e livre de insulto dum homem que estava entre bancos dum palanque de sete a oito pés de altura, virou as rédeas e fugiu a bom galope. Os condutores dos touros, os que se aprestavam a combatê-los, os homens da cavalgada, todos

esperaram o chefe fora da praça; Neyra desmontou, e anunciou-lhes que Seniergues o queria matar; ele e todos os demais se retirariam para casa: enfim, não haveria mais corrida de touros.

Não era preciso mais para enfurecer o povo, que cerca o capitão gritando: “Viva o rei; abaixo o mau governo; morram os franceses! etc.” Lançaram mil outros gritos sediciosos. Reúnem-se em torno de Neyra duzentos ou trezentos homens; e alguns calculam em mais de quinhentos. E, o que é digno de notar, toda essa tropa está armada como por encanto de lanças, espadas e fundas, e alguns até com armas de fogo, que não eram certamente destinadas a atacar os touros. Neyra os encabeça, com uma pistola numa das mãos, e uma espada chamada *verdugillo* na outra, arma proibida pelas leis, por produzir ferimentos quase sempre incuráveis. O batalhão marcha firme sobre o camarote de Seniergues.

Enquanto o grupo se formava, e Neyra arengava à população, D. Jorge Juan, o mais antigo dos dois capitães, e M. Godin desceram de seu balcão, e perguntaram a Seniergues que razão Neyra tinha tido para queixar-se de que ele perturbava a festa: Seniergues, sentado no seu camarote, deu-lhes conta da mascarada de Quesada e do combate burlesco em que intervieram para separar os combatentes. Não vendo nada que pudesse alarmá-los, em lugar de instar com Seniergues para ir-se com eles, deixaram-no com a sua companhia, e julgando que o rumor no canto da praça era a entrada de um touro, eles retiraram-se para a extremidade oposta. Era Neyra com a coorte; era o alcaide Serrano, que, saindo do camarote do grão-vigário sob pretexto de apaziguar o tumulto, se juntara a Neyra, e como ele, de espada e pistola não mão, avançava na vanguarda do populacho amotinado, pedindo socorro de justiça. Nenhuma das pessoas de destaque, algumas das quais participavam da cavalgada, quis engrossar o tropel; pelo contrário, o Major da cidade,⁶⁹ aliado de Neyra e de León, correu ao encontro dos sediciosos, e fez carga a golpes de espada; conteve-os sozinho durante alguns momentos, e os impediria de exceder-se se tivesse sido um pouquinho secundado. Neyra só foi seguido da canalha, e só foi aplaudido pelo grão-vigário que lhe enviou o alcaide como reforço, ao passo que ele e León

69 D. Matías de la Calle.

ficaram de longe, mudas testemunhas da cena de sangue, cujos autores intelectuais eram.

Blasfemando contra a Majestade real, com gritos tumultuosos de morte e anátema aos franceses, a multidão conduzida pelo alcaide chega junto do camarote de Seniergues, e o próprio alcaide lhe ordena que se considere preso. A continuação fará ver se uma resposta humilhante seria melhor para ele. Seniergues pergunta ao alcaide quem é ele para lhe dar semelhante voz, e que autoridade tinha ele; mas vendo que tratavam de dismantelar o seu estrado, ele desceu e ofereceu um espetáculo mais singular que o dos touros. Encostado num pilar, com um sabre na mão direita e uma pistola de bolso na esquerda, enfrentou a multidão; ninguém ousou aproximar-se; mas a multidão dos que vieram depois fez que os da dianteira avançassem mais do que eles queriam. Para não ver-se cercado, ele rompe a prudência, e se retira enfrentando sempre os assaltantes, e utilizando o sabre como um montante, aparando os golpes sem tentar fazer nenhum ferimento, e sem deixar-se ferir. Ele havia chegado ao canto da praça, e estava perto do tapume feito para servir de barreira aos touros; sempre acometido de uma saraivada de pedras, não podia garantir a cabeça senão com sacrifício dos braços, e, quando as pedradas redobram, caíram-lhe as armas das mãos. Vendo-se desarmado, ele pensou em retirar-se. Entreabriu a porta que fechava a barreira, e tinha já a cabeça meio corpo fora; neste estado o alcaide podia fazê-lo apanhar sem resistência, se não quisesse senão detê-lo, mas ele julgou azado o momento para levantar a espada, e gritou aos seus satélites: “Matem-no.” Obedeceram muito bem; Seniergues foi logo transpassado de vários ferimentos, e o golpe mortal lhe foi dado, se se dá crédito à voz pública, pelo mesmo Neyra, que lhe chamava “meu caro amigo”.

Quando o tumulto começou, estávamos MM. Bouguer, De Mainville e eu do lado contrário ao camarote de Seniergues, no do cura da igreja de São Sebastião, cuja praça servia de teatro a esta tragédia. O Dr. D. Gregório Vicuña, cura da grande igreja de Cuenca, alguns outros eclesiásticos, e D. Vicente de Luna y Victoria, antigo corregedor da cidade, que mal acabava o tempo de sua função, estavam conosco no mesmo camarote. Nós não suspeitávamos nada, até o momento em que vimos Seniergues descer do camarote para a praça, e perder-se na multidão. Descemos tam-

bém esses senhores e eu. D. Vicente, que nada deteve, tomou a dianteira, enquanto nós nos debatíamos com os eclesiásticos que nos queriam impedir de o seguir; mas eu os arrastava comigo, persuadido de que sua presença acalmaria um povo acostumado a respeitar-lhes as vestes. Mal tínhamos dado alguns passos, tivemos de volta D. Vicente que nos gritava: “Acabou-se, mataram-no”; e de fato Seniergues estava já ferido de morte. Não lhe valeu D. Jorge a salvar-lhe a vida. Este havia descido à praça com M. Godin, antes da peleja, como eu disse; ele pôde ver antes de nós, e de mais perto, o que se tratava; reconheceu o alcaide, e Neyra, que caminhavam à frente dos facciosos, e os viu bem de perto, antes que tivessem investido com Seniergues. Era tempo ainda, e é certo que se D. Jorge tivesse avançado, se teria feito respeitar dos dois chefes do tumulto, pois o conheciam particularmente, e mesmo imaginavam que nós o reconhecíamos por nosso superior e juiz. O povo aliás, sempre escravo do medo, tinha grande respeito a ele, e não esquecera que D. Jorge, dois anos antes, se tinha saído vigorosamente, e livrando um camarada numa situação quase tão perigosa. Mas, por infelicidade de Seniergues, D. Jorge, que se lançava a socorrê-lo, foi detido por alguém que supunha estar-se ele expondo temerariamente. Entretanto Seniergues, malgrado os ferimentos, tinha ganhado aquela casa da esquina da praça onde se achava uma parte de nós, franceses; mas, entrando no pátio, sempre perseguido pelos assassinos, foi derribado e pisado, e o generoso alcaide lhe ia disparar a pistola na cabeça se um padre,⁷⁰ que se achava aí, o não impedisse. Não se pode imputar uma ação tão covarde e atroz a um incontido movimento de cólera e vingança, pois que esse mesmo alcaide disse em altas vozes, três dias após, e com todo o sangue-frio (o fato ficou demonstrado no processo), que todo o seu pesar era não ter levado o ferido, quando o transportavam, para junto dos seus camaradas, para ser estrangulado na prisão, de modo sumário. Não imagineis por isso, Madame, que a desumanidade seja um apanágio do título de alcaide. Um outro cidadão, outrora revestido do mesmo cargo,⁷¹ tomou o ferido nos braços, impediu o povo de o liquidar, ajudou a levá-lo até o leito. Durante esse tempo, a população irritada escalava, aos olhos de Serrano, o camarote onde estava o resto de

70 D. Melchior Cotes.

71 D. Sebastião de la Madriz.

nossa Companhia, e o segundo-tenente de marinha espanhol D. Antonio de Ulloa; e eles foram obrigados de retirar a escada para ficarem garantidos. Por outro lado, o grão-vigário, cujo furor contra Seniergues degenerara em horror à nação francesa, vendo sair da igreja do S. Sacramento que se levava ao ferido, gritava em altas vozes: “De que servem os sacramentos a hereges?”, nome que o vulgo, entre os espanhóis, prodiga a todos quantos não trazem um rosário pendente do pescoço. Pode-se avaliar do efeito que fazia tal discurso num povo irritado, e que se via então autorizado pelo magistrado encarregado de o reprimir. Entretanto, o grande deão⁷² ou alcaide provincial, chefe da casa que queriam escalar, afastou com sua autoridade a primeira leva dos assaltantes, e já conduziam o ferido a sua casa, cercado de eclesiásticos e religiosos, precedido do viático e seguido de uma parte de nós outros. Nós nos afastamos então, M. Bouguer e eu, por outra rua, e tomávamos a dianteira para preparar tudo em casa de Seniergues, e para impedir a multidão de lá entrar. Entretanto, na primeira volta deparou-se-nos um troço de pessoas armadas. Confesso que prevenido de que não assassinavam a sangue-frio, e sem pretexto, não avalei então toda a extensão do perigo, como depois me fizeram ver. Eu avancei sem temor, buscando descobrir o chefe do bando, e perguntando firme sob cujas ordens ele era dirigido. O alcaide, que eu não conhecia, não me respondeu, e eclipsou-se na multidão; então as pedras nos atingiram, e já as espadas se nos aproximavam bem de perto. Eu não tive senão que dar alguns passos para trás para voltar à esquina da rua onde acabava de deixar o resto de nossa companhia, que fazia o cortejo ao ferido. Vendo-nos perseguido pela população furiosa, e achando-nos alcance da casa o cura da grande igreja, pareceu-nos a todos que aí nos devíamos recolher em segurança, ao passo que M. De Jussieu, nosso médico, e eu fizemos entrar a maca do ferido na casa fronteira, que era a minha, e onde o acompanhamos ajudados pelo P. reitor dos jesuítas,⁷³ chamado pelo moribundo. Este padre fez fechar e escorar por dentro a porta que queriam forçar, ao passo que o seu companheiro,⁷⁴ seguindo os passos do cura, favorecia a entrada de M. Bouguer a tempo bastante de evitar-lhe um

72 D. Nicolau Palacios y Cevallos.

73 O reverendo P. Jerónimo de Herzé

74 O reverendo P. Félix Moreno.

golpe de espada que lhe deram por trás. O mesmo religioso, com o socorro dos familiares do cura, teve ainda muito trabalho para enxotar do pátio a multidão que aí penetrara, e o próprio alcaide, que ele ajudava a sair quase sem querer, dizendo-lhe: “Vamos, Sr. Alcaide; toda essa canalha o acompanha. Não percebe que a sua presença estraga tudo aqui?”

León não tomara nenhuma parte em aparência nos acontecimentos da Praça de São Sebastião. Num movimento de pavor, ele se refugiara mesmo na igreja; mas depois que recebeu na porta os cumprimentos dos amigos e assassinos, que o felicitavam pela morte de Seniergues, a coragem lhe voltou. León apareceu, logo, manejando um espontão, à frente dum outro grupo de sediciosos, na grande praça. O cura da igreja maior, o antigo corregedor, e o lugar-tenente do corregedor atual, na ausência deste, fizeram grandes manobras para deter o progresso deste novo tumulto. Este fez publicar um edital proibindo a reunião de mais de três pessoas; impôs a princípio penas aflitivas, mas os sediciosos o obrigaram a reformar o edital, gritando que eles não tinham feito outra coisa senão obedecer ao alcaide. O mesmo lugar-tenente distribuiu na noite seguinte sentinelas por diversos bairros; e, sem embargo dessas precauções, foi obrigado a prometer ao povo, para o acalmar, que os franceses sairiam da cidade dentro de vinte e quatro horas. Seniergues fez no mesmo dia suas disposições, e morreu quatro dias após, na minha cama.

O juiz ordinário que dentro de vinte e quatro horas recebeu a declaração do moribundo, e fez o processo verbal de seus ferimentos, teve a culpável complacência de ausentar-se no dia seguinte, para deixar o campo livre ao alcaide Serrano e a Neyra, que, ainda tintos do sangue de Seniergues, tiveram a audácia de lhe instaurar um processo, e de se comportarem um como juiz, e o outro como testemunha na informação. M. Bouguer e eu introduzimos a 1º de setembro uma queixa-crime, pedindo permissão para informar contra os autores do tumulto, e notadamente contra os que nos tinham atacado e perseguido a mão armada. Introduzi uma outra queixa contra os assassinos, com M. De Jussieu, ambos na qualidade de executores testamentários do defunto, e em honra de sua memória. M. Godin pediu permissão para informar da maneira como se comportara nossa companhia nessa ocasião. Todas essas queixas foram apresentadas a D. Matías Dávila, corregedor atual, que voltara a Cuenca ao primeiro aviso do tumulto. O

juiz mostrou primeiro muito vigor, e quis mandar prender os culpáveis; mas de repente essa energia se relaxou. Devo fazer justiça a sua inteireza e boas intenções; ele foi retido por aqueles que naturalmente o deveriam ajudar. Temia-se, ou fingia-se temer um novo levante. Enfim, o corregedor fez somente ex-ofício um sumário secreto, que não agradou aos parentes da mulher, aliados dos culpáveis. Ele o enviou a Quito, e foi a base de todo o processo.

Diversos outros juízes nomeados sucessivamente, uns se escusaram, e outros fizeram *démarches* contraditórias e absurdas: um deles, homem apontado como cúmplice de um assassinio, de que nunca se lavou bem, solicitou a comissão, obteve-a, e apesar de que foi recusado em boa forma, depôs, mas somente contra o defunto, e não contra os homicidas. Baseado em simples alegações de fatos caluniosos, e provados como tais, ele deu ordem de prisão ao morto, três meses após o trespassse. A ordem está no processo, assim como as cartas ameaçadoras e inúteis, e as ordens também infrutíferas dos vice-reis de Lima e de Santa Fé⁷⁵ dirigidas ao parlamento de Quito, para que um dos conselheiros dessa corte se transferisse de Quito a Cuenca, para aí colher as informações necessárias. Entretanto, sobre as primeiras informações colhidas pelo corregedor de Cuenca, o procurador-geral do parlamento de Quito concluiu pela morte dos assassinos de Seniergues, e o mesmo corregedor teve ordem secreta de prendê-los; mas eles tiveram tempo de escapar-se na maioria. Somente León foi detido, e posto em prisão em Cuenca, donde, sob pretexto de enfermidade, atestada por charlatães, que expunham coisas tão falsas quanto ridículas, e por falta de dinheiro (apesar de que todos os bens dos culpáveis foram confiscados), ele nunca foi transferido para Quito; enfim, depois de três anos de processo acompanhado por mim sem descanso, depois de se formar um volume infólio de perto de mil páginas, os principais culpáveis, o alcaide Serrano, Neyra e León, fugitivos desde o primeiro decreto, qualificados nas conclusões do procurador-geral como perturbadores da tranqüilidade pública, e criminosos de lesa-majestade, e contra os quais o próprio ministro da Vin-

75 Os de Santa Fé, desde 1740, quando a província de Quito foi desmembrada do Vice-Reinado do Peru, e agregada ao novo reino de Granada.

gança Pública tinha pedido a morte, a confiscação dos bens, e preliminarmente contra um deles veio a condenação; mas o que é digno da maior atenção, foram condenados à revelia, a oito anos de banimento, com dois homens do povoado. Apesar de muito contentes com essa sentença, nenhum obedeceu, e eles não esperaram senão o momento de minha partida para se apresentarem ante os mesmos juizes, e se fazerem absolver inteiramente, como o foram sem dúvida hoje.

Quero crer que, visto o pouco acordo de algumas testemunhas, e o silêncio do maior número a respeito do nome daquele que deu o ferimento mortal em Seniergues, Neyra (que se retirou a mesma tarde para uma igreja, e que se gabava publicamente de o haver matado) não foi suficientemente convencido do assassinio; mas quanto aos outros fatos, como o ter levantado a população, e ter marchado à frente dos sediciosos, em lugar de o conter, e ter dado graças publicamente aos assassinos, a prova foi cabal contra Neyra, Serrano e León. Aliás a continuação do levante contra toda a Companhia Francesa, e em particular contra M. Bouguer e mim, e o risco evidente que todos corremos, foram de tal notoriedade pública que as testemunhas mais apaixonadas não puderam espalhar sobre tais fatos a menor nuvem. Em toda parte, um acusado que foge, em lugar de comparecer diante do juiz (é o que se chama revelia), é considerado culpável do crime de que é acusado, e condenado como convicto; com mais forte razão é assim quando há, além das suspeitas, indícios e provas reais. Todas as jurisprudências são uniformes neste ponto, e a lei de Espanha nomeadamente aí é expressa. Havia pois no caso vertente muito mais do que era preciso para chegar às conclusões do procurador-geral. Como pois é possível, direis vós, que licenciados em direito, que juizes de um tribunal superior que dão sentenças em nome do soberano, hajam julgado tão evidentemente contra a lei, que lhes devia servir de regra? Perguntai-me ainda outras coisas, Madame. Perguntai-me como é possível que nunca tenham feito justiça baseada nos requerimentos meu e de M. Bouguer, onde pedíamos permissão para informar sobre a sedição excitada contra nós pessoalmente, e contra o resto de nossa companhia? Como não se fez o menor inquérito contra ao que deu um golpe de espada em M. Bouguer pelas costas, apesar de que toda Cuenca o nomeasse em voz alta? Como é que pessoas que ousam usurpar o nome respeitável de juiz se mostraram tão pouco atentas que confundiram na

sentença dois dos principais culpáveis, e deles fizeram apenas um? Perguntai-me enfim por que o bispo de Quito não mandou concluir o inquérito jurídico instaurado contra o grão-vigário de Cuenca, e não respondeu a nenhum dos quesitos que lhe apresentei, para que a questão pudesse seguir os trâmites de direito? Ser-me-ia muito mais cômodo fornecer assunto a novas perguntas desta espécie, do que responder a elas. Creereis talvez que estou brincando se vos disser que as solicitações de um homem de consideração no país, a quem o irmão do alcaide fugitivo emprestou umas mulas numa ocasião embaraçosa, bastou para inocentar os culpáveis, e até mesmo para demorar a ação do procurador-geral. Direis que isso parece incrível. Convenho convosco que o fato não é verossímil, pois vo-lo dou por verdadeiro. Uma outra razão, que não vos parecerá talvez muito séria, e que entretanto não foi somenos numa sentença tão singular, é que há muita distância entre Quito e Madri. Deixo-vos a liberdade de comentário. Contudo é certo que, por mais acostumado que se esteja na América espanhola a ver terminadas as pendengas antes que seja dada a decisão da Corte; a singularidade do caso, todas as circunstâncias, e sobretudo a recomendação formal e positiva de S. Majestade Católica nos seus passaportes a todos os governadores, presidentes, juizes, etc.; enfim, a certeza de que ninguém duvidava que a corte de França defenderia os interesses dos acadêmicos, que encarregados pelo Rei, seu senhor, duma comissão útil a todas as nações, estavam nas vésperas de achar, como prêmio de seus trabalhos, uma morte que bem cedo a calúnia faria passar por desonrosa e justamente merecida; tudo isso persuadia que se haviam de ver, em breve, ordens fulminantes da Corte de Espanha. Citavam-se exemplos em que, por faltas menores, cidades da América vieram a perder seus privilégios, e todos os ministros de uma audiência foram apeados: enfim, estávamos todos à espera de um acontecimento extraordinário, e ainda o estamos.

Por outro lado, os culpáveis fizeram tudo para suprimir nossas cartas, escritas em diversas ocasiões, e que não continham senão a relação pouco fiel do que contei, e chegou até a França. Eles temiam tanto que as peças do processo, de que eu trazia cópia autêntica, chegassem a Espanha, que tomaram medidas bem estranhas para o impedir. A doze ou quinze léguas de Cuenca, saindo dessa região, recebi os parabéns por ter tomado

um caminho diferente, e por ter escapado dos emissários dos assassinos de Seniergues, que me esperavam no caminho de Cuenca a Loja, para me fazerem uma surpresa.

Alguém, ouvindo-me há dias falar de tudo isso de modo tão vivo, perguntou-me friamente qual interesse eu tinha ainda nesse caso, e se eu não me havia despedido definitivamente de Quito. Respondi-lhe que sou francês, que amo minha pátria, que me interesso pela Academia, cujo membro me orgulho de ser; que a prova de confiança que me deu Seniergues, com quem eu não tinha nenhuma ligação, e a minha qualidade de executor testamentário, obrigava-me a defender-lhe a memória de calúnias com que a quiseram enegrecer; que não foi pela vontade dos autores do tumulto de Cuenca que deixamos de ser degolados, e que nossa memória não ficou odiosa; que pessoalmente corria ainda o risco de ser assassinado, quatro anos depois, pelos mesmos parciais; que era certo que estamos hoje todos ao abrigo do furor de inimigos tão perigosos, mas que o princípio de não participar senão das coisas presentes, em que se está pessoalmente interessado, tenderia ao subvertimento de toda a sociedade humana.

Ajunto que enquanto estive em país estrangeiro, honrado duma comissão do rei, me acreditei obrigado a defender a honra e os interesses de meu soberano, da nação, e da Academia. Chegado à França, não me resta mais que prestar conta de minhas atividades, e esperar pacientemente o que se resolverá. A cópia do processo feita em boa forma está hoje aqui, depois de ter passado muitos azares. Basta enviá-la ao Conselho de Espanha, onde deve haver já uma. Não é de duvidar que nesse tribunal sério e respeitável, à primeira inspeção, uma sentença lavrada contra todas as regras será logo cassada, e que o respeito devido à recomendação do rei e às ordens de Sua Majestade Católica, violadas em nossas pessoas, com desprezo da nação e da Academia, será plenamente vingado.

Para não dar a esta carta uma extensão demasiada, deixo de rebater diversas calúnias assacadas contra Seniergues, cujas suspeitas foram mesmo aniquiladas pelas informações que fazem parte do processo. Semelhantemente omiti o relato de alguns fatos inteiramente estranhos à morte de Seniergues, minúcias com alguns sinais de maldade no proces-

so já citado. Tal é por exemplo o de se ter a castigar um mestiço insolente que tinha insultado um de nossos oficiais espanhóis, amigo particular de Seniergues, fato em que só se pode reprochar a este o ter, por uma generosidade pouco comum, considerado como negócio seu o que não interessava senão a seu amigo, a quem acompanhava; fato que não tem nada de comum com a desgraça que lhe aconteceu perto de dois meses depois.

Para acabar de desobrigar-me convosco, envio-vos, Madame, um desenho que fiz da praça de Cuenca, onde foi morto Seniergues. Vereis aí o campo de batalha, e a batalha mesma, os principais atores aí estão designados por letras e remissões. Vai anexo um retrato do processo, alguns depoimentos de testemunhas, várias conclusões do procurador-geral do parlamento de Quito, duas cartas dos vice-reis, a sentença final, e algumas outras peças do processo, dignas de vossa curiosidade. Servirão de prova a parte do que afirmei. Pus o texto espanhol numa coluna, e noutra a tradução francesa; poder-se-ão comparar melhor, e julgar da fidelidade.⁷⁶ Para fazer alguma diversão de um assunto tão triste quanto o de minha carta, juntarei às peças justificativas o atestado de que falei mais acima, dado por um médico de Cuenca, a propósito da moléstia de León: ele vos dará idéia do estado da medicina nas colônias espanholas.

76 Fizemos de ambos os textos uma única versão portuguesa, não nos parecendo útil conservar o original castelhano, pessimamente redigido. (Nota desta edição.)

PEÇAS JUSTIFICATIVAS

PARA SERVIR DE PROVA À MAIOR PARTE
DOS FATOS ALEGADOS NA CARTA PRECEDENTE,
EXTRAÍDAS DO PROCESSO CRIME DA MORTE DE JEAN SENIERGUES,
FEITO NA AUDIÊNCIA REAL, OU PARLAMENTO DE QUITO.

MDCCXLV

EXTRATO DOS AUTOS CRIMINAIS PROCESSADOS NA REAL
AUDIÊNCIA DE QUITO, SOBRE A MORTE DE JEAN
SENIERGUES, CIRURGIÃO NOMEADO PARA ASSISTIR AOS
REAIS ACADÊMICOS DAS CIÊNCIAS DE PARIS, ENVIADOS AO
PERU PARA A MEDIÇÃO DA TERRA

*Extrato do sumário feito ex-offício pelo
corregedor de Cuenca, D. Matías Dávila*

Declaração de Jean Seniergues, perante o juiz e o escrivão (f. 48 da cópia dos autos).

Na cidade de Cuenca, no dito dia 30 de agosto de 1739, o dito Jean Seniergues, havendo-o citado eu, o escrivão ..., disse que só no tumulto... conheceu os capitães D. Sebastião Serrano y Mora, alcaide ordinário, e D. Nicolau de Neyra, e que no dito tumulto, apesar de que levava um sabre numa das mãos e na outra uma pistola, com as ditas armas não havia ofendido nem ferido ninguém, porque só as havia sacado em defesa de sua pessoa; e que quando lhe deram as feridas já lhe haviam derribado as armas das mãos com as pedradas que nelas lhe deram. A isso respondeu sendo instado pelo dito senhor (Alferes Real), e quanto ao demais disse que o deixassem sossegar, que não estava disposto, e que tinha perdoado a injúria, e que tampouco estava em estado de poder firmar. Pelo que firmou só S. Mercê, o Sr. Alferes* Real etc.

* Oficial que substitui o alcaide em seus impedimentos.

EXTRATO DAS DECLARAÇÕES DAS TESTEMUNHAS OUVIDAS
NO SUMÁRIO DO CORREGEDOR DA CIDADE DE CUENCA DO PERU.

Testemunha primeira:

D. Sebastião de la Madriz, alcaide ordinário que foi da mesma cidade de Cuenca, ouvido aos oito dias de setembro de 1745, declarou como se segue (f. 51 e seg.):

E depois disto viu que o sargento-mor, D. Matias de la Calle, apressuradamente correu para a porta da praça e tomou da espada de um matachim... com a qual se atravessou na referida passagem, dando golpes, como que para atalhar que alguém entrasse no tumulto; e em tudo isso Seniergues se deixou estar no seu camarote, e o sargento-mor não pôde deter o tumulto, porque atropelando-o empurraram-no para dentro, uns com espadas, outros com espontões e venábulos, outros com pedras, e avançaram para o camarote onde estava o dito Seniergues; e o capitão D. Sebastião Serrano, alcaide ordinário desta cidade, à frente, com uma pistola na mão, e o capitão D. Nicolau (de Neyra), com uma espada ou espadim também na mão, e iam dizendo os do tumulto, segundo ouviu o declarante: “Viva o Rei; morra o mau governo”, e, à vista deste tumulto, desceu Seniergues do camarote com o sabre na mão, e o esperou fazendo frente; o povo investiu com as armas que levava, e Seniergues se defendeu com o sabre, retirando-se e aparando os golpes; nisto lhe deram uma pedrada no braço que tinha o sabre, o fizeram cair no chão; ele logo deitou a fugir, saindo da praça para a rua, e o dito ajuntamento sempre atrás dele, e, ao tempo de sair pela porta, viu o declarante que um moço dos do tumulto lhe atirou um golpe de lança que o trespassou... e chegando à praça viu este declarante um amotinamento de gente plebéia, com tambores e espadas e lanças, como se viessem escoltar a bandeira. E ouviu o declarante de diferentes pessoas, que tendo-se M. Charles de La Condamine, M. Pierre Bouguer, M. Joseph Verguin, e D. Jorge João, retirado mui sossegados para as suas casas, foram atacados por um outro tumulto no caminho, que lhes atirava estocadas e pedras... correndo o dito bando atrás deles; e entrou o dito M. Charles pela sua casa, porque lá um criado seu introduzia carregado nos braços a Seniergues; e os mais referidos entraram em casa de uma pessoa que, por seu estado, não se nomeia (o cura da igreja maior) e atrás deles o

dito alcaide D. Sebastião... com o povilêu, até dentro da referida casa, onde um deles deu por trás em M. Pierre Bouguer, que havia entrado por último, um golpe de espada que não o atingiu; que eles se refugiaram na dita casa, onde duas pessoas (o reitor P. Jerônimo Herse, e seu companheiro o referendo P. Félix Moreno) os encerraram num quarto, etc.

Ratificado em 16 de dezembro de 1740 (f. 592).

Testemunhas segunda e terceira:

Uma falou de oitiva, o outro não quis declarar; não foram confirmadas.

Testemunha quarta:

D. Nicolau Palácios y Cevallos, alcaide provincial e primeiro regedor de Cuenca, declara como se segue aos treze dias de setembro de 1739:

...Viu que vinha um tropel de mais de cem homens armados de espadas, lanças e pedras, e à frente deles o capitão D. Sebastião Serrano y Mora, alcaide ordinário desta cidade, com uma pistola na mão, e o capitão D. Nicolau de Neyra y Villamar, também com um espadim ou espada nua na mão, e quando se acercaram os do tumulto ao camarote onde estava Seniergues, viu o declarante que desceu o supra dito por um pilar, e havendo-se estreitado com os do povo, com um sabre foi se defendendo das estocadas que lhe davam, e juntamente retirava-se, até que lhe deram com uma pedrada na mão que erguia o sabre e o estenderam ao solo, e se lhe caiu o sabre, e indo a sair por uma porta que estava em uma das barreiras da praça, ouviu o declarante umas vozes que diziam: “Matem-no, matem-no”... A esse tempo viu que um moço chamado Manuel de Mora, aliás Nausapa, lhe deu com as duas mãos um lançaço etc.

Ratificou-se o dito testemunho aos 16 de dezembro de 1740 (p. 591).

Testemunha quinta:

D. Tomás Nugente, mercador residente na cidade de Cuenca, ouvido no mesmo dia, disse o mesmo, e mais:

Que Francisco Quesada se havia vestido de matachim, e que lhe havia emprestado sua capa Jean Seniergues, e que reconhecendo a capa

de quem era... desafiaram o dito matachim; a esse tempo havia concorrido o dito Jean a defendê-lo* e que com efeito viu o declarante que se apartou da multidão, e Jean se retirou para o seu camarote, aonde o viu subir, e, pouco tempo depois, viu também como por uma porta das da dita praça vinha a entrar um bando de gente, e a esse tempo se apartou do camarote onde estava o declarante, o sargento-mor D. Matías de la Calle... e, havendo tirado a espada de um moço, aproximou-se do tropel querendo embarçar a entrada da praça, e não podendo contê-lo entraram mais de quinhentos homens, ao que parece, com espadas, etc.

Aqui refere esta testemunha o mesmo que as duas antecedentes e prossegue:

E que também viu o declarante que deram volta à praça sempre tumultuosos e ao som de um tambor, e entre eles não conheceu outra pessoa mais que o alcaide D. Sebastião Serrano, e ouviu dizer: “Viva o Rei, morra o mau governo, morram os gavachos.**”

E outrossim ouviu de vários que havendo saído o dito tropel por onde entrara, o dito capitão D. Diego de León lhes havia dado as graças... Desceu o declarante com sua companhia para a Rua do Comércio onde pararam; e havendo ouvido outra grande bulha, assomaram à esquina e daí viram que descia o tropel para a praça maior...; e disse D. Raimundo Berrueta que traziam Jean ferido seus companheiros M. Charles de La Condamine e M. Pierre Bouguer; haviam investido com eles os da população com pedradas, e que haviam derrubado M. Pierre... até que alcançaram a casa (do cura da igreja maior) e na porta dela saiu N... (o reverendo P. Félix Moreno) a contê-los, e também lhe derribaram o chapéu com uma pedrada; e através de suas vestes lhe deram uma estocada no dito M. Pierre, e com isso desceram, acompanhando o tambor, até a praça maior, e o dito D. Sebastião Serrano, alcaide, com eles; e deram voltas à praça gritando: “Viva o Rei, morra o mau governo, e morram os gavachos.” Então ouviu dizer o

* Termo de desprezo, de que se serve o povo em Espanha, para injuriar os franceses.

** Ver aqui adiante o depoimento de Nicolau Malina, um dos dois autores do fingido combate.

declarante que havia chegado à praça o tenente-general D. Manuel de Astudillo, a quem haviam dito os da população que, se os franceses não saíssem da cidade ao dia seguinte, seriam todos passados a cutelo, e que, para combatê-los e sossegá-los, o dito tenente-general lhes havia dito que sairiam sim; e logo incontinentemente fez publicar um auto, etc.

Não foi ratificada esta testemunha por achar-se ausente ao tempo das ratificações, e consta de f. 599.

Testemunha sexta:

No dia 14 de setembro de 1739, André Miranda Tendero y Pulpero, habitante de Cuenca, disse (f. 68 e seg.):

Estando em sua tenda, viu descer da Praça de São Sebastião para a praça maior desta cidade uma tropa de gente como de 150 pessoas, e à frente dela D. Sebastião Serrano, alcaide, e o capitão D. Diego de León; e a esse tropel saiu certa pessoa que por seu estado não se nomeia (D. Gregório Vicuña, cura da igreja maior), e perguntou a D. Sebastião Serrano e a D. Diego de León por que não tratavam de dar providências para que aquela gente se retirasse a suas casas, pois, por não fazê-lo, assim se perdia a cidade; e outrossim ouviu dizer o declarante a D. Vicente Luna y Victoria, corregedor que foi de Cuenca, que estava presente, que se separassem, e se fossem a suas casas, que eles não sabiam que loucura acabavam de praticar, etc.

Testemunha sétima:

No dia 15 de setembro de 1739, Inácio Hurtado, burguês de Cuenca, substituto do alguazil-mor, disse:

Que passando pela esquina da dita paróquia (de São Sebastião), viu correr alguma gente em direção à rua, e por curiosidade foi até lá, e reconheceu que Jean Seniergues segurou um homem que estava vestido de matachim, com um capote encarnado, e, dizendo-se não sei que razões, que não percebeu o declarante, ele o fez voltar para dentro da dita praça, tendo-o à sua frente; e poucos momentos depois, havendo o declarante ficado fora da referida esquina, ouviu dizer que “se matam”, e, querendo entrar para a praça, impediu-lho D. Matías de la Calle, que estava na porta com uma espada ou espadim... e depois que o declarante viu entrar toda gente, quando já não a podia conter o dito sargento-mor, entrou também com a lança

na mão, e... vendo que todo o motim se dirigia para a esquina de Tomás Melgar, também se botou para lá, e entrando pela casa dentro, encontrou o referido Jean deitado no pátio, em braços de D. Sebastião de la Madriz etc.

Ratificado a f. 594, aos 19 de dezembro de 1740.

Testemunha oitava

No mesmo dia 15 de setembro de 1739, compareceu ante o mesmo corregedor de Cuenca, D. Miguel, o coronel de Mora, burguês da referida cidade, e declarou:

Que se achou na Praça de São Sebastião... no dia citado, a fim de ver os touros... e havendo subido a um camarote aonde também concorreram M. Charles de La Condamine, e M. Pierre Bouguer... viu que por uma porta dum esquina da praça entrava uma multidão de povo em arruaça, e que o Sargento-Mor D. Matías de la Calle, ao que parecia, estorvava que nela se entrasse, até que efetivamente entrou a população, e dirigiu-se para a esquina de Tomás Melgar, e ouviu logo umas vozes que diziam “já mataram o francês”, com o que desceu do dito camarote... meteu-se rua abaixo em companhia dos ditos M. Charles e M. Pierre, até que deram na esquina de... onde começaram os do tumulto a atirar pedras contra eles, até que o declarante lhes disse “fujam”, e com efeito fugiram, e os arruaceiros sempre atrás a atirar-lhes pedras, até que entraram pela esquina de outra rua, e em casa de... (a casa do cura), e os tumultuosos no seu encalço, etc.

Disse esta testemunha ao testamenteiro:

Que não se havia atrevido a dizer tudo o que viu e soube, que ele era um pobre que tinha medo, e tudo temia dos agressores.

PRIMEIRA CONCLUSÃO

Do fiscal da Real Audiência de Quito, em vista do sumário do corregedor de Cuenca (f. 104)

O fiscal de S. Majestade disse que reconheceu o sumário feito ex-ofício pelo corregedor de Cuenca, e as querelas que em seu juizado ordinário apresentaram M. Charles de La Condamine, e M. Pierre Bouguer, deputados da Real Academia das Ciências, e M. Dr. Joseph de Jussieu, e as que repetem ante V. Alteza, para que, instruído seu ânimo do sucesso ocorri-

do na dita cidade de Cuenca, aos 29 de agosto deste ano, mande executar as diligências que pareçam convenientes para conseguir a pública satisfação dos delitos que causaram e causam tanto horror; a primeira coisa que salta aos olhos de todo o contexto dos Autos é a conspiração do povo, sublevado por D. Sebastião Serrano, alcaide ordinário, D. Diego de León e D. Nicolau de Neyra, e contra a Companhia Francesa tão recomendada por S. M. a todas as justiças destes reinos, para que dessem todo o favor e auxílio que necessitassem... contravindo a uma ordem tão taxativa, o alcaide ordinário, que por motivo de seu ofício devia ser o mais exato no seu cumprimento, sendo sua desobediência aos veneráveis preceitos do Rei, e a dos citados D. Diego de León e D. Nicolau de Neyra, o mais desmedido atrevimento, que como crime de lesa-majestade o castigam as leis divinas, naturais, canônicas e civis...

(Cita autores.)

Descobre-se bem a gravidade do delito pela pena que está imposta, pois, ainda na eqüidade do direito canônico, é de morte... Não se limitou à desobediência este atrevimento. Tumultuaram-se sediciosamente com armas para insultar a Companhia Francesa, que devia estar mui segura sob a real proteção, e turbaram a paz pública... Fica provado ser o alcaide D. Sebastião Serrano o principal autor da sedição, porque depõem as mais testemunhas que, estando Jean Seniergues quieto e sossegado no camarote, vendo touros que se lidavam na Praça de São Sebastião, se introduziu nela à testa de uma multidão de gente da plebe com espada, trabucos nas mãos, proferindo os gritos mais desusados, e de que em semelhantes ocasiões se valem os arruaceiros, e se encaminhou ao lugar em que estava o referido Jean com o depravado intento de tirar-lhe a vida, como o mostram as circunstâncias e ferimentos que lhe deram, de que se seguiu sua desgraçada morte. Deste homicídio foi causa o mencionado alcaide, pelo que se lhe deve impor a pena capital de aleive, por haver convocado gente armada contra o cirurgião, em desagravo de seu sobrinho D. Diego de León... não satisfeito de deixar ferido de morte o citado Jean, continuou a conspiração com pertinaz empenho contra toda a Companhia, cujos componentes procederam atentos a sua obrigação, e sem dar o menor motivo de reproche, no desempenho da real confiança de S. Majestade Cristianíssima, e, para conseguir sua ruína, mandou juntar gente formando companhias, qualificando este excesso como crime de lesa-majestade, por ser a suprema regalia

mover as armas, e formar companhias, não podendo formar-se sem a vontade do príncipe, e assim se castiga como delito de lesa-majestade, e só pelo fato de tocar tambor e içar bandeira, como fez, para convocar o povo, e perseguir com armas a Companhia Francesa, com o fim de conseguir seu extermínio, tem pena de morte e perdimento de bens, por Lei compilada de Castela. D. Diego de León não tem menor participação na sedição e ferimento da vítima... por haver provocado o lance, e ocasionado o escandaloso tumulto, como se verifica, por haver dado em público os agradecimentos à plebe por o haver vingado de Jean Seniergues, com a morte deste. D. Nicolau de Neyra está bastante indiciado no tumulto, ferimentos e morte, pois se afirmou que a ferida que lhe deu morte foi a sua. Também se acha comprovado que um moço chamado Nausapa deu um lançaço em Jean...

Faz-se indispensável e necessário que seja nomeada por V. Alteza pessoa de autoridade, inteireza e justificação, como pede matéria tão grave e de tão imediato serviço de S. Majestade, para que proceda à formal substanciação desta causa, remetendo esses réus, sob custódia severa, para este Cárcere Real da Corte, e todos que se provarem culpados, seqüestrando-lhes os bens, para que com digno castigo os deixe escarmentados, e sirva de exemplo às demais cidades destes vastos domínios, e dê satisfação às Majestades Católica e Cristianíssima, pois, ficando impunes estes graves e inesquecíveis delitos, podem resultar as mais fatais conseqüências contra o serviço de S. Majestade. Quito, 22 de outubro de 1739.

(As.) *Balparda.*

EXTRATO DO AUTO

Depois de se terem repartido duas vezes os votos em discórdia, com maior número de juízes, lavrou-se mandado de prisão contra León, Serrano, Neyra e um moço da plebe, e nomeou-se D. Marcos Gómez, habitante de Cuenca, para que fizesse novo sumário juntamente com o corregedor, que se escusou, e os acadêmicos e testamenteiros, que recusaram legalmente o dito Gómez, que sem embargo prosseguiu informando contra Seniergues sozinho, donde resultou o decreto seguinte, digno de ler-se:

DECRETO

De prisão, lavrado pelo juiz recusado contra Jean Seniergues, aos três meses de morto:

Alguazil-mor* desta cidade, fazei as competentes diligências em razão da prisão de Jean Seniergues, já defunto, cirurgião da Companhia Francesa, e seqüestrai-lhe todos os seus bens e os depositai no Depositário Geral desta cidade, porque assim vos convêm para a boa administração da Justiça. Assinado nesta dita cidade de Cuenca, aos dezesseis dias do mês de dezembro de 1740.

(As.) Marcos Gómez de Castilla, d. Luis Xavier Ysquierdo.

DILIGÊNCIA

Do Alguazil-mor:

Na cidade de Cuenca, aos dezessete de dezembro de 1739, em cumprimento do auto acima transcrito, passei pela casa de morada de Jean Seniergues, cirurgião da Companhia Francesa, a quem não achei por estar morto e enterrado na igreja da Companhia de Jesus do Colégio desta cidade, e em prossecução de meu ofício, passei a procurar os seus bens, que tampouco achei... e para constar, aqui o deixo escrito e firmado.

(As.) D. Tomás de Neyra y Villamar.

RESPOSTA

do Fiscal em vista do que se decretou aos 15 de janeiro de 1740 (p. 139):

Diz o Fiscal que, pela resposta de dezessete de novembro do ano próximo passado, representou ter sido recusado pelas partes d. Marcos Gómez de Castilla, reproduzindo sua antecedente resposta de vinte e dois de outubro, insistindo por que se nomeasse pessoa de autoridade, inteireza e justificação, como convém a causa de tamanha gravidade, e pelos efeitos que depois se verificam, reconhece o Fiscal quanto inconveniente trouxe a continuação deste juiz, e como foi justa a sua recusa, pois que, deixando o principal assunto da causa, que é o tumulto, e homicídio de Jean Seniergues,

* Esse termo, traduzido literalmente, quer dizer “chefe dos beleguins”, ou “beleguim principal”; é o que os turcos chamam “Chaoux Bachi”. É uma espécie de preboste, ou grão-preboste.

só tratou esse juiz de proceder sobre a resistência que se diz fez à Real Justiça, determinando um despropósito tão desmedido como o de decretar a prisão de um defunto, quando ainda que seja certa a resistência, prescreveu este delito com a morte, omitindo proceder naquela causa principal de homicídio e tumulto, que começou a fazer o corregedor de Cuenca, ministro de S. Majestade, e que tem a sua real aprovação, a qual deu motivo a V. Alteza para o mandado de prisão e embargo de bens que se decretou contra os réus, cometido só ao corregedor, de que se sente agravado o juiz nomeado, para que, sem seu concurso, o começasse a executar; sem dúvida porque sente estar privado, neste ato das prisões, de todo aquele que pudera executar em favor dos réus, que é o que procurou fazer em toda a causa, o que fez com nulidade notória, por estar recusado. Pois ainda que V. Alteza mandou que se acompanhasse pelo corregedor, sem embargo da recusa, não pôde isso sanar aquelas nulidades que já por si só havia feito, nem as que depois fez, pedindo ao cabido juiz que nomeasse outro. Por tudo isso parece-lhe ao Fiscal necessário que se determine o artigo da recusa, e que se declare por nulo o processo que formou o juiz nomeado, e que se continue a substanciação da causa feita pelo corregedor, e que este execute sem qualquer escusa, e sob pena de privação de seu ofício, tudo quanto se prevê na carta de Vosso Ouvidor, d. Manuel Rubio, escrita por ordem de V. Alteza, para que se consiga dar satisfação à vingança pública de um delito tão escandaloso, e prestar conta a S. Majestade com os autos da matéria. Quito, 21 de janeiro de 1740.

(As.) Licenciado Balparda.

EXTRATO DO AUTO

O auto manda que se dê o despacho, para que tanto o corregedor de Cuenca como d. Marcos Gómez de Castilla, dentro de termo de mandado, sem desculpa alguma remetam todos os autos que juntos ou separados formaram nesta causa, e os que desta cidade se remeteram, etc.

CERTIFICADO

dado com licença do juiz ordinário, pelo escrivão público de Cuenca a um dos testamenteiros do falecido J. Seniergues, aos 18 de setembro de 1739 (fls. 336 e 337):

Eu, d. Vicente de Arrisaga, escrivão público, etc., certifico... a que respondeu o dito capitão d. João Julián Nieto ao dito M. Charles que era verdade que havia concorrido ao referido cartório (em tempo que não se desesperançava ninguém da vida de Seniergues), e que havendo ido ali também o dito capitão d. Sebastião Serrano, e estando a falar sobre o sucedido com Jean Seniergues, ouviu dizer que sentia o não havê-lo de levar ao cárcere no colchão ou coberta em que o traziam moribundo, para lhe dar garrote nele.

E cita o declarante, por testemunhas, quatro habitantes principais da cidade que ouviram o mesmo, e os nomeia.

PARA A PROVA

De que falsamente foi acusado Jean Seniergues de haver soltado um preso das mãos da Justiça (p. 788):

PETIÇÃO

M. Louis Godin, das Reais Academias de França e Inglaterra, disse que, ao traslado que se passou por mandado de V. Alteza sobre o cargo que parece se fez a d. João Seniergues, de haver intentado tirar um réu do poder da Justiça ordinária, deve responder que, assim o deu a entender, por havê-lo ouvido dizer, nem por isso jamais pretendeu que fosse verdade; e que ainda as testemunhas que se mostraram mais contrárias à memória do dito d. João Seniergues, e à justiça de sua causa, e mais propensas a fazer-lhe cargos odiosos, e contrários à verdade, todas a uma declararam que não houve tal determinação ou ordem de prender o sujeito em cuja defesa disseram correu Jean; mas somente uma querela particular. Que melhor e mais poderoso testemunho para a memória do referido d. João e para o justificar de semelhante acusação? Eis porque peço e suplico a V. Alteza se sirva prover em Justiça, etc.

AUTO

Remete-se aos juízes nomeados, para que na informação que estão fazendo averiguem o que foi pedido por esta parte, em 1º de março de 1741.

Os juízes nomeados não averiguaram nada; somente o corregedor nas últimas atuações ouviu a seguinte testemunha (f. 825):

D. Antonio Jordán, testemunha chamada pelo corregedor de Cuenca, interrogado:

Se Jean Seniergues havia tentado livrar um réu das mãos da Justiça ordinária desta cidade?

Disse que não chegou a notícia de que o dito Jean Seniergues houvesse intentado tirar nenhum réu, e isso o declara debaixo de juramento, etc., e firmou em 28 de maio de 1741.

Respondendo antecedentemente no sumário do juiz recusado, d. Nicolau Molina, a testemunha citada, à sexta pergunta do interrogatório apresentado por León (f. 693),

Disse que... a cujo tempo se chegou um matachim, e este... lhe fez sinal de ameaça, e com efeito o depoente o seguiu... reparou que correu para junto dele o dito Seniergues, que o acometeu, a querer dar-lhe com um sabre... quando o dito matachim descobriu a cara, conheceu que era Francisco Quesada, que disse ao dito Seniergues não lhe fizesse mal, que era seu primo, com o qual essa testemunha se foi para casa.

Ratificou-se sua declaração aos 22 de junho de 1741, p. 834.

Consta dos depoimentos das demais testemunhas, como o desta do dito Molina, um dos dois moços da pendenga, que a referida briga foi fingida por brincadeira, e que não houve nem preso nem mandado de prisão; o mesmo vigário em seu certificado diz (f. 760) que Seniergues, sabendo que o dito desgosto imaginado se havia convertido em brincadeira, se acalmou e deixou de perseguir o fingido inimigo... e não se trata de prisioneiro.

Vejam-se as declarações acima do primeiro sumário do corregedor de Cuenca.

Para a falsificação de outra calúnia que imputaram ao defunto, e à Companhia Francesa no sumário do referido juiz acusado.

Pergunta 16 do interrogatório sobre cujo teor se interrogaram as testemunhas convocadas pelo dito juiz recusado, p. 192:

Se sabem que o dito Jean Seniergues acometeu no vale de Baños com seu sabre, d. Juan Torres, morador desta cidade, etc.

A maior parte das testemunhas respondem de oitiva, e dizem que o referido Seniergues no dito vale deu com um pau no citado Torres.

O próprio d. João Torres, citado, respondendo p. 305, à dita pergunta, disse:

Que um da Companhia Francesa levantou uma régua de mais de 5 varas de comprimento, e a descarregou sobre ele com ambas as mãos, etc.

N... testamentário do defunto Seniergues, depois de duas cartas escritas a d. Juan Torres, sobre o assunto, sem ter resposta, pediu em Justiça que fosse citado o referido Torres a juramento, para declarar sem equívoco se foi Seniergues ou algum dos franceses o que o insultou; compelido, Torres responde o que se segue, ante o corregedor de Cuenca, f. 794:

Na dita cidade de Cuenca, aos 5 dias de janeiro de 1741... compareceu o capitão d. Juan Torres, e Arredondo, habitante da dita cidade, que fez juramento... de dizer a verdade, sendo perguntado sobre o teor da petição apresentada por M. Charles de La Condamine (testamenteiro do defunto Seniergues), disse que conheceu de vista, trato e comunicação a Jean Seniergues... e que no dia em que sucedeu o caso, na pastagem do declarante, não se achava o referido Jean Seniergues, nem tampouco conheceu nenhum dos que se achavam, etc.

Confirmou-se no dia 3 de junho do mesmo ano, em f. 816, e ajunto:

Que na pergunta 16, em que disse não ficou satisfeito do agravo que recebeu, que havia sido N... Que depois o chegou a saber, e que o dito agravo ficou satisfeito por S. Mercê, o senhor corregedor.

Com esse depoimento, acabou por aclarar-se que o dito Torres não foi injuriado nem pelo defunto, nem por nenhum francês, como maliciosamente o havia dito no primeiro interrogatório.

Para desfazer uma terceira calúnia imputada ao defunto.

Pergunta 17 do interrogatório:

Se sabem que o dito Jean Seniergues entrou uma noite atrás de uma mulher pública em casa do capitão Marcos Bonegas de Guevara, e o achou a ele e a sua mãe, perdendo-lhes o respeito, sendo pessoas de distinção, etc.

As mais testemunhas do sumário do juiz recusado respondem:

Que ouviram dizer que o sujeito mencionado na dita pergunta foi Seniergues, entre os três (homens ébrios) que haviam entrado (essa noite em sua casa) porque ele o conhecia e se comunicava com ele.

O mesmo Guevara, citado ante o corregedor de Cuenca, a pedido do dito testamenteiro, fez a declaração que se segue:

Na referida cidade de Cuenca, aos 3 dias do mês de janeiro de 1741... o capitão d. Marcos Benegas Guevara... jurou dizer a verdade, e sendo perguntado sobre se era certo que Jean Seniergues foi de noite ébrio a casa do declarante, etc... disse que conheceu e freqüentou o dito Jean Seniergues, que esteve curando um filho legítimo seu; e para a dita cura foi a sua casa em várias ocasiões, mas nunca o viu ébrio; e na noite que se cita na petição apresentada por M. Charles de La Condamine, não foi a casa deste declarante, e que é falsa e sinistra a sindicância porque nas ocasiões que entrou em sua casa falou com inteiro juízo e com estilo polido; e que esta é a verdade do que disse, e declarou, como também afirma e ratifica, sob juramento.

Ratificado aos 15 de janeiro de 1741.

CARTA

Do Sr. Vizo-Rei de Lima à Real Audiência de Quito (f. 118):

comunicou-se ter havido uma perturbação no dia 29 de agosto por uma parte de seus habitantes, e ter sido assassinado Jean Seniergues, cirurgião anatomista da Companhia Francesa; e terem sido acometidos com furor outros componentes dela, que estiveram em iminente perigo de perder a vida, em mãos de uma multidão amotinada, conduzida por alguns que, por particulares motivos de desgostos, a alentavam e induziam a tão enorme excesso e violência, que com dificuldades diversas pessoas religiosas e de autoridade puderam sossegar; e deste sucesso dá notícia o referido alcaide qualificando-o por ato de justiça, dirigido a fim de conter a intrepidez com que o resistiu e intentou atropelar o temerário orgulho daquele que saiu vitimado. E porque esta é matéria que necessita averiguar-se, com a maior circunspecção, para que aclarada a verdade se proceda ao castigo dos delinquentes, e as merecidas penas que se lhes imponham fiquem notórias; em satisfação da reta severidade com que se obra nos Tribunais de Justiça, resolvi prevenir V. Senhoria para

que, confiando essa incumbência a pessoa da maior integridade, tome as providências adequadas, em ponto digno do maior cuidado por todas as circunstâncias, e para que a Companhia deputada pela Academia Real das Ciências de Paris se veja com toda a atenção que corresponde às Reais recomendações de que se acha protegida, para que logre sem inquietude que a distraia, o útil fim a que se conduziu até estes Reinos, como espero praticará V. Senhoria, dando-me notícia do que suceder. Deus guarde V. Senhoria muitos anos. Lima, 2 de Dezembro de 1739 (As.) Marquês de Villagarcia.

Recebida aos 2 de Janeiro de 1740.

CARTA

Do Sr. Vizo-Rei do Novo Reino de Granada à Real Audiência de Quito (f. 851);

Os Reais Acadêmicos residentes na cidade de Cuenca me fizeram representação de como se levantou nela uma espécie de tumulto contra Jean Seniergues, cirurgião dessa Companhia, sendo cabeças desse motim D. Diego de León, D. Sebastião Serrano, e D. Nicolau de Neyra, com outras muitas pessoas, parentes e agregados, os quais fizeram tantos ferimentos no citado Seniergues que ele dentro de três dias veio a morrer; e para averiguação e castigo desse delito, expediu o Senhor Vizo-Rei de Lima eficazes ordens a essa Real Audiência, e ao Corregedor daquela cidade, cujo cumprimento não se verificou por não haver-se dado satisfação à vindita pública nem aos agravados e querelantes. E, causando-me estranheza o pouco desvelo com que substanciam e determinam as causas desta natureza, quando requerem uma pronta resolução, e mais estando de permeio o devido respeito das leis e dos mandados superiores, e demais da especialíssima recomendação Real com que S. Majestade prescreve a distinta atenção que se deve ter às pessoas dos Acadêmicos, e ao conhecimento de suas causas, devo em consideração de tudo prevenir V. Senhoria que sem a menor dilação veja em justiça os Autos formados nesse assunto, e que se o estado deles pedir alguma justificação mais, proceda contra os principais réus e cúmplices; saia incontinenti um dos seus Ministros, que destinarei ao Presidente dessa Real Audiência para praticar com a maior celeridade as diligências que convenham fazer-se em Cuenca, tanto para prender e trazer os réus para o cárcere de Quito, como para o arresto de seus bens, a cuja custa se carregarão os gastos

do processo; e, ao que assim foram nomeado, não se lhe admitirá a menor escusa, e, em caso de propô-la com débeis fundamentos, concede-se a faculdade ao referido Presidente para que efetivamente lhe cobre dois mil pesos de multa de seu salário e bens, e sucessivamente se nomeará outro Ministro; e o que passar a executar a comissão processará o Corregedor e demais Juízes que houverem procedido com simulação, ou negligência, ou hajam faltado à administração de justiça; e sendo culpados, suspendê-los-á de seus empregos, e impor-lhes-á as demais penas que forem conformes a direito, e para que me conste o que se executa em virtude do que vai determinado, dar-me-á V. Senhoria notícias nas primeiras ocasiões que se ofereçam. Deus guarde V. Senhoria muitos anos. Cartagena, 26 de Janeiro de 1741.

(As.) D. Sebastião de Eslaba.

Srs. Presidente e Ouvidores da Real Audiência de Quito.

Recebida aos 19 de junho de 1741.

DECRETO

Junte-se aos autos que há sobre esta matéria, e com vista ao Sr.

Fiscal.

RESPOSTA DO FISCAL

O fiscal, reproduzindo como reproduz as respostas que deu nesta causa, e principalmente a de 3 de março deste ano, diz:

Que o haver-se omitido declarar a nulidade dos dois processos feitos por D. Sebastião Serrano e D. Marcos Gómez de Castilla, trouxe as dilações que nela se experimentam, e deram lugar às sérias expressões de vosso Vizo-Rei em sua carta; e assim se mandem trazer estes Autos de Cuenca, com a maior brevidade, para que com o exame deles se determine a nulidade que o Fiscal propôs, e para que se reconheça se é necessário que um de vossos Ministros passe à dita Cidade, como vosso Vizo-Rei ordena, para a íntegra substanciação da causa. Quito, 27 de junho de 1741.

(As.) *Licenciado Balparda.*

EXTRATO DO AUTO
Mandaram trazer-se os Autos de Cuenca

ÚLTIMA RESPOSTA

Do Fiscal, em vista dos Autos, f. 940:

O Fiscal diz que o homicídio cometido contra Jean Seniergues está revestido de mui agravantes circunstâncias, porque se concitou grande parte da plebe para a execução dele, dando com isto ocasião... a um público tumulto, de que pode resultar multiplicidade de homicídios, e desgraças que reduzissem à maior ruína a população de Cuenca...

Por essa razão se faz necessário o castigo de todos os que o provocaram, auxiliaram e nele cooperaram. Esta comoção popular e congregação de gente para atacar gratuitamente D. João Seniergues traz todas as características de um assassinio premeditado... houve penetração e aplicação de diligências... ficando de todo indefeso, e deste modo a estocada que se lhe deu e lhe causou a morte foi aleive. Outra circunstância há na causa que agrava este delito; pois ainda que no processo não se ache a mais plena justificação dele, seus indícios são de tanta veemência que passam a ser indubitáveis; porquanto os que conduziram toda essa gente para a perpetração de semelhante homicídio foram D. Sebastião Serrano, alcaide ordinário, que menosprezou toda sua obrigação de juiz em toda a maquinação, e D. Nicolau de Neyra... Antecedentes fatos que ocasionaram contínuas discórdias se passaram com D. Diego de León, com quem tem imediatas relações e parentescos os ditos D. Sebastião Serrano e D. Nicolau de Neyra; e havendo-se este abalançado à perpetração do homicídio para vingar aquela discórdia, que seu parente tinha com Jean Seniergues...

D. Diego de León... se conservou... com aparente serenidade no camarote; deixando que por si outros executassem o lance; porém não tão cautelosamente que não o entusiasmassem os aplausos ao dito D. Diego, alguns dos agressores a quem deu graças pelo homicídio cometido... cuja exoneração a prova dela não concorda com o lugar e tempo... com que por isso se ajunta ao homicídio a circunstância de um formal assassinato, que são qualidades que por direito privam o réu de qualquer privilégio, e o sujeitam às penas comuns; e estas na causa presente correspondem a estes

delinquentes, que são a ordinária de morte, e a confiscação da metade de seus bens; que indistintamente compreendem todos os réus, porque auxiliando-se uns aos outros, todos se fizeram autores do homicídio, pela igual união com que procederam... É mais grave o motivo pela Real recomendação que o dito Jean Seniergues, como membro da Companhia Francesa, teve, para ser atendida pela satisfação que se deve dar às duas Majestades Católicas e Cristianíssima, e por ser o principal autor desta rebelião um Alcaide ordinário, cuja obrigação era evitá-lo; contra este, contra D. Nicolau de Neyra, e Manuel de Mora, está a causa substanciada em rebeldia, e plenamente provado o delito; são também réus dele Manuel Velasco, como quem arrojou contra Jean uma pedra que o fez cair ao solo; e Francisco Iníguez, etc.. D. Diego de León, indiciado do delito de mandante, e origem do assassinato e tumulto, não está perfeitamente convencido; porém sendo tão sérios os indícios que contra ele aparecem no processo, parece necessário que seja conduzido a este Real Cárcere da Corte, como foi mandado antes, e não se cumpriu até agora; para que seja posto em tortura até que confesse seu delito de mandante e concitador da plebe para a execução do homicídio; e por tudo espera o Fiscal o melhor cumprimento de justiça, e satisfação da vindita pública. Quito 28 de Janeiro de 1741.

(As.) Licenciado Balparda.

SENTENÇA DEFINITIVA (p.945)

Neste pleito e causa criminal que ex-ofício da Real Justiça e por queixa dos Testamenteiros de Jean Seniergues, botânico* e cirurgião da Companhia dos Reais Acadêmicos das Ciências de Paris, que residem nesta cidade e província, se procede contra os agressores da morte violenta que em tumulto sedicioso lhe deram, no dia 29 de agosto do ano passado de 1739, na Praça de São Sebastião na cidade de Cuenca – havendo-se instruído nos termos do Direito, os réus não compareceram nem se puderam ter, senão apenas D. Diego de León y Román, que depois fugiu da prisão, e Manuel de Velasco, que continua preso. Vistos os autos, e o que de mais convinha ver, achamos que pela culpa que resulta deste Processo, tanto contra os réus ausentes como contra os presentes, devemos condenar e conde-

* Quiseram dizer “anatomista”.

namos D. Sebastião, alcaide ordinário, que o era então da dita cidade, e D. Nicolau de Neyra, a oito anos de desterro precisos no presídio de Baldivia, e a dois mil pesos de multa cada um, a metade para a Câmara de S. Majestade, e a outra metade para os gastos desta causa; o dito D. Diego de León y Román a seis anos de desterro no dito presídio, e mil pesos de multa, aplicados pela mesma forma; Francisco Iníquez, aliás Nausapa,* condena-se a 6 anos de desterro na Ilha da Pedra, com aração ordinária e em soldo; Manuel Velasco, aliás Alcurrucu, condena-se a dois anos de desterro no Castelo de Chagre; e por esta nossa sentença definitivamente julgando, assim o pronunciamos e mandamos, com as custas em que em comum e insólidum condenamos os ditos réus; e dê-se às partes o testemunho que pedirem, e tire-se uma cópia para dar conta ao Governo Superior. Quito, 22 de abril de 1742.

ATESTADO

De um curandeiro, tido por médico na Cidade de Cuenca, no Peru (f. 375):

D. João de Ydrobo, Cabeça de Vaca, médico desta cidade de Cuenca e de seu Hospital Real, a pedido verbal de D. Diego de León y Román, regedor perpétuo nela, que se declare o juízo que deve formar-se do habitual acidente que padece, segundo o informe que foi dado pelo dito senhor paciente, e os sintomas que observei há dois anos, nas crises do mal; concludo estar viciada a melancolia em quantidade e qualidade simul; cujos flatos se elevam pela região do coração ao cérebro; e daqui resulta o ficar alheado ou fora de si, com o pulso alvoroçado fora de sua ordem natural, e pelo movimento local do coração se acelera o curso arterial do sangue, e dessa pugna se origina o suor ardente e meloso, de que começa a síncope, de cuja força, pela determinação do movimento local, se muda a temperatura do suor de quente em frio; e ferindo ou apoderando-se o vapor ou flatos dos órgãos do cérebro, se extingue a virtude sensitiva e motiva, deixando ao paciente esta opressão com semelhança de letargia; e às vezes quando a crise é maior, com indícios de um grave paroxismo, como vi no referido senhor

* Francisco Iníquez, e Manuel de Mora, aliás Nausapa, são dois réus distintos, como consta do processo. O primeiro foi citado por editos e pregões: o outro não. Dos dois faz um só esta sentença.

duas vezes que fui chamado, em janeiro e maio do ano passado, para socorrê-lo, tenho tido necessidade de prescrever-lhe fomentos cordiais e cerebrais; e para que conste, assim, o sinto salvo meliori e o firmo. Cuenca, 17 de fevereiro de 1740.

(As.) João Ydrobo.

OUTRA DECLARAÇÃO

Do dito médico, recebida pelo Corregedor de Cuenca (f. 376);

Disse: que acha o declarante exceder a melancolia na pessoa do dito capitão D. Diego viciada em informe que foi dado pelo dito senhor paciente, e os sintomas que observei há dois anos, nas crises do mal; concluo estar viciada a melancolia em quantidade e qualidade simul; e por ser humor tão crasso, levanta vapores densos, e se elevam à região do coração, e por isso se lhe apressura a faculdade pulsífica, e por circular localmente o sangue espi-rituoso, sente, ao tempo de dar-lhe esses suores, e prosseguindo o flato a dar e elevar-se no cérebro, fica sem a faculdade motiva e sensitiva inábil, sem poder usar de suas potências e sentidos, até que as virtudes sensitivas as dissolve, e então torna em si. Este é o sentir do declarante, segundo leu em alguns autores; acidente que se chama epilepsia, e se julga mortal, não tão-somente por sua essência e padecer dos membros principais, como é o coração e o cérebro, senão também porque andando de mula ou a pé, caem sem sentido, de cuja queda pode resultar a morte, como se tem visto em vários, que caindo com as fontes ou outra parte delicada, ficam mortos... e isto é o que sente, conforme o ofício que exerce desde há onze anos pouco ou menos. E disse ser a verdade, sob fé de juramento que fez, em que se firmou e confirmou, havendo-se-lhe lido esta declaração que vai por ele assinado.

(As.) João de Ydrobo.

SEGUNDA CARTA

Do Vizo-Rei do Novo Reino de Granada (o Sr. D. Sebastião de Eslaba, o mesmo que defendeu Cartagena, em 1741, hoje Vizo-Rei do Peru) à Real Audiência de Quito:

Por parte de M. Charles de La Condamine, um dos Reais Acadêmicos, e Testamenteiros de Jean Seniergues, cirurgião da Companhia que

mataram na Cidade de Cuenca, fui cientificado do interminável andamento das diligências judiciais que conduzem esta causa, e que, declarada a nulidade, daquelas em que atuaram certos juizes comissionários, será preciso saia um Ministro desta Real Audiência a fazer novo processo. E tendo presentes as razões que expus a V. Senhoria em minha carta de 26 de Janeiro do ano passado de 1741, e as conseqüências que poderão resultar de que umas pessoas tão recomendadas sejam desatendidas nas instâncias com que solicitam a justiça de um homicídio digno de castigo exemplar, e que quando se restituam aos Reinos de Europa imprimam com queixas de seu agravo o mau conceito dos juizes destes domínios de S. Majestade, e o pouco zelo com que trataram de desempenhar sua soberana recomendação; pareceu-me mui próprio da honra com que deva atalhar umas conseqüências tão pouco decorosas para a nação, e o Ministério da Justiça, repetir a V. Senhoria a urgência da mais breve e séria terminação desta causa, e nomear para quaisquer diligências que sejam necessárias efetuar-se na citada Cidade de Cuenca, ao Sr. Ouvidor D. José de Quintana. Espero que não se me dará motivo para terceira instância, e que V. Senhoria se encarregará da atual para pôr termo às dos Reais Acadêmicos, dando-me aviso de sua resolução e do recibo desta. Deus guarde V. Senhoria, etc.. Cartagena, 4 de março de 1742.

(As.) D. Sebastião de Eslaba.

Recebida aos 4 de julho de 1742.

DECRETO

Junte-se aos autos que há sobre estas pendências; com vistas ao Sr. Fiscal:

N.B. Por haver chegado esta carta do Sr. Vizo-Rei a Quito depois da Sentença definitiva dada aos 21 de abril de 1742, não se acha a mesma na cópia dos Autos que pediu a parte. Porém, pelo decreto acima, acha-se no Cartório da Câmara de Quito, junto com os autos originais.

Para não se fazer um outro volume, não se imprime nada das diligências feitas na Provedoria de Quito contra o Grão-Vigário de Cuenca, cujo final aqui se reproduz.

Qualquer que seja o resultado deste caso, que as Cortes de França e Espanha dêem a ele, como se deve esperar, a atenção que parece merecer tudo quanto diz respeito a Ordem Pública; quer essa atenção tenha sido relegada presentemente pela consideração de objetos maiores e mais importantes; a honra dos Acadêmicos enviados a Quito, e daqueles que os acompanharam, está dora em diante a salvo pela exposição pública dos fatos relatados na Carta a Madame ^{***}, e pelas suas peças justificadas. Se tivesse faltado essa precaução, poder-se-ia admitir, com o andar dos tempos, e do silêncio que guardassem os Acadêmicos quando de volta à França, um argumento especioso contra eles, e imputar à sua imprudência ou má conduta a desgraça do falecido Seniergues, e ao menos fazê-lo cúmplice dele.* Se depois de ter pensado serem as vítimas do furor dum povo sublevado, eles não tivessem pedido justiça, e não tivessem feito qualquer esforço para a obter, seria uma forte presunção que eles teriam algum interesse secreto em amortilhar nas trevas o caso de Cuenca. Os motivos expostos na Carta (p. 43, 44 e seg.) bastavam para obrigar o autor a torná-la pública; a reflexão precedente acabou de determinar essa publicação.

* Acreditou-se que haveria afetação em fazer publicar a carta do Sr. Bispo de Quito, e os certificados de todos os curas, comissários da Inquisição, e superiores religiosos dos conventos de Cuenca. São elogios à maneira de proceder dos acadêmicos.



APÊNDICE II

CARTA

Do Sr. DE LA CONDAMINE

Ao Sr. ***

Sobre a sorte dos astrônomos
que tomaram parte
nas últimas medidas da Terra,
desde 1735

MDCCLXXVIII

.....

*Carta do Sr. De La Condamine ao Sr. ****
Sobre a sorte dos astrônomos que tomaram parte nas últimas
medidas da Terra, desde 1735

Lnteressastes-vos, Senhor, pelos trabalhos que realizou a Academia das Ciências para medir a Terra, e manifestastes-me o desejo de saber a sorte de todos quantos tomaram parte em semelhante tarefa, rumando para as regiões ultramarinas, em viagens que começavam desde 1735.

Poderia eu responder-vos o verso de Virgílio:

*Apparent rari nantes in gúrgite vasto. **

Partimos de La Rochelle no mês de maio de 1735. Estávamos munidos de passaportes de Sua Majestade Católica o rei Fillipe V, pois que em seus Estados da América do Sul é que íamos medir os graus convizinhos do Equador.

Éramos três acadêmicos: o Sr. Godin, o Sr. Bouguer e eu. Tínhamos por auxiliares: o Sr. Joseph de Jussieu, doutor-regente da Faculdade de Paris, irmão dos dois acadêmicos de igual cognome** e que, durante a sua

* O verso de Virgílio refere-se a um naufrágio, após o qual, “raros são os que aparecem nadando no pélogo imenso” (nota de B. de M.).

** Foram três botânicos célebres: Antoine de Jussieu (1686-1758); Bernard de Jussieu (1699-1777); e Joseph de Jussieu (1704-1779). Houve ainda na família dois outros fitologistas não menos famosos: Antoine-Laurent de Jussieu (1749-1836), sobrinho dos presentes e autor de um sistema natural de classificação das plantas cujas vantagens levaram os sábios a abandonar o sistema de Lineu; e Adrien de Jussieu (1797-1853), filho de Antonio-Laurent, a quem sucedeu na cátedra do Museu e que, como o pai, pertenceu ao quadro social da Academia das Ciências (Nota de B. de M.).

ausência, foi eleito para a Academia, o Sr. Seniergues, cirurgião; e, para ajudar-nos em nossos trabalhos, o Sr. Verguim, engenheiro naval, o Sr. De Morainville, desenhista de história natural, o Sr. Couplet, sobrinho do acadêmico homônimo, o Sr. Godin des Odonais, que será a personagem mais notável desta carta, e o Sr. Hugo, relojoeiro e técnico em instrumentos de matemática. Reunimo-nos em Cartagena de Índias, a dois oficiais espanhóis (tenentes da armada)* nomeados pela Corte de Madri para assistir às observações.

No ano seguinte, o Sr. De Maupertuis, encarregado de ir medir os graus do meridiano no círculo polar ártico, embarcou em Rouen, levando em sua companhia, afora alguns ajudantes, os Srs. Clairault, Camus e Le Monnier Júnior, acadêmicos, o padre Outhier e o Sr. Celsius, astrônomo sueco.

Em 1751, o padre De Lacaille,** acadêmico, partiu para o Cabo da Boa Esperança, onde, além de outros trabalhos não menos importantes, mediu os graus do meridiano.

Dos cinco viajantes que atingiram o círculo polar, não resta senão o Sr. Le Monnier. O padre De Lacaille, que se dirigiu sozinho ao extremo sul da África, e que parecia gozar de saúde vigorosa, foi vítima do seu zelo astronômico, em 1762, depois do seu retorno a Paris, e um acadêmico mais jovem do que ele (e a quem havia tomado de modelo), teve depois a mesma sorte na Califórnia, em 1769.***

Dos meus companheiros de viagem ao Equador, o Sr. Couplet, o mais robusto e um dos mais jovens, foi-nos arrebatado por uma febre maligna no curto espaço de três dias, logo que chegou a Quito. Em outro lugar, já dei conta do fim trágico do nosso cirurgião.**** O Sr. Bouguer morreu de um abscesso no fígado, em 1758; o Sr. Godin, que passou a servir na Espanha, onde dirigiu a Academia dos Guardas-Marinha, em Cadiz, não sobreviveu ao Sr.

* Veja-se a nota do *Relato*, concernente aos mesmos (Nota de B. M.).

** O padre Nicolas-Louis de Lacaille (1713-1762) deixou valiosos trabalhos sobre o estado dos cometas. (Nota de B. de M.).

*** Refere-se ao padre Chape d' Auteroche (1722-1769), erudito astrônomo francês, que morreu em San José, localidade da Califórnia, alguns dias após ter observado ali a passagem de Vênus ante o disco do sol. (Nota de B. de M.).

**** "Carta a Madame*** a respeito do motim popular, executado na cidade de Cuenca, no Peru, a 29 de agosto de 1739, contra os membros da Academia das Ciências, enviados ali para a medida da Terra." (Paris, 1746). (Nota de B. de M.).

Bouguer mais que dois anos; o Sr. Morainville, que se deixou ficar na província de Quito, foi vítima de um acidente, pois caiu do andaime de uma igreja que estava construindo em Cicalpa, perto da cidade de Riobamba. Seria demais referir-me aqui aos nossos criados, tanto brancos, como negros, muitos dos quais morreram no transcurso da nossa viagem, dois deles violentamente.

O comandante D. Jorge Juárez, o mais velho dos dois oficiais espanhóis nossos adjuntos, e que, regressando à pátria, foi sucessivamente capitão-de-navio, comandante do Corpo de Guardas-Marinha, chefe-de-esquadra e embaixador em Marrocos, acaba de expirar em Madri, apesar de ser mais moço do que a maior parte de nós outros.

O Dr. Joseph de Jussieu, retido por sua profissão, durante longo espaço de tempo, na Real Audiência de Quito, e, depois pelo vice-rei de Lima, só há dois anos foi que voltou a Paris; perdeu a memória, como antes acontecera ao célebre D. Mabillon, o qual, todavia, a recuperou depois; o Sr. Jussieu, entretanto, não teve a mesma fortuna, e não sei se ele e eu devemos ser ambos tidos na conta de indivíduos vivos, porquanto uma surdez, que começou a molestar-me na América, tem aumentado consideravelmente, além de que há já cinco anos que perdi a sensibilidade externa nas extremidades inferiores, cuja existência só me é revelada pelas dores internas que me atormentam, quando se altera o tempo.

Assim, pois, dos onze viajantes da zona tórrida, excluídos os criados, não devem ser contados agora como existentes senão os seguintes: o Sr. Verguin, atualmente engenheiro naval em Toulon; D. Antonio de Ulloa, chefe-de-esquadra da marinha espanhola e ex-governador da Luisiana (embora nem um nem outro se vejam livres de enfermidades); e o Sr. Godin des Odonais, que acaba de chegar a Paris, após 38 anos de ausência, e que vai dar-me assunto para entreter-vos.

No mês de agosto próximo passado, recebi dele a carta que se segue a esta minha, e pela qual atendeu ele a instâncias minhas, muito insistentes, a fim de que me relatasse tudo quanto acontecera a sua esposa, que conheço desde menina, e cujas aventuras chegaram até mim por vagos rumores. Creio que o melhor, que posso fazer, é enviar-vos uma cópia da carta do Sr. Des Odonais. Por ela vereis quanto podem o valor e a constância. Não há espírito que se não sinta emocionado ao ouvir a narração da horrível

aventura de uma formosa mulher, nascida e criada no conforto, a qual, por uma série de acontecimentos superiores à prudência e previsão humanas, se viu de repente no meio de matos impenetráveis, povoados de animais ferozes e de répteis venenosos, exposta às torturas da fome, da sede e da fadiga, a errar naquela solidão durante muitos dias, depois de assistir à morte de sete pessoas que lhe faziam companhia, e que, afinal, quase prodigiosamente, escapa sozinha de todos aqueles perigos. Vereis, também quanto ficou o Sr. Godin a dever à munificência do rei de Portugal e aos oficiais encarregados de cumprir as ordens deste.

Atendendo ao desejo do Sr. Godin, o ministro benfeitor, de cuja repartição dependem as Academias,* acaba de obter para ele uma pensão (concedida por Sua Majestade, bem merecida pelo zelo e pelos trabalhos daquele nosso companheiro, durante as nossas operações, assim como por um tão prolongado desterro da pátria, para a qual não deixou nunca de trazer volvidos os olhos).

* O ministro, a quem se refere La Condamine, era o duque de la Vrillière. (Nota de B. de M.)



APÊNDICE III

CARTA
Do Sr. GODIN DES ODONAIIS
ao Sr. de La Condamine
MDCCLXXVIII



Desenho reduzido (pelo lápis do nosso patriota Carlos Batista dos Santos) do que, facsimilado do retrato devida a Cheyvard, existe no trabalho de Henri Fralderaux, citado na "Apresentação" da presente edição.

.....

Carta do Sr. Godin de Odonais ao Sr. de La Condamine

Saint-Amand (Berry), 28 de julho de 1773.

Senhor: Pedis-me uma relação da viagem, feita por minha mulher no rio Amazonas, isto é, pelo mesmo itinerário que havíeis percorrido anteriormente. Os confusos rumores, chegados até vós, concernentes aos perigos a que minha mulher se viu exposta, e dos quais unicamente ela, das oito pessoas na expedição, logrou escapar, explicam a vossa grande curiosidade. Havia eu resolvido não falar jamais de tal ocorrência – tão dolorosa é para mim recordá-la –, mas a título, que invocais, de meu antigo companheiro de viagem (título que me honra), a co-participação que tomais em tudo quanto nos diz respeito, e as provas de amizade que me dais, não permitem recusar-vos a narração que deseiais.

Tendo saído de Caiena a 21 de abril, desembarcamos em La Rochelle a 26 de junho último (1773), tendo durado, portanto, 65 dias a nossa travessia oceânica. Apenas chegados, perguntei por vós e soube, com pesar, que ali não estáveis, desde quatro ou cinco meses atrás. Minha mulher e eu chorávamos a vossa ausência; mas não tardamos a enxugar, com a maior alegria possível, as nossas lágrimas, ao verificar que em La Rochelle se lê menos os periódicos literários e as notícias das Academias do que as gazetas comerciais. Recebei, Senhor, a nossa visita, extensiva a vossa esposa, a quem vos rogamos apresenteis os nossos respeitos.

Deveis estar lembrado de que, na última vez em que tive a fortuna de ver-vos, em 1742, quando partistes de Quito, eu vos disse que

esperava perlustrar a mesma rota que íeis empreender, isto é, a do rio das Amazonas, não só pelo desejo, que eu nutria, de conhecer tal itinerário, como também para proporcionar a minha mulher o caminho mais cômodo para ela, evitando-lhe uma extensa viagem por via terrestre num país erizado de montanhas e no qual são as mulas o único veículo. Fizeste-me o obséquio, no transcurso de nossa navegação, de ir dando aviso às missões espanholas e portuguesas, estabelecidas às margens do grande rio, de que um dos vossos camaradas provavelmente vos seguiria por ali, e tal recomendação ainda era recordada nas mesmas, muitos anos depois de vossa partida.

Minha mulher ardia em desejos de volver à França; mas os filhos, vindos ao mundo com tanta regularidade, não me consentiram expô-la, durante os primeiros anos, a uma viagem tão longa. Pelos fins de 1748, recebi notícia da morte de meu pai, e, vendo que era imprescindível pôr em ordem os negócios da família, transladei-me sozinho para Caiena, descendo o grande curso de água e dispondo tudo para que minha mulher seguisse comodamente o mesmo caminho. Em março de 1749, parti da província de Quito, deixando minha mulher em estado interessante. Cheguei a Caiena em abril de 1750. Escrevi imediatamente ao Sr. Rouillé, então ministro da Marinha, rogando-lhe que me obtivesse passaporte e recomendações da Corte de Portugal para subir novamente o Amazonas, ir buscar a minha família e trazê-la depois pela mesma via líquida.

Qualquer pessoa, Senhor, ficaria surpresa de que eu houvesse empreendido tão ligeiramente uma viagem de 1.500 léguas, unicamente para fazê-la de novo; mas vós sabeis muito bem que, naquele país, naquela porção do Novo Mundo, as viagens exigem menos preparativos do que na Europa. As que eu tinha realizado em doze anos por ali, reconhecendo o terreno do meridiano de Quito, pondo sinais nas mais altas montanhas e chegando até Cartagena de Índias, me haviam servido de lição. Aproveitei o ensejo para enviar muitos exemplares de história natural ao jardim do Museu do Rei, entre os quais sementes de Salsaparrilha,¹ cinco espécies

¹ A salsaparrilha, mais conhecida no Brasil pelo nome de Japocanga, é a *Smilax* da família das "Asparagíneas", abundante no México, no Peru e em nosso país, principalmente no Pará e no Amazonas. Por se lhe atribuírem virtudes anti-sifilíticas, entrou até em nosso comércio de exportação. (Nota de B. de M.)

de bítua,² assim como uma gramática da língua dos incas, impressa em Lima, esta última de presente ao Sr. Buffon, que não me participou havê-la recebido.

Pela resposta com que honrou o Sr. Rouillé, soube eu que a Sua Majestade houve por bem que o governador e o intendente de Caiena me recomendassem às autoridades do Pará. Foi então que vos escrevi, Senhor, e que tivesse a bondade de solicitar os meus passaportes; mandastes-me também uma carta de recomendação do comandante Lacerda, ministro de Portugal em França, para o governador do Pará, assim como uma carta do padre De La Ville, na qual vos informava que os meus passaportes, expedidos de Lisboa, tinham sido remetidos para Belém do Pará. Pedindo notícia dos mesmos ao governador dessa praça, respondeu-me que nada sabia. Escrevi então novamente ao Sr. Rouillé, que já não era mais ministro. E, depois disso, ainda solicitei os meus passaportes, quatro, cinco e seis vezes cada ano, sempre infrutuosamente. Muitas de minhas cartas certamente se perderam ou foram interceptadas, durante a guerra,³ disso não tenho dúvida, pois que deixastes de receber as que vos enderecei, apesar de ter eu continuado a escrever-vos. Enfim, tendo ouvido dizer que o conde de Hérouville gozava de confiança do duque de Choiseul, resolvi dirigir-me a ele, em 1765, embora não me houvesse sido dada a honra de conhecê-lo pessoalmente. Expus-lhe em poucas palavras a minha situação, suplicando-lhe que intercedesse por mim junto ao Sr. de Choiseul, para que pudesse eu obter meus passaportes. Às bondades deste nosso compatriota atribuo o êxito que consegui e a realização de minha partida; porquanto, dez meses da data de minha carta endereçada ao conde de Hérouville, vi chegar a Caiena uma galeota, fretada no Pará por ordem do rei de Portugal, com uma tripulação de trinta remadores e comandada por um capitão da guarnição de Belém, com o encargo de transportar-

2 São todas medicinais as espécies brasileiras da bítua ou abítua, quer as da família das "Menispermáceas", abítua-mirim brava ("*Botryopsis playphylla*") e herva-de-nossa-senhora ou pereira-brava ("*Cissampelos cinerascens*"), quer a da família das "Bixáceas", a abítua-de-corvo ou bítua-preta ("*Cochlospermum insigne*"), do gênero "Cóculus", aproveitada até na homeopatia. (Nota de B. de M.)

3 Godin des Odonais refere-se certamente à Guerra-dos-Sete-Anos (1756-1763), em que a França, apesar de coligada com a Áustria, a Rússia, a Suécia, a Saxônia e a Espanha, foi derrotada pela Inglaterra, que contava apenas com a Prússia. Terminou com o tratado de Paris de 1763 (chamado de "Paz Vergonhosa") em virtude do qual perdeu a França em favor da Grã-Bretanha boa porção de seu domínio ultramarino. (Nota de B. de M.)

me para ali e depois remontar o Amazonas até à primeira missão espanhola, a fim de aguardar o meu regresso e conduzir-me a Caiena com a minha família – tudo a expensas de Sua Majestade Fidelíssima, generosidade verdadeiramente real e pouco comum mesmo entre soberanos.

Sáimos de Caiena em fins de novembro de 1765, para eu ir a Oiapoc⁴ onde era minha residência, a fim de reunir o que me pertencia. Caí enfermo e com bastante gravidade. O Sr. de Rebelo, cavaleiro da Ordem de Cristo e comandante da galeota, teve a condescendência de esperar-me ali seis semanas. Verificando que não estava em condições de embarcar, e temendo abusar da paciência daquele oficial, roguei-lhe que continuasse a viagem, permitindo, porém, que em meu lugar seguisse outrem que, além de levar cartas minhas, me substituísse em cuidar do regresso de minha família.

Pensei logo em Tristán d'Oreasaval, a quem eu conhecia desde muito, e que julguei idôneo para a árdua incumbência. O invólucro, que lhe confiei, continha as ordens do geral dos jesuítas ao provincial de Quito e ao superior das Missões de Mainas, para que me proporcionassem as canoas necessárias à viagem de minha mulher. A Tristán d'Oreasaval cabia unicamente o encargo de levar os ditos papéis ao superior residente em La Laguna, capital das missões espanholas de Mainas, a quem eu rogava, enviasse as minhas cartas a Riobamba, para que minha mulher soubesse dos preparativos feitos por ordem do rei de Portugal, mediante recomendação do rei de França, a fim de conduzi-la a Caiena. Tristán d'Oreasaval nada mais tinha a fazer do que esperar em La Laguna a resposta de Riobamba.

Saiu ele imediatamente de Oiapoc, no referido barco português, a 24 de janeiro de 1766, e chegou a Loreto, primeiro estabelecimento espanhol Amazonas acima, em julho ou agosto do mesmo ano. Loreto é missão surta ali recentemente, mais abaixo da de Pevas, e que ainda não existia ao tempo em que desceste o rio em 1743, nem tampouco quando segui o mesmo itinerário em 1749, do mesmo modo que a missão de Tavatinga,⁵

4 Forte existente na foz do rio do mesmo nome, 30 léguas ao sul da cidade de Caiena. (Nota de B. de M.)

5 Mais correntes em português são as grafias Pebas e Tabatinga. (Nota de B. de M.)

fundada depois pelos portugueses, mais acima da de São Paulo que era o seu último estabelecimento no alto Amazonas. Para compreender melhor tudo isto, será conveniente ter à vista o mapa que traçastes do curso do grande rio e onde está o da província de Quito, inserto em vosso Diário histórico da viagem ao Equador. O oficial português, Sr. de Rebelo, depois de haver desembarcado a Tristán d'Oreasalval, ao invés de ir a La Laguna, capital das missões espanholas, e dali enviar ao superior as minhas cartas, entregou o invólucro a um missionário jesuíta, de nacionalidade espanhola, que estava de volta a Quito, o padre Yesquén, a quem encontrou em Loreto. Descuido imperdoável, que antes parece uma idéia maldosa! O pacote de papéis ia endereçado a La Laguna, lugar distante poucas jornadas do em que se encontrava Tristán d'Oreasalval, que o enviou a cerca de 300 léguas mais longe, além da Cordilheira,⁶ enquanto ele se deixava ficar nas missões portuguesas, para dedicar-se ao comércio. Notai que, afora diversos produtos que lhe entreguei para efeito de venda, eu lhe dei dinheiro mais que suficiente para atender a todos os gastos da viagem até às missões espanholas.

Apesar da indesculpável manobra do meu emissário, não tardou-se a propagar-se pela província de Quito um vago rumor, que logo chegou aos ouvidos de Mme. Godin, não só de que ali tinham sido chegadas cartas para ela, por intermédio de um padre jesuíta, mas ainda que haviam aportado às missões portuguesas mais altas um barco fretado por ordem de Sua Majestade Fidelíssima a fim de induzi-la a Caiena. Seu irmão, religioso agostinho, ao mesmo tempo que o padre Terol, provincial da ordem de São Domingos, agiram insistentemente junto ao provincial dos jesuítas, no intuito de obter as cartas. Avistaram-se com o missionário jesuíta, que informou havê-las entregado a outro, e este se desculpou de igual modo, alegando que as havia passado às mãos de um terceiro. E, assim, por mais diligências que se fizessem, até hoje não apareceu o pacote de minhas cartas e documentos.

Deixo à vossa consideração imaginar a inquietude em que se achava minha mulher, sem saber que decisão tomar. Discutia-se, por ali em

⁶ É a cadeia de altas montanhas, conhecidas pela denominação de "cordilheira dos Andes", a qual atravessa toda a América Meridional de norte a sul.

fora, a respeito da chegada do barco português: se uns davam crédito a tal notícia, outros duvidavam da realidade da mesma. Determinar-se a empreender uma viagem tão longa, tendo que resolver, por causa dela, tantos assuntos domésticos, entre os quais o da venda de móveis da nossa casa, e isso sem certeza alguma da grata notícia, era o mesmo que arrojarse aos braços da casualidade. Enfim, para saber como avir-se, Mme. Godin resolveu enviar às missões um negro de toda a confiança. Acompanhado de alguns índios, partiu prontamente o mesmo, e, depois de haver percorrido parte do caminho, teve que regressar, por motivo de uma detenção que lhe foi exposta, à casa de sua patroa, a qual o enviou pela segunda vez ao destino colimado, então com ordens formais e maiores precauções. Vencendo os naturais obstáculos, conseguiu o negro chegar a Loreto, onde ainda encontrou Tristán d'Oreasalval, com quem se entendeu. Regressou, portanto, com a boa nova de que era certa a chegada do barco e de que o meu emissário estava em Loreto.

Foi então que Mme. Godin se decidiu a pôr-se em caminho, vendendo quantos móveis pôde e deixando a cargo de seu cunhado os demais, assim como a nossa casa de Riobamba, o jardim e terras de Guaslém e outras terras entre Gualté e Maguazo. Podeis calcular quanto tempo foi o que transcorreu, desde o mês de setembro de 1766, em que foram entregues as minhas cartas ao missionário jesuíta, a longa viagem deste a Quito, as tentativas para obter o pacote que andou de mão em mão, a positividade dos rumores propagados pela província de Quito e que chegaram até Mme. Godin em Riobamba, as incertezas dela, as duas viagens do negro a Loreto e seu retorno a Riobamba, a alienação do mobiliário de uma casa e os preparativos de uma viagem tão extensa... Por todos esses motivos, não pôde minha mulher partir de Riobamba, que está a 40 léguas ao sul de Quito, senão a 1º de outubro de 1769.

O boato da chegada do navio português atingiu a Guaiaquil e às costas do Mar do Sul, tanto que o Sr. R, que se intitulava médico francês, vindo do alto Peru e pretendendo ir a Panamá ou Porto Belo, em busca de um barco para passar a São Domingos ou à Martinica, senão a Havana, e dali regressar à Europa, fez escala em Guaiaquil, na ponta de Santa Helena, onde soube que uma senhora de Riobamba estava em vésperas de partida para o rio das Amazonas, onde embarcaria em uma galeota fretada por

ordem do rei de Portugal, para conduzi-la para a Caiena. E então o Sr. R mudou de itinerário: subiu o rio Guaiaquil e veio ter a Riobamba, onde pediu a Mme. Godin se dignasse a conceder-lhe passagem, comprometendo-se a cuidar-lhe da saúde e a ter para com ela toda sorte de atenções. Minha mulher respondeu-lhe, desde logo, que não podia mandar no barco que estava à disposição dela. Recorreu o Sr. R aos dois irmãos de Mme. Godin, e ela, atendendo-lhes as insistências, com base na utilidade de um médico em viagem tão dilatada, acabou por consentir em admiti-lo em sua companhia. Não titubearam em seguir com minha mulher seus dois citados irmãos, que precisavam de chegar com presteza à Europa: um era chamado a Roma por assuntos de sua Ordem; e o outro dirigia-se à Espanha, a fim de tratar de negócios particulares, levando este último um filho de nove ou dez anos, que se destinava a receber educação em França.

O Sr. de Grandmaison, meu sogro, seguiu antes de todos, com o objetivo de preparar tudo quanto pudesse facilitar a viagem de sua filha até o lugar de embarque, do outro lado da grande cordilheira. A princípio, depararam-se-lhes alguns obstáculos por parte do presidente e capitão-general da província de Quito. Deve ser do vosso conhecimento, Senhor, que a via amazônica está proibida pelo rei da Espanha; mas tais dificuldades cessaram prontamente, desde que meu sogro lhe apresentou um passaporte do vice-rei de Santa-Fé,⁷ d. Sebastián de Estava (obtido por mim, quando regressei de Cartagena, aonde fui enviado para resolver certos assuntos de nossa comissão em 1740), mediante o qual se nos deixava a livre escolha da rota que nos parecesse mais conveniente; também o governador espanhol da província da Mainas e de Omañas, prevenido da próxima chegada de minha mulher, teve a cortesia de enviar-lhe ao encontro uma canoa com víveres, tais como frutas, laticínios e outras coisas, a qual a alcançou a pouca distância do povoado de Omañas; mas, quantas contrariedades, quantos horrores deviam preceder a este ditoso momento!

Minha mulher saiu de Riobamba (onde residia), com sua comitiva, a 1º de outubro de 1769. Chegaram a Cañelos, embarcadouro no

⁷ Devia ter escrito “vice rei de Nova Granada”, sendo o topônimo acima a designação espanhola da capital do vice-reino, Santa Fé de Bogotá. (Nota de B. de M.)

ribeirão Bohonasa, afluente do Pastaça, como este é do Amazonas. O Sr. de Grandmaison, que os havia precedido de quase um mês, encontrara naquela aldeia toda a sua povoação, e dali continuara o caminho, a fim de contratar tripulações em todos os sítios por onde tinha de passar sua filha e que deveriam servir a esta. Sabendo ele que minha mulher vinha acompanhada de seus irmãos, de um médico, de um negro e de três criadas mulatas ou índias, prosseguiu a viagem até às missões portuguesas. Naquele entretanto, uma epidemia de varíola (enfermidade que os europeus levaram para a América e mais funesta aos índios do que é a peste no Extremo Oriente, a qual não conhecem) forçara a emigrar da aldeia de Cañelos os seus habitantes, que tinham visto morrer os primeiros atacados do morbo, enquanto os outros se dispersavam pelas matas longínquas, onde cada um deles tinha o seu *abatís*, uma espécie de casa de campo. Obtivera minha mulher uma escolta de trinta e um índios, destinada a transportá-la com a respectiva bagagem. Sabeis que aquela vereda – a mesma trilhada por d. Pedro Maldonado, que também, para onde havíeis chamado – não é transitável nem sequer por mulas: as pessoas que podem caminhar, fazem-no a pé, e as demais são carregadas às costas de índios. Os que Mme. Godin havia trazido e aos quais pagara adiantadamente, consoante o mau costume do país e originado da desconfiança, algumas vezes bem fundada, daqueles desgraçados, apenas chegaram a Cañelos, abandonaram-na sem dizer tir-te nem guar-te, ou por temerem o contágio das bexigas, ou por medo de que fossem obrigados a embarcar, pois nunca tinham visto uma canoa, senão de longe. Não preciso de excogitar melhores razões para explicar-lhes a deserção, pois que vós mesmo sabeis quantas vezes nos abandonaram nas montanhas, durante o curso de nossos trabalhos, sem o menor pretexto. Que resolução havia de tomar minha mulher, em tais conjunturas? Ainda que lhe fosse possível retroceder, o desejo de chegar ao barco, enviado a recebê-la por ordem de dois soberanos, e o anseio de tornar a ver o esposo após vinte anos de ausência, compeliram-na a desafiar todos os obstáculos, no extremo a que se vira reduzida.

Na referida aldeia, não havia mais que dois índios ilesos do contágio variólico, e nenhum deles possuía canoa. Prometeram fabricar uma e nela conduzir minha mulher até à missão de Andoas, quase doze jornadas mais aquém, rio Bobonosa abaixo, distância aquela que pode ser calculada

em 140 ou 150 léguas. Mme. Godin pagou-lhes tudo adiantadamente, e, acabada a canoa, saiu de Cañelos a comitiva. Após dois dias de navegação, fizeram uma parada, para pernoite mais descansado. Na manhã seguinte, haviam desaparecido os dois índios. A mal-afortunada comitiva voltou a embarcar-se sem guia algum. A primeira jornada transcorreu sem acidente. No dia seguinte, ao pino do sol, deram com uma canoa amarrada em um pequeno porto perto de um *carbet*,⁸ e deparou-se-lhes ali um índio convaléscente, que se dispôs a servir-lhes de timoneiro. No terceiro dia, havendo caído no rio o chapéu do Sr. R, atirou-se à água, para apanhá-lo, o velho índio, que, não tendo forças para alcançar a margem, ali pereceu afogado. Desapercebida, assim, de timoneiro e dirigida por pessoas que ignoravam a mais simples manobra, a canoa não tardou a encher-se de água, o que forçou a comitiva a saltar em terra e a construir um *carbet* ou cabana. Não estavam, entretanto, senão a cinco ou seis jornadas de Andoas. Ofereceu-se então o Sr. R para ir até aquela aldeia, partindo com outro francês, seu companheiro, e com o fiel negro de Mme. Godin, a qual o cedeu aos mesmos, a fim de que os ajudasse, notando-se que o Sr. R teve o bom cuidado de levar tudo quanto lhe pertencia. Reprochei depois a minha mulher o não haver enviado também um de seus irmãos, em companhia do Sr. R, a pedir socorro em Andoas; revidou-me ela, porém, que nenhum deles quis mais embarcar naquela canoa, após o acidente anterior. Ao despedir-se, o Sr. R havia prometido a Mme. Godin e a seus irmãos que, antes de 15 dias, receberiam uma canoa e índios. Em vez de 15 dias, passaram-se 25 dias; e, tendo perdido a esperança de tal socorro, fizeram uma balsa, na qual se embarcaram com alguns víveres e bagagens.

Mal dirigida também, a balsa não tardou a dar de encontro com uma galhada submersa e virou-se: perdeu-se a bagagem, assim como os víveres, e toda gente caiu na água. Felizmente não pereceu ninguém ali, graças à pouca largura do rio naquele ponto. Mme. Godin, depois de dois mergulhos, foi salva por seus irmãos. Reduzidos a uma situação ainda mais contristadora do que a anterior, tomaram a deliberação de seguir todos

⁸ É este o nome pelo qual, em nossas ilhas coloniais e no Canadá, são designadas as choças que servem de morada aos selvagens e de refúgio aos viajantes. Os espanhóis chamam-lhes ranchos.

juntos e a pé, pela beira do rio. Empreendimento vão! Bem sabeis, Senhor, que as margens daqueles cursos de água estão sempre cobertas de opulenta vegetação silvestre, constituída de ervas, lianas e arbustos, por entre os quais só se pode abrir passagem de facão em punho, perdendo-se muito tempo. Voltaram, por isto, ao seu último *carbet*, carregaram os víveres que haviam deixado ali, e retomaram a caminhada. Logo averiguaram que, seguindo pela beira do rio, as sinuosidades destes aumentavam muito o percurso, e, a fim de evitar esse inconveniente, meteram-se no bosque, onde se perderam poucos dias depois.

Fatigados por tantas marchas incômodas através o mais espesso da selva, feridos e chagados os pés pelas sarças e espinhos, acabados os víveres, atormentados pela sede, não tinham mais com que alimentar-se, senão com frutos silvestres e palmitos. Esgotadas, enfim, as forças, pelo cansaço e pela escassa nutrição, sentam-se em terra e não podem mais levantar-se. Quase todos soltam ali os últimos alentos: em três ou quatro dias, expiram uns após outros. Mme. Godin, aturdida junto a seus irmãos e a outros cadáveres, ali permaneceu quarenta e oito horas, extraviada, aniquilada, torturada de contínuo pela mais ardente sede. Mas a Providência, que queria conservá-la, deu-lhe valor e força para arrastar-se mais além e ir encontrar a salvação que a aguardava. Descalça, cortou os sapatos dos irmãos e atou aos pés as respectivas solas; seminua, mal lhe cobriam o corpo a mantilha e a camisa, reduzidas a farrapos pelas sarças. As sete outras pessoas de infortuosa expedição expiraram entre 25 e 30 de dezembro de 1769, pouco mais ou menos, a julgar por dados posteriores bem comprovados e pelo que me contou a única que escapou da morte. Nove dias depois de haver abandonado o lugar em que viu seus irmãos e criados exalar o derradeiro suspiro, chegou ela à margem do Bobonasa. Bem verossímil é que o tempo lhe parecesse maior. Como, em tal estado de esgotamento e de penúria, pôde conservar a vida uma frágil mulher, educada com delicadeza e conforto?

Assegurou-me minha mulher que esteve sozinha na mata dez dias, dois dos quais ficou ao lado de seus irmãos mortos, esperando ela também os seus últimos momentos, e os outros oito andou errante, arrastando-se daqui para acolá. A recordação do interminável e horrível espetáculo de que havia sido testemunha, o pânico da solidão e da noite num

deserto, o pavor da morte sempre presente – medo que a cada instante se redobrava – causaram-lhe tal impressão, que seu cabelo encaneceu. Só ao segundo dia de arrastada marcha, encontrou água; e, nos seguintes, depararam-se-lhes frutos silvestres e alguns ovos de cor verde, que ela não conhecia, porém, que, pela descrição que me faz, devem ter sido de uma espécie de perdiz.⁹ Engoliu-os com dificuldade tanto se lhe havia estreitado o esôfago, por motivo da privação de alimentos. Todavia, os que casualmente achou bastaram a sustentar-lhe o esqueleto. Já era tempo, contudo, de que recebesse o socorro que o destino lhe reservava.

Se lêsseis numa novela que certa mulher delicada, afeita a gozar de todas as comodidades da vida, foi arremessada desastrosamente ao fundo de um rio, donde a tiraram semi-afogada; que, com outras sete pessoas, penetrou numa floresta espessa e ínvida, pervagando ali muitas semanas; que, perdendo-se nela, sofreu fome, sede e fadiga até ao esgotamento das forças físicas; que ali assistiu à morte de dois irmãos, muito mais robustos do que ela, de um sobrinho mal saído da infância, de três raparigas, fâmulas suas, e de um jovem criado do médico que os deixara pouco antes; que sobreviveu a essa catástrofe; que ali ficou sozinha, dois dias e duas noites, entre os cadáveres, numa selva onde abundam tigres e serpentes muito perigosas,¹⁰ sem, todavia, haver encontrado nunca um só de semelhantes animais; e que, reerguendo-se animosa, coberta de farrapos, tornou a pôr-se em marcha por aquela mata sem vestígios de senda, até chegar, oito dias depois, às margens do Bobonesa: acusaríeis certamente o autor de tal obra de haver faltado à verossimilhança. Um historiador, porém, não deve transmitir a seus leitores mais do que a simples verdade. Tudo que acabo de expor-vos está comprovado pelas cartas originais, que possuo, de muitos missionários do Amazonas, os quais tiveram intervenção neste triste acontecimento; e do mesmo guardei sobejas provas, como vereis pela continua-

⁹ Ao menos é esse o nome que dão os espanhóis a tal caça, bastante comum nos países cálidos da América. (Nota do autor.)

Os ovos de perdiz (*Rhinchotus refescens*) da família dos “Tinamídeos” são do tamanho dos da galinha, mas cinzento-escuros ou cor de chocolate. (Nota de B. de M.)

¹⁰Vi naquelas paragens onças, uma espécie de tigre preto e dos mais ferozes. Ali também há serpentes das espécies mais venenosas, como a cascavel, a que os espanhóis chamam “coral” e a famosa balalu, que em Caiena é conhecida por “Serpent-grage”.

ção deste relato. Não teriam ocorrido tais desditas, se Tristán d'Orealsaval não houvesse sido um emissário infiel. Se, ao invés de deixar-se ficar em Loreto, tivesse levado minhas cartas ao superior das missões, residente em La Laguna, minha mulher, do mesmo modo que seu pai, encontraria povoada de índios a aldeia de Cañelos, onde estaria pronta uma canoa, para que continuasse ela a viagem.

No oitavo ou nono dia, pelos cálculos de Mme. Godin, foi que, depois de ter saído do lugar da lúgubre cena, alcançou ela, de novo, as margens do Bobonasa. Ao romper a alva, ouviu ruído a coisa de duzentos passos do lugar onde parara. Um primeiro impulso de pavor fê-la de pronto inter-nar-se no mato; mas refletindo em que nada pior do que a situação em que se achava poderia acontecer-lhe e que, portanto, nada havia a temer, achegou-se à beira do rio, ali avistando dois índios, que arrastavam para a água uma canoa. É costume, quando se salta em terra para pernoitar, virar total ou parcialmente as canoas, a fim de evitar-lhes acidentes; com efeito, se se rompessem durante a noite, as amarras de uma canoa a flutuar no rio, lá se iria ela águas abaixo, e que seria dos que ficaram a dormir tranqüilamente em terra? Avistando Mme. Godin, dirigiram-se os índios para o ponto onde ela estava. Rogou-lhes ela que a conduzissem para Andoas. Ora os índios, afastados desde muito de Cañelos, donde, com suas mulheres, fugiram do contágio da variola, vinham de um *abatís* longínquo que possuíam, e dirigiam-se precisamente para Andoas. Receberam minha mulher com demonstrações de afeto, cuidaram dela e levaram-na para a referida aldeia. Houvesse ela podido passar ali alguns dias, para descansar, quão benfazejo não lhe seria isso, como vos será fácil imaginar. Indignada, porém, com o procedimento do missionário, a cuja mercê se encontrava, e com o que, por essa mesma razão, se viu obrigada a fingir, não quis prolongar a sua estada em Andoas; nem sequer houvera pernoitado ali, se isso dependesse apenas dela.

Acabavam de sofrer um grande golpe as missões da América espanhola, dependentes de Lima, de Quito, de Charcas e do Paraguai, fundadas e dirigidas pelos jesuítas, desde um ou dois séculos atrás. Uma ordem repentina da corte de Madri expulsou-os de todos os seus colégios e de todas as suas missões. Depois de detidos todos eles, foram embarcados e transportados até aos Estados do Papa. O acontecimento, contudo, não causou mais transtorno do que o que pudera ocasionar a troca de um pároco

de aldeia. Os jesuítas foram substituídos por sacerdotes seculares, e secular era também o que desempenhava as funções de missionário em Andoas, e do qual até o nome eu me esforço por olvidar. Mme. Godin, sem recursos pecuniários e não sabendo como testemunhar seu agradecimento aos dois índios que lhe haviam salvado a vida, lembrou-se de que ainda trazia ao pescoço, em conformidade com a moda do país, dois cordões de ouro, que pesavam quatro onças; deu um deles a cada índio e os seus salvadores viram em tal presente um céu aberto; mas o missionário, mesmo em presença de minha mulher, apoderou-se dos cordões, e, em lugar dos mesmos, entregou aos índios três ou quatro anas¹¹ do pano grosso de algodão muito alvo, que, como sabeis, é fabricado naquela região e ao qual dão o nome de tucuyo. Tão irritada ficou a minha mulher, ao ver semelhante intimidade, que no mesmo instante pediu uma canoa, com a respectiva equipagem, e partiu no dia seguinte para La Laguna. Uma índia de Andoas fez-lhe uma saia de algodão, que Mme. Godin mandou pagar-lhe logo que chegou a La Laguna, e que ainda conserva preciosamente, assim como as solas dos sapatos de seus irmãos, por ela transformados em sandálias, tristes lembranças, que chegaram a ser-me tão queridas, quanto a ela própria.

Enquanto minha mulher vagava na selva, o seu negro fiel remontava o rio, com índios que encontrara em Andoas para ir-lhe em socorro. O Sr. R., mais preocupado com os seus negócios pessoais do que com o aprestamento de canoa que devia salvar a vida a seus benfeitores, apenas chegou a Andoas dali partiu, com o seu camarada e a sua bagagem, e dirigiu-se para Omáguas. O preto, porém, lá se foi ter ao *carbet*, onde havia deixado sua ama e os irmãos dela. Seguindo-lhes os rastros pela mata, ele e os canoeiros foram encontrar os sete cadáveres, já decompostos e tão desfigurados, que, persuadidos de não haver escapado à morte pessoa alguma da expedição, retornaram ao *carbet*, recolheram ali tudo quanto encontraram e regressaram a Andoas, antes da chegada de minha mulher. O negro, convencido da morte de sua patroa, foi procurar em Omáguas o Sr. R, a quem entregou todos os objetos a seu cargo. O Sr. R não ignorava que o Sr. De Grandmaison estava em Loreto, onde aguardava impaciente a seus filhos.

¹¹ Ana (o mesmo que o francês *aune* ou *aulne*, pois tem por étimo o antigo vocábulo alemão *élna*, “antebraço”) corresponde a um metro e vinte centímetros. (Nota de B. de M.)

Tenho à vista uma carta de Tristán d'Oreasaval, provando também que meu sogro, informado da chegada do negro Joaquim, pediu àquele o procurasse e lho mandasse. O certo, porém, é que nem Tristán nem o Sr. R. houveram por bem de atender a meu sogro, e até o Sr. R., longe de acudir-lhe ao desejo, por si e ante si despachou o preto para Quito, a fim de que fosse ali o depositário da bagagem que lhe havia trazido de Andoas.

Bem sabeis, Senhor, que La Laguna não está precisamente à beira do Amazonas, porém algumas léguas mais acima, no Guallaga, um dos rios que acaudalam aquele com suas águas. Joaquim, despachado pelo Sr. R., não se preocupou de procurar em La Laguna a sua ama, a quem tinha na conta de morte, e lá se foi diretamente para Quito. Foi assim que perdemos o referido negro. Não seríeis capaz de imaginar quais as razões que me alegou depois o Sr. R. para desculpar-se de haver afastado definitivamente de nós a um criado tão fiel e que nos fez tanta falta.

– “Temia eu – disse-me ele – que o preto me assassinasse.”

– “Como podíeis – repliquei-lhe – nutrir tal suspeita de um homem, cujo zelo e fidelidade conhecíeis, e com quem havíeis navegado durante tanto tempo? Se receáveis que ele vos mirasse com maus olhos, por imputar-vos a morte de sua ama, por que não o enviastes ao Sr. De Grandmaison, que o reclamava e estava tão perto dali? E por que, ao menos, não o fizestes encarcerar? Estáveis na residência do governador de Omáguas, o qual certamente atenderia a semelhante solicitação.”

De tudo isto tenho certidão, firmada pelo Sr. d'Albanel, comandante do forte de Oiapoc, em cuja presença fiz os aludidos reproches ao Sr. R., e a dita certidão acha-se legalizada pelo juiz de Caiena.

No entretantes, Mme. Godin, na canoa tripulada pelos índios de Andoas, havia chegado a La Laguna, onde foi recebida, com toda a afabilidade possível, pelo Dr. Romero, novo superior das missões. Durante cerca de seis semanas que ela esteve ali, não se esqueceu ele de meio algum de bom tratamento para restabelecer-lhe a combalida saúde e para distraí-la da constante recordação de suas desditas. O primeiro cuidado do Dr. Romero

foi despachar um próprio ao governador de Omáguas, avisando-o da chegada de Mme. Godin e do grave estado de esgotamento nervoso em que a mesma se encontrava. Inteirado também dessa nova, o Sr. R, que com ela se havia anteriormente comprometido a cumulá-la de atenções, não pôde deixar de ir vê-la, entregando-lhe, então, quatro pratos de ouro, um jarro, uma saia de veludo, outra de pano de Pérsia e ainda outra de tafetá, assim como alguma roupa branca, tanto dela, quanto dos irmãos. Informou-a de que o restante havia apodrecido. Esqueceu-se de que braceletes e relicários de ouro, bem como pingentes de esmeralda e caixas de rapé não apodrecem, do mesmo modo que outros objetos que haviam ficado em seu poder.

– “Se me houvésses recambiado meu negro – obtemperou-lhe Mme. Godin – por ele teria eu sabido do destino dos objetos que encontrou no *carbet*. A quem quereis agora que eu peça conta dos mesmos? Sai da minha presença, Senhor! Não posso olvidar que sois o autor de minhas desditas e de minhas perdas. Continuai sozinho a vossa viagem, pois não posso aceitar a vossa companhia.”

Razões de sobra tinha minha mulher para assim proceder; mas os rogos do Dr. Romero, a quem nada podia recusar, fazendo-lhe ver que, se mandasse embora ao Sr. R, não saberia como agir, triunfaram de sua repugnância, consentindo, por fim, em que o Sr. R a acompanhasse.

Quando Mme. Godin se restabeleceu algum tanto, o Dr. Romero escreveu ao Sr. de Grandmaison que sua filha já estava fora de perigo e que ia chamar Tristán d’Oreasaval, a fim de que este a conduzisse dali até a bordo do barco português. Escreveu também ao governador, dizendo-lhe o que havia feito por Mme. Godin, de que enaltecia o valor e a piedade, e que ia encetar novamente uma longa e penosa viagem, pois que, embora já houvesse percorrido quatrocentenas léguas e pico, faltava ainda perlustrar quatro ou cinco vezes outro tanto, para atingir a Caiena; que ela, mal escapa da morte, ia expor-se a novos perigos; que lhe havia prometido fazê-la reconduzir, com toda a segurança, até Riobamba, residência dela, porém, que lhe respondera estranhar tal proposta, pois, se Deus a preservar, a ela só, dos horrores em que sucumbiram todos os seus companheiros, não tinha outro desejo senão reunir-se a seu marido, havendo-se posto em caminho com essa exclusiva

intenção, e que acreditaria contrariar os desígnios da Providência, tornando inútil o socorro que recebera de seus dois amados índios e das mulheres dos mesmos, assim como todos os auxílios que o próprio dr. Romero lhe havia prodigalizado; que a todos devia a vida, e só Deus os poderia recompensar.

Eu sempre quis muito a minha mulher; mas semelhantes sentimentos, por ela expressos, obrigaram-me a juntar o respeito à ternura.

O Dr. Romero, depois de haver esperado em vão a chegada de Tristán d' Oreasaval, fretou uma canoa e ordenou que a mesma transportasse Mme. Godin até a bordo do navio português, sem se deter em lugar algum. Ao saber o governador de Omáguas que minha mulher desceria o rio, sem parar em parte alguma, ao encontro dela enviou uma canoa com algumas provisões.

Tendo também recebido aviso da descida de Mme. Godin, o comandante português, Sr. de Rebelo, fez subir o rio uma piroga, guarnecida por dois de seus soldados e abastecida de víveres, a fim de socorrer a minha mulher. Alcançaram-na na aldeia de Pevas. O oficial português, para executar mais exatamente ainda as ordens do rei seu soberano, fez subir o seu barco, dobrando-lhe o número de remeiros, até a missão espanhola de Loreto, onde recebeu a bordo minha mulher. Assegurou-me esta que, desde esse instante até Oiapoc, numa distância de quase mil léguas, não lhe faltaram as comodidades mais refinadas, nem os manjares mais delicados, como não lhe era lícito esperar, e do que não há exemplos em navegação semelhante: provisões de vinhos e licores, levados especialmente para ela, que, todavia, não os provou; abundante caça e pesca, proporcionados por duas canoas, que precediam a galeota. O governador do Pará,¹² além de mais víveres, ainda mandou ordens para que fosse ela bem acolhida em todos os portos fluviais.

Esquecia-me de dizer-vos que os sofrimentos de minha mulher não haviam ainda acabado: estava ela ameaçada de perder o polegar de uma das mãos. Os espinhos, que no mesmo se haviam cravado, quando ela andou a arrastar-se pelo mato, deram origem a um tumor, por não terem

12 O Governador do Estado do Maranhão, que compreendia o Grão-Pará, era, então, Fernando da Costa de Ataíde Teive (1763-1772). (Nota de B. de M.)

sido totalmente extraídos; o tendão e até o osso haviam sofrido as conseqüências da inflamação; e chegou-se a pensar na amputação do dedo. Entretanto, à força de cuidados e de unguentos, teve ela a fortuna de não perder o dito polegar, porém não sem sofrer em São Paulo¹³ uma operação, mediante a qual lhe extraíram algumas esquirolas, perdendo, além disso, a articulação do dedo. Dali continuou a galeota em rumo à fortaleza de Gurupá,¹⁴ que bem conheceis, a quase 60 léguas mais acima de Belém. O Sr. de Martel, cavaleiro da Ordem de Cristo e comandante da guarnição do Pará, chegou no dia seguinte, por ordem do governador, para assumir o comando da galeota e conduzir Mme. Godin até ao forte do Oiapoc. Logo após haver deixado a foz do Amazonas, em certo ponto da costa onde as correntes são mais violentas,¹⁵ perdeu o navio uma das âncoras, e, como seria imprudente expor-se o barco às ondas com uma só, enviou o comandante a sua chalupa a Oiapoc, em busca de auxílios, que prontamente lhe foram enviados.

Inteirado então de tudo que se passava, saí do porto de Oiapoc numa galeota da minha propriedade, na qual prolonguei a costa, pela travessia de Maiacaré, a fim de alcançar o barco que eu ansiosamente esperava; e quatro dias mais tarde, a bordo do mesmo – depois de vinte anos de ausência, de sobressaltos, de contratempos e de recíprocas desditas – recuperei minha querida esposa, que eu chegara a pensar não ver jamais. Olvidei em seus braços a perda dos frutos do nosso consórcio, da qual a mim mesmo me felicito porquanto a sua morte prematura os salvou da sorte funesta que os esperava, assim como a seus tios, nas selvas de Cañelos, à vista de sua mãe, que seguramente não houvera sobrevivido ao terrível espetáculo.¹⁶

13 São Paulo de Olivença, a maior das seis aldeias fundadas, no decorrer do século XVI, pelo padre jesuíta Samuel Fritz, que a batizou tão-somente com o nome dos apóstolos dos gentios (Nota de B. de M.)

14 Trata-se de Guarupá, primitiva aldeia de tupinambás, a qual teve o predicamento de vila em 1639, passando a ser administrada, a partir de 1692, pelos frades capuchinhos. Obteve a regalia de cidade em 1856. Tem cerca de 10.000 km² e conta perto de 25.000 habitantes o seu município criado em 1833. (Nota de B. de M.)

15 É a foz de um rio, cujo nome indígena foi corrompido em Caiena para Carapá-Podre.

16 Minha última filha entre os 18 e 19 anos de idade foi vitimada pela varíola, 18 meses antes da saída de sua mãe de Riobamba. Nasceu três meses depois da minha retirada da província de Quito: e foi por uma carta vossa (datada de Paris e que recebi em Caiena em 1752) que tive semelhante notícia.

Ancoramos em Oiapoc a 22 de julho de 1770. Tive ensejo de apreciar a convivência do Sr. de Martel, oficial distintíssimo, tanto por sua cultura intelectual quanto por seus predicados pessoais: conhece muito bem quase todas as línguas da Europa, além do latim, e poderia figurar em esfera mais alta do que a da guarnição do Grão-Pará. É de origem francesa, da ilustre família cujo apelido usa. Tive o prazer de contá-lo em minha companhia, durante quinze dias, em Oiapoc, para onde o Sr. de Fiedmond, governador de Caiena (a quem o comandante daquele forte participara por um próprio a nossa chegada), enviara logo um barco com víveres frescos. Querenou-se ali, que bem necessitava ela disso, galeota portuguesa a qual recebeu também velame apropriado, para poder remontar a costa contra as correntes oceânicas. O comandante de Oiapoc pôs a serviço do Sr. de Martel um piloto, prático daquele litoral, a fim de acompanhá-lo até à fronteira. Propunha-se levá-lo até ali em minha galeota; ele, porém, não me permitiu acompanhá-lo senão até ao cabo de Orange. Despedi-me dele com todos os sentimentos que me haviam inspirado, assim como a minha mulher, o nobre proceder e as requintadas atenções que ela e eu recebemos de tão distinto oficial e da sua generosa nação.

A isso, todavia, já estava eu acostumado, desde a minha viagem anterior. Com efeito, consoante o que já tive oportunidade de dizer-vos, quando descí o Amazonas em 1749, sem outra recomendação para os portugueses senão o recordarem-se eles da notícia, que havíeis propagado por ocasião de vossa passagem por ali em 1743 – de que um dos vossos companheiros de expedição seguiria em breve aquela mesma rota –, fui recebido em todos os estabelecimentos brasileiros, pelos missionários e pelos comandantes de fortalezas, com toda a hospitalidade possível. Ao passar por São Paulo, comprei uma canoa, na qual descí o rio até ao forte de Curupá, donde escrevi ao governador do Grão-Pará, o Sr. Francisco Mendonza Gorjão,¹⁷ participando-lhe minha chegada e pedindo permissão para passar de Curupá a Caiena, aonde eu pensava chegar diretamente.

¹⁷ Já anotávamos atrás que os dois primeiros topônimos correspondem a São Paulo de Olivença e Gurupá. Ainda existia o Estado do Maranhão (só dissolvido por Pombal em 1775), e do mesmo, que abrangia a capitania do Grão-Pará, era governador Francisco de Mendonça Gorjão, que o administrou de 1747 a 1751.

Honrou-me ele com uma resposta tão cortês, que não vacilei em interromper a viagem, fazendo uma grande volta, a fim de ir expressar-lhe os meus agradecimentos e apresentar-lhe os meus respeitos. Recebeu-me de braços abertos, deu-me hospedagem, não permitiu que me sentasse a outra mesa senão à sua, reteve-me ali oito dias, e não consentiu em minha saída, antes que ele também partisse para São Luís do Maranhão, onde ia fazer uma visita de inspeção.

Depois que nos separamos, subi a Curupá em minha canoa, escoltada por outra maior, a qual me havia sido fornecida pelo comandante daquele forte, para eu ir a Belém, que, como haveis esclarecido, está junto a um grande rio, o qual enganosamente se tomou pelo braço direito do Amazonas, ao passo que com este o rio Pará comunica por um canal natural, escavado pelas marés e chamado Tajipurú. Deparou-se-me em Curupá, onde estava ela à minha espera, uma piroga grande, de 14 remos, fretada por ordem do governador do Grão-Pará e comandada por um sargento da respectiva guarnição: destinava-se a levar-me a Caiena, aonde cheguei por Macapá,¹⁸ costeando a margem esquerda do Amazonas até à sua foz, sem haver dado, como vós, a volta pela grande ilha de Joanes ou de Marajó.¹⁹ Depois de semelhante gentileza, recebida sem recomendação expressa, que é que eu não devia esperar, havendo-se dignado Sua Majestade Fidelíssima de dar ordens precisas, a fim de ser enviado um barco até à fronteira de seus Estados, destinando-se o mesmo a receber a minha família e a transportá-la dali até Caiena?

Retomo o fio do meu relato. Depois de despedir-me do Sr. De Martel no cabo de Orange, com todas as demonstrações peculiares de marinheiros em casos semelhantes, retornei a Oiapoc, donde logo fui ter a Caiena. Nada mais me faltava ali do que aguardar o resultado de um processo,

18 O autor grafa Macapa. Trata-se, porém, de Macapá, fundada sob a invocação de São José, e cuja ereção à categoria de vila, em 1752, só foi confirmada em 1833, passando a gozar das regalias de cidade em 1858. Proposta por Cândido Mendes de Almeida para capital da província “Oiapoqui” ou “Pizânia” em 1853, pertence ela hoje ao Território do Amapá, um dos cinco criados em 1943. O município de Macapá tem 31.360 m² e conta 32.000 habitantes. (Nota de B. de M.)

19 O autor escreve Marajo. Marajó (vocábulo de que se derivou o gentílico marajoara, comumente aplicado à mais bela cerâmica sul-americana, ali encontrada e atribuída aos aruás) significa “tirado do mar” ou o “tapa-mar”. O outro topônimo, que lhe foi dado efemeramente, proveio de haver sido aquela ilha constituída em capitania, doada por D. João IV, em 1655, ao barão de Joanes (Antonio de Sousa de Macedo) e só reincorporada na Coroa em 1754. (Nota de B. de M.)

que ganhei embora improficuamente. Tristan d'Oreasaval pôs em juízo contra mim uma demanda, visando a obter o salário que eu lhe havia prometido, de 60 libras mensais. Prontifiquei-me a pagar-lhe 18 meses, tempo maior do que o da duração de sua viagem, se ele houvesse cumprido a missão de que eu o incumbira. A sentença do Conselho Supremo de Justiça de Caiena, datada de 7 de janeiro último, condenou-o a restituir-me os sete ou oito mil francos que eu lhe entregara em espécie, deduzidas as 1.080 libras que eu lhe havia prometido por 18 meses de salário, como combináramos. Mas aquele infeliz – depois de haver abusado da minha confiança, depois de haver dado causa a todas as desgraças de minha mulher e à morte de oito pessoas, contando o índio que se afogou, depois de haver dissipado o produto da venda das mercadorias que eu lhe confiara – achava-se insolvente, de tal sorte que não me julguei no caso de aumentar os meus prejuízos, alimentando-o, além do mais, na prisão.

Creio, senhor, haver satisfeito ao vosso desejo. Custou-me muito entrar nestas minudências, pois que isso importou em lembrar episódios dolorosos. O pleito judicial acima referido e as enfermidades de minha mulher, após sua chegada a Caiena, em consequência dos sofrimentos anteriores, não me possibilitaram, antes deste ano, expô-la a uma travessia marítima tão extensa.

Atualmente, acha-se ela, assim como seu pai, no seio da minha família, que os recebeu a ambos com ternura. O Sr. de Grandmaison não nutria o propósito de vir à França, pois que apenas queria pôr a filha a bordo do barco português; mas, em vista de sua idade anciã, alanceado, além disso, pela mais viva dor, por motivo da morte dos filhos, abandonou tudo, e embarcou-se com ela, encarregando seu outro genro, o Sr. Zavala, residente também em Riobamba, de tomar conta dos bens que ali deixou.

Por mais que toda a gente procure distrair minha mulher, ela sempre está triste, pois que trás sempre no espírito as suas mesmas desditas. Quanto me custou obter dela os esclarecimentos que me eram necessários, até para expô-lo a meus juízes, na tramitação do processo a que aludi! Não duvido de que ela guardou em silêncio, por delicadeza, muitas minúcias das quais desejara, para não se afligir, perder até a lembrança. Nem mesmo queira que eu perseguisse a Tristan d'Oreasaval, pondo de manifesto a sua compaixão e obedecendo aos impulsos de sua piedade em relação a um homem tão velhaco e tão injusto.

Índice Onomástico

A

A. Meillet – 69
Aguirre – 43
Albinus – 122
Alcurrucu – 167
Andrômaco – 123
Arrisaga, Vicente de – 159
Artur (médico) – 63, 108
Astudillo, Manuel de – 153

B

Balparda – 156, 158, 164, 166
Baraze (padre) – 84
Berrueta, Raimundo – 152
Borda – 120
Borja, Francisco de – 55
Bouguer, Pierre – 31, 34, 37, 41, 48, 90,
120, 134, 142, 143, 145, 173, 174, 175
Branco, José de Abreu Castelo – 111
Buffon – 183

C

Cadena, Pedro Vaca de la – 55
Calle, Matías de la – 139, 150, 152, 153,
154
Camus – 37, 174
Carlos I – 133
Carlos V – 133
Castilla, Marcos Gómez de – 156, 157,
158, 164
Celsius – 37, 174
Cevallos, Nicolau Palacios y – 142, 151
Choiseul (duque de) – 183

Cieza, Pedro de – 42
Clairault – 37, 174
Cohen, Marcel – 69
Condamine, Charles-Marie de la – 39, 42,
48, 64, 91, 100, 104, 115, 120, 133,
134, 150, 152, 154, 159, 161, 162,
168, 171, 173, 176, 177, 181
Condorcet – 120
Couplet – 174
Crespo, Juan Ximenes – 136
Cueva, Lucas de la – 55
Cugia, Gaspar de – 55

D

D'Albanel – 194
D'Artieda (padre) – 43
D'Auteroche, Chape – 174
D'Oreasaval, Tristán – 184, 185, 186, 192,
194, 195, 200
D'Orvilliers – 122, 125
Danville – 34
Dávila, Matías – 143, 149
De Acuña, Cristóbal (padre) – 41, 43, 44,
45, 73, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 91, 92,
96, 98, 99
De Bentink – 126
De Fiedmond – 198
De Gomberville – 44
De Grandmaison – 187, 188, 193, 194,
195, 200
De Jussieu – 123, 142, 143
De la Ville (padre) – 183
De Lacaille (padre) – 174
De Lille Adam – 108

De Mainville – 140
De Mairau – 120
De Martel – 197, 198, 199
De Maupertius – 37, 174
De Méaumur – 123
De Morainville – 108, 174, 175
De Réamur – 103
De Rebelo – 184, 185, 196
Delambre – 48
Delisle – 88

E

Enciso, Fernández de – 42
Eslaba, Sebastião de – 164, 168, 169
Espada, Marcos Jiménez de la – 43
Estava, Sebastián de – 187

F

F. Figueroa – 55
Feijó (padre) – 85
Ferreira, João (padre) – 89, 111
Feuillée – 70
Figueroa, José Pardo y – 44
Filipe V – 133, 173
Fritz, Samuel – 41, 44, 70, 73, 78, 79, 88,
92, 94, 112, 197

G

G. Martin - 129
Garcia, Rodolfo – 44
Garcilaso – 42, 61
Godin, Louis – 159
Gómez, Marcos (d. Luis Xavier Ysquierdo) –
V. Castilha, Marcos Gómez de
Gurjão, Francisco Cândido Mendes de – 198
Guevara, Marcos Bonegas de – 161, 162
Gumilla, Joseph (padre) – 90
Guzmán, Martín Saavedra y – 43

H

Hérouville (conde de) – 183
Herrera – 42
Herzé, Jerónimo – 142, 151
Hortsmann, Niklaus – 93
Hugo – 174
Humboldt – 64, 93
Hurtado, Inacio – 153
Huygens – 119

I

Iníiguez, Francisco – 166, 167

J

Jenner – 115
Joanes (barão de) – V. Macedo, Antônio de
Sousa de
João IV – 199
Joaquim – 194
Jordán, Antonio – 159
Jorge Juan – 136, 139, 141, 150, 175
Jussieu, Adrien de – 173
Jussieu, Antoine – 173
Jussieu, Antoine-Laurent – 173
Jussieu, Bernard – 173
Jussieu, José – 71
Jussieu, Joseph de – 154, 173, 175
Justino – 84

L

L' Escluse – 107
L'Abbé de la Ville – 126
La Vrillière (duque de) – 176
Labat (padre) – 98
Labat, Pedro – 84
Lacaille, Nicolas-Louis de – 174
Lacerda – 183
Laet – 42, 47, 107, 112
Lagrange – 120

Laplace – 120
Le Monnier – 37, 174
León, Diego de – 135, 136, 137, 138, 139,
143, 144, 145, 148, 152, 153, 155,
156, 160, 163, 165, 166, 167, 168
Léry – 107
Lineu – 173
Luís – 127
Luís XV – 29
Luna y Victoria, Vicente de – 140, 141, 153

M

Mabillon – 175
Macedo, Antônio de Sousa de (barão de
Joanes) – 199
Madriz, Sebastião de la – 141, 149, 150,
151, 154
Magnin (padre) – 63
Maldonado, Pedro – 64, 65, 85, 87, 113, 188
Martyr, Pierre – 42
Mauricius – 125
Méchain – 48
Melchior Cortes – 141
Melgar, Tomás – 154
Meneses, José de Sousa e – 154
Miguel (coronel de Mora) – 154
Mme. Godin – 185, 186, 187, 188, 189,
190, 192, 193, 194, 195, 196, 197
Molina, Nicolau – 160
Mora, Manuel de – 151, 166, 167
Mora, Sebastião Serrano y – 149, 150, 151
Moreno, Felix – 142, 151, 152
Mussenbroek – 122
Mutis – 49

N

Nauisapa – 151, 156, 167
Newton – 113, 119
Neyra, Nicolau de – 136, 138, 139, 140,
141, 143, 144, 145, 149, 150, 151,
155, 156, 163, 165, 166, 167

Nieto, João Julián – 159
Nugente, Tomás – 151

O

Omáguas, Joaquim d' – 81
Orellana – 41, 42, 43, 73, 81, 83, 84, 96, 99
Outhier (padre e abade) – 37, 174
Oviedo, Fernández de – 42

P

Parente, Manuel Maciel – 97
Paulet – 98
Pavón, José – 49, 70
Picard – 38
Pinzón, Vicente – 33, 111
Portales, Diego de – 83
Pulpero, André Miranda Tendero y – 153

Q

Quesada, Francisco – 137, 151, 160
Quesada, Manuela – 135, 136, 137
Quintana, José de – 169

R

Richer – 119, 121
Rivet, Paul – 69
Rodríguez, Manuel (padre) – 45
Romero – 194, 195, 196
Rouguer – 140, 142
Rouillé – 182, 183
Rubio, Manuel – 158
Ruiz, Hipólito – 49, 70

S

Sainson – 129
Salas, Antonio de (padre) – 136
Sampaio, Teodoro – 105
Sansón – 41
Santacilia, Jorge – 133

Santacilia, Jorge Juan – 39, 48

Santos, João dos (padre) – 84

Sarmiento (padre) – 85

Seniergues, Jean – 47, 133, 135, 136, 137,
138, 139, 140, 141, 142, 143, 144,
145, 147, 148, 149, 150, 151, 152,
153, 154, 155, 156, 157, 158, 159,
160, 161, 162, 163, 165, 166, 168,
170, 174

Serrano, Sebastião – 136, 139, 141, 143,
144, 145, 152, 153, 155, 159, 163,
164, 165, 167

Sicília, Diodoro da – 84

Sieur Chauvelin – 128

Sousa, José de (padre) – 111

Spitzberg – 30

Sr R – 186, 187, 189, 193, 194, 195

T

Teive, Ferriando da Costa de Ataíde – 196

Teixeira, Pedro – 33, 41, 43, 45, 73, 75, 79, 80

Terol (padre) – 185

Terraba, Francisco – 83

Thury, Cassini de – 37

Tomás de Neyra y Villamar – 157

Torres, João – 161

Torres, Juan – 160, 161

Trembley – 123

Trevor – 126

U

Ulloa, Antonio de – 39, 48, 133, 142, 175

Úrsua, Pedro de – 41, 43

V

Valleumbroso (marquês de) – 44

Vansyieten – 122

Veja, Diego de Vaca y – 55

Velasco, Manuel – 166, 167

Verguin – 150, 174, 175

Vicuña, Gregório – 140, 153

Villagarcia (marquês de) – 163

Virgílio – 173

Voiture – 98

Y

Ydrobo, João de (Cabeça de vaca) – 167, 168

Yesquén (padre) – 185

Z

Zarate, Augustín – 42

Zavala – 200